

**DENIS RAFAEL PEDROSO**

**REVISÃO DA TAXONOMIA E DISTRIBUIÇÃO  
DO GÊNERO *TRECHONA* C. L. KOCH, 1850  
(ARACHNIDA: ARANEAE: DIPLURIDAE)**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-graduação em  
Biologia Animal, para obtenção do  
título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2009**

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

P342r  
2009  
Pedroso, Denis Rafael, 1976-  
Revisão de taxonomia e distribuição do gênero  
*Trechona* C. L. Kock, 1850 ( Arachnida: Araneae:  
Dipluridae) / Denis Rafael Pedroso. – Viçosa, MG, 2009.  
xi, 99f.: il. (algumas col.) ; 29cm.

Orientador: Paulo Sérgio Fiúza Ferreira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.  
Referências bibliográficas: f. 76-80.

1. *Mygalomorphae*. 2. Aranha – Distribuição geográfica -  
Mata Atlântica. 3. Aranha – Classificação. 4. Trópicos. I.  
Universidade Federal de Viçosa. II.Título.

CDD 22.ed. 595.44

**DENIS RAFAEL PEDROSO**

**REVISÃO DA TAXONOMIA E DISTRIBUIÇÃO  
DO GÊNERO *TRECHONA* C. L. KOCH, 1850  
(ARACHNIDA: ARANEAE: DIPLURIDAE)**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-graduação em  
Biologia Animal, para obtenção do  
título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 20 de março de 2009.

---

Prof. Dr. Renner Luiz C. Baptista  
(co-orientador)

---

Prof. Dr. Jorge A. D. dos Santos  
(co-orientador)

---

Prof. Dr. Rogério Bertani

---

Prof. Dr. Abel Pérez González

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio Fiúza Ferreira  
(orientador)

O presente trabalho foi desenvolvido no Laboratório de Aracnologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob orientação do Dr. Adriano Brillhante Kury, Departamento de Invertebrados, Museu Nacional; Laboratório de Diversidade de Aracnídeos, sob orientação do Dr. Renner Luiz Cerqueira Baptista, do Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação dos Drs. Paulo Sérgio Fiúza Ferreira e Jorge Abdala Dergam dos Santos.

## A uma taça feita de um crânio humano

"Não recues! De mim não foi-se o espírito...  
Em mim verás - pobre caveira fria –  
Único crânio que, ao invés dos vivos,  
Só derrama alegria.  
Vivi! Amei! Bebi qual tu: na morte  
Arrancaram da terra os ossos meus.  
Não me insultes! Empina-me!... que a larva  
Tem beijos mais sombrios do que os teus.  
Mais val guardar o sumo da parreira  
Do que ao verme do chão ser pasto vil;  
- Taça - levar dos Deuses a bebida,  
Que o pasto do reptil.  
Que este vaso, onde o espírito brilhava,  
Vá nos outros o espírito acender.  
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro  
...Podeis de vinho o encher!  
Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,  
Quando tu e os teus fordes nos fossos,  
Pode do abraço te livrar da terra,  
E ébria folgando profanar teus ossos.  
  
E por que não? Se no correr da vida  
Tanto mal, tanta dor aí repousa?  
É bom fugindo à podridão do lodo  
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa!... "

Lorde Byron (Tradução: Castro Alves).

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha **Família**, que sempre me incentivou, confiando e acreditando em tudo que fiz.

À Fundação de Amparo a pesquisa do Estado de Minas Gerais (**Fapemig**) pela bolsa concedida.

Ao meu orientador **Paulo Sérgio Fiúza Ferreira**, por ter me aceitado como seu aluno e pela confiança depositada no decorrer desta dissertação.

Ao co-orientador e amigo **Adriano Brilhante Kury (Adrik)**, pelo ótimo convívio no laboratório nos últimos oito anos, pelos ensinamentos e ética profissional.

Ao co-orientador e amigo **Renner Luiz Cerqueira Baptista (Renninho)**, por ser meu mentor científico desde minha graduação, nos ensinamentos da araneologia e, principalmente, pela enorme ajuda no fechamento desta dissertação.

Ao co-orientador Prof. **Jorge Abdala Dergam dos Santos**, pelos ótimos conselhos nas infinitas burocracias no decorrer do curso.

Ao **Prof. Evaldo Vilela**, por ter dedicado parte do seu tempo para resolver problemas relacionados ao meu ingresso no curso.

Ao **Adnilson Antônio Brasileiro**, secretário do programa de pós-graduação em Biologia Animal da UFV, pelos enormes favores, paciência e...

À **Anete** (secretaria da pós-graduação do Museu Nacional), pela paciência nas minhas cobranças de documentos enviados ao Programa de Pós-graduação em Biologia Animal da UFV.

Aos pesquisadores que me enviaram material biológico, seja por empréstimo ou doação: **Dr. Antônio Domingos Brescovit (IBSP)**; **Dr. Arno Lise (PUC-RS)**; **Dr. Ricardo Pinto da Rocha (MZSP)** e **Dr. Glauco Machado (USP)**.

Ao **Dr. Rogério Bertani (IBSP)**, por se mostrar sempre prestativo nos meus vários pedidos de bibliografia, material biológico, fotos de espécimes e ilustrações de obras raras.

À **Jose Pedro Prezotto Neto e Flávio Yamamoto**, pelas fotos enviadas.

Ao **Rafael Indicati**, pelas fotos enviadas e por ter me alertado sobre uma espécie não descrita na coleção do IBSP. Obrigado mesmo!

Ao amigo **Eduardo Gomes Vasconcelos (Guma)**, pela excelente viagem ao estado de Santa Catarina, porém não tão produtiva como deveria, devido às chuvas e festas comemorativas da cerveja no mês de outubro na cidade de Blumenau.

Ao meu grande amigo-irmão **Alessandro Ponce de Leão Giupponi (Sucrilhos)**, pelo apoio constante e pela grande amizade construída nos últimos 15 anos.

À amiga **Amanda Cruz Mendes**, pela ajuda na confecção de alguns “slides” da minha apresentação.

À super-amiga protetora **Simone de Sousa Mesquita (Simonilda)**, por puxar sempre minha orelha nos momentos certos e pela orientação na minha caminhada de vida. Obrigado “cricrimone”.

À minha querida prima **Renata Swoboda dos Santos Pedroso**, por arrumar um cantinho na sua humilde residência, no meu período de coleta na cidade de Florianópolis e pelas excelentes festas promovidas.

À amiga **Simone Freitas**, pela enorme ajuda no período de inscrição, perdendo seu tempo correndo com papelada necessária para meu ingresso de seleção no programa. Amarrrrrrrrrrrelo obrigadooouo!!!

Aos amigos de Viçosa **Roberto Dantas** e **Marcelo Maia**, pelo espaço de moradia compartilhado em meu período de moradia na cidade e pelo ótimo convívio nos bares regados de cerveja (essa parte só ao Roberto).

Aos amigos do Laboratório de Aracnologia do Museu Nacional: **Thiago da Silva Moreira (Menudo)**; **Eduardo Henrique Wienskoski (Skull)**; **Cláudio Pires Ferreira (Jason)**; **Cristiano Sampaio (Cowboy)**; **Thaís Rossini** e **Victor Dill Orrico**.

Ao amigo de laboratório **Amazonas Chagas Junior (Amazing)**, pelos ótimos comentários, sugestões e ajuda na confecção desta dissertação.

Ao amigo **Abel Pérez Gonzalez**, pelas dicas e boa vontade no decorrer deste trabalho.

Às amigas, **Sabrina Pinheiro de Almeida** e **Sílvia Menezes Santos**, por me ceder por muitas vezes sua casa para meu descanso.

À **Blanche Dreher Rodrigues (Blan)**, por me ajudar nas traduções de alguns artigos e cuidar da minha Frida. Blan, obrigado!!!

À amiga **Fernanda Philippsen (Fefa)**, pelo apoio, paciência e carinho nos momentos em que estava perdido, que, mesmo à distância, se fez presente. A vida é sempre cheia de surpresas de onde menos esperamos. Obrigado, Fefita, por ser essa surpresa!!!

# SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. OBJETIVOS	7
2. HISTÓRICO	8
3. MATERIAIS E MÉTODOS	14
3.1. Levantamento bibliográfico	14
3.2. Material examinado	14
3.3. Conservação do material	15
3.4. Descrições	15
3.5. Medidas	16
3.6. Dissecção	16
3.7. Ilustrações e fotografias	17
3.8. Distribuição geográfica e localidades	18
3.9. Atos nomenclaturais	18
4. RESULTADOS	19
4.1. Chave para os gêneros brasileiros de Dipluridae	19
4.2. Gênero <i>Trechona</i> C. L. Koch, 1850	20
4.3. Chave para as espécies de <i>Trechona</i>	24
4.4. Lista de espécies	26
4.5. Descrição das espécies de <i>Trechona</i>	27
4.5.a. <i>Trechona rufa</i> Vellard, 1924	27
4.5.b. <i>Trechona uniformis</i> Mello-Leitão, 1935	35
4.5.c. <i>Trechona venosa</i> (Latreille, 1832)	42
4.5.d. <i>Trechona</i> sp. nova 1	50

<b>4.5.e.</b> <i>Trechona</i> sp. nova 2	54
<b>4.5.d.</b> <i>Trechona</i> sp. nova 3	58
<b>4.6.</b> Registros adicionais de <i>Trechona</i>	63
<b>5.</b> DISCUSSÃO	65
<b>5.1.</b> Caracteres taxonômicos genéricos e específicos	65
<b>5.2.</b> Espécies excluídas do gênero	66
<b>5.3.</b> Mudanças de status taxonômico	69
<b>5.4.</b> Fundamentação de nova espécie	71
<b>5.5.</b> Distribuição geográfica do gênero	73
<b>6.</b> CONCLUSÕES	74
<b>7.</b> REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
<b>8.</b> FIGURAS	81

## RESUMO

PEDROSO, Denis Rafael, M. Sc. Universidade Federal de Viçosa. Março de 2009.  
**Revisão da Taxonomia e Distribuição do Gênero *Trechona* C. L. Koch, 1850 (Arachnida: Araneae: Dipluridae)** Orientador: Paulo Sérgio Fiúza Ferreira. Co-orientadores: Renner Luiz Cerqueira Baptista, Adriano Brilhante Kury e Jorge Abdala Dergam dos Santos.

*Trechona* C. L. Koch, 1850 é um gênero neotropical de Mygalomorphae, composto por aranhas de grande tamanho (até cinco centímetros de corpo). Suas espécies têm uma lira bem desenvolvida no lado interno da maxila dos pedipalpos. A lira é composta por um grande número de cerdas rígidas, clavadas ou não, de diferentes tamanhos, arranjas em várias séries. A maioria dos diplurídeos não tem lira. O único outro diplurídeo lirado, *Diplura* C. L. Koch, 1850, apresenta um máximo de 26 cerdas, dispostas em uma única série na maxila. Além disso, *Trechona*, geralmente, tem fiandeiras relativamente curtas, quando comparadas às de outros diplurídeos. Essas aranhas têm o corpo acastanhado a enegrecido, geralmente com um padrão zebado no abdome, formado por faixas transversais claras. Elas vivem em longos túneis cavados em barrancos ou sobre troncos e pedras no solo da floresta. Embora sejam aranhas comuns na Mata Atlântica, espécimes de *Trechona* não são facilmente coletados, devido ao seu hábito fossorial e ao árduo trabalho necessário para removê-las de seus túneis. Até o início desta dissertação, *Trechona* incluía seis espécies e uma subespécie, e sua distribuição abrangia Brasil, Guianas e Colômbia. Como resultado deste estudo, a composição e a distribuição do gênero foram bastante alteradas. *T. lycosiformis* (C. L. Koch, 1842) foi transferida para Theraphosidae *incertae sedis*, formando a nova combinação “*Avicularia*” *lycosiformis*. A única espécie colombiana, *T. sericata* Karsch, 1879, foi transferida para *Linothele* Karsch, 1879. *T. adpersa* Bertkau, 1880, do estado do Rio de Janeiro, foi transferida para Nemesiidae e representa uma das espécies de um gênero não descrito do Sudeste do Brasil. As únicas espécies que permanecem em *Trechona*

são restritas à Mata Atlântica do Brasil, já que os registros de *T. venosa* (Latreille, 1832) para a Amazônia e as Guianas são, claramente, baseados em identificações errôneas. *T. venosa*, a espécie-tipo do gênero, ocorre do município do Rio de Janeiro até o centro-norte do Espírito Santo. *T. rogenhoferi* (Ausserer, 1871) é um *nomen dubium*, baseado em um jovem não identificável. *T. venosa rufa* Vellard, 1924 é elevada ao nível de espécie. *T. uniformis* Mello-Leitão, 1935 é uma espécie que ocorre no litoral leste do estado de São Paulo (sem localidade específica na descrição original), sul de Minas Gerais, e, provavelmente, sudoeste do estado do Rio de Janeiro. Ela pertence a um grupo distinto, com um bulbo muito longo e uma espermateca também muito alongada, sem ramo lateral e cabeça da espermateca delimitada. Três espécies inéditas foram encontradas: *Trechona* sp. 1 - apenas fêmeas, do estado de Santa Catarina; *Trechona* sp. 2 - somente um macho, do Parque Nacional do Caparaó, Minas Gerais; e *Trechona* sp. 3 – um macho e um jovem, de Cotia e Santo André, ambas as localidades no estado de São Paulo. Uma chave para a identificação das espécies é incluída.

## ABSTRACT

PEDROSO, Denis Rafael, M. Sc. Universidade Federal de Viçosa. March, 2009.  
**Taxonomic revision and distribution of the genus *Trechona* C. L. Koch, 1850 (Arachnida: Araneae: Dipluridae).** Advisor: Paulo Sérgio Fiúza Ferreira. Co-advisors: Renner Luiz Cerqueira Baptista, Adriano Brillhante Kury and Jorge Abdala Dergam dos Santos.

*Trechona* C. L. Koch, 1850 is a Neotropical genus of Mygalomorphae, formed by large spiders (body size up to 5 cm). Its species have a well-developed lyra at the internal side of the maxilla of the pedipalps. The lyra is composed by a large number of rigid setae of different sizes, clubbed or not, arranged in several rows. Most diplurid have no lyra at all. The only other lyrate diplurid, *Diplura* C. L. Koch, 1850, bear only up to 26 clavate setae, arranged in one row on the maxilla. Besides, *Trechona* usually has relatively short spinnerets compared to the long ones of other diplurids. These spiders have a brownish to blackish body, usually with a zeburate pattern of light, transverse stripes on the abdomen. They live in long burrows on ravines and under logs or stones at the forest soil. Though common spiders on Atlantic Forest, *Trechona* specimens are not easily collected, due to their burrowing habits and the arduous effort needed to take them out of their burrows. Up to the beginning of this dissertation, six species and one subspecies are included on *Trechona*, and its distribution area included Brazil, Guyanas and Colombia. As result of this revision, the genus composition and distribution were deeply changed. *T. lycosiformis* (C. L. Koch, 1842) was transferred to Theraphosidae *incertae sedis*, under the new combination “*Avicularia*” *lycosiformis*. The only Colombian species, *T. sericata* Karsch, 1879, was transferred to *Linothele* Karsch, 1879. *T. adspersa* Bertkau, 1880, from Rio de Janeiro state, was transferred to Nemesiidae and represents one of the species of an undescribed genus from Southeastern Brazil. The only species remaining in *Trechona* are restricted to the Atlantic Forest of Brazil, as the Amazonian and Guyanan records for *T. venosa* (Latreille, 1832) are clearly misidentifications. *T. venosa* is the type species of the genus

and occurs from Rio de Janeiro city to central-north Espírito Santo state. *T. rogenhoferi* (Ausserer, 1871) is a *nomen dubium*, based on an unidentifiable juvenile. *T. rufa* Vellard, 1924 is raised to species rank. *T. uniformis* Mello-Leitão, 1935 is a valid species, found in the eastern coast of São Paulo (no specific locality cited in the original description), southern Minas Gerais, and, probably, southwestern Rio de Janeiro states. It belongs to a separate group of species, with a very long bulb and a very elongate spermatheca, without lateral lobe and a clear fundus. Three undescribed species were found: *Trechona* sp. 1 - only females, from Santa Catarina state; *Trechona* sp. 2 – only a male, from Caparaó National Park, Minas Gerais state; and *Trechona* sp. 3 – a male and a juvenile, from Cotia and Santo André, both in São Paulo state. A key for species identification is included.

# 1-INTRODUÇÃO

A ordem Araneae é um dos grupos mais diversos entre os animais, compreendendo cerca de 41.000 espécies. As 109 famílias existentes são distribuídas em três grandes grupos monofiléticos: Mesothelae, Mygalomorphae e Araneomorphae, sendo que este último inclui mais de 90% das espécies descritas (CODDINGTON & LEVI, 1991; PLATNICK, 2009).

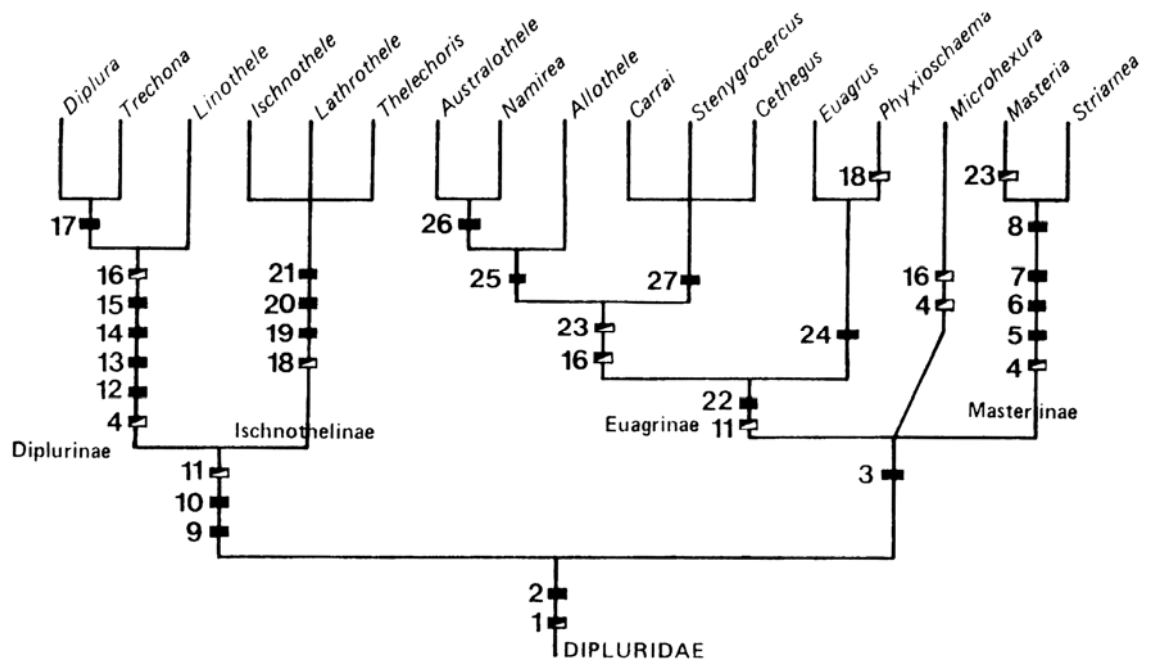
Dentre as famílias de Mygalomorphae (as populares caranguejeiras), Dipluridae Simon, 1889 é a quinta maior em número de espécies, contendo 24 gêneros e 172 espécies (PLATNICK, 2009). As espécies dessa família distribuem-se por todo o mundo, com exceção da Antártica, mas são encontradas principalmente nas regiões Australásica e Neotropical. Os diplurídeos são aranhas de hábitos noturnos, que geralmente cavam e fazem suas tocas em barrancos, algumas construindo teias em forma de lençol, como *Linothele* Karsch, 1879 e *Ischnothele* Ausserer, 1875, ou revestindo com seda somente a entrada da toca, como *Trechona* C. L. Koch, 1850. Os registros fósseis mais antigos para essa família são do período Cretáceo, para a região da Chapada do Araripe, Crato, Ceará, Brasil (SELDEN et al, 2006).

Os diplurídeos são facilmente reconhecidos por terem as quelíceras paralelas ao eixo do corpo (quelícera ortognata ou paraxial), com poucas cerdas cobrindo o corpo e, principalmente, pelo par posterior de fiandeiras geralmente muito alongado. No Brasil, são encontrados cinco gêneros pertencentes a esta família: *Diplura*, *Ischnothele*, *Linothele*, *Masteria* C. L. Koch, 1873 e *Trechona*. O gênero *Trechona* está alocado na subfamília Diplurinae, composta ainda por mais dois gêneros: *Diplura* e *Linothele*. Esta subfamília difere de todos os outros diplurídeos pelos seguintes caracteres: duas fileiras de dentes nas garras pareadas; garras não pareadas longas, curvadas e nuas; maxila com cúspulas e extensa sérrula; tarsos das pernas dos machos pseudo-articulados; tarso IV das fêmeas, ao menos, com a cutícula apresentando rachaduras ventralmente; fórmula

das pernas 4-1-2-3; câmore ocular cerca de duas vezes mais largo do que longo; tarsos dos palpos dos machos curtos, inerme, com dois lobos similares; e uma fileira de dentes nos sulcos quelicerais (RAVEN, 1985).

O monofiletismo de Dipluridae é sustentado por três caracteres (RAVEN, 1985, ver cladograma, Fig. 1): 1- fiandeiras laterais posteriores muito alongadas, mas com uma redução secundária (reversão) em *Microhexura* Crosby & Bishop, 1925 e, possivelmente, também em Masteriinae. 2- fiandeiras laterais posteriores separadas por mais de três vezes o seu diâmetro. 3- área cefálica (*caput*) deprimida associada a uma região torácica elevada (com paralelismos em Miginae, *Pseudonemesia* Caporiacco, 1955 e, talvez, em alguns Barychelidae).

Segundo RAVEN (1985), uma série de grupos monofiléticos dentro de Dipluridae é imediatamente evidenciada por caracteres apomórficos compartilhados exclusivos. Diplurinae e Ischnothelinae são considerados grupos-irmãos, devido à presença de tarsos pseudo-articulados nos machos (caráter 9), tibia I dos machos com esporão distal (caráter 10) e órgão tarsal com porção central elevada (caráter 11). Diplurinae inclui os diplurídeos com garras pares denteadas biserialmente (caráter 12), tarsos pseudo-articulados em ambos os sexos, e não somente nos machos (caráter 13), garras ímpares múticas (caráter 14) e cerdas escopulares presentes nos tarsos das pernas das fêmeas (caráter 15). Ischnotelinae apresenta um dos lobos cimbiais singularmente alongado nos machos (caráter 19), artículo distal das fiandeiras laterais posteriores pseudo-articulado (caráter 18), duas filas de dentes no sulco da quelícera (caráter 20) e tricobótrios com bótrios em forma de lua crescente (caráter 21). O único outro grupo com representantes brasileiros, Masteriinae, possui sérrula formando um pente curvo proeminente (caráter 5), olhos medianos anteriores reduzidos ou ausentes (caráter 6), dentes da garra ímpar dispostos sobre um processo comum elevado (caráter 7) e olhos dispostos em grupo arredondado e compacto (caráter 8).



**Figura 1. Cladograma mostrando as inter-relações entre os gêneros de Dipluridae, (segundo Raven, 1985).**

Dentro de Diplurinae, *Diplura* e *Trechona* possuem uma lira estridulatória similar na maxila (caráter 17, notado primeiramente por BLACKWALL, 1867), formada por uma ou mais séries de cerdas rígidas, clavadas ou não. Uma lira análoga ocorre apenas em Theraphosoidina (Theraphosidae e famílias afins, um grupo distante de Dipluridae). Assim, a presença de lira é considerada uma sinapomorfia para esses dois gêneros de Diplurinae.

RAVEN ainda argumenta que algumas espécies de *Linothele* e *Trechona* compartilham a presença de escópula tarsal bem desenvolvida (caráter 15). Em algumas espécies de *Linothele*, os pêlos da escópula são pequenos e intercalados com numerosas cerdas ao longo do comprimento do tarso. Em *Diplura*, e na maioria das espécies de *Linothele*, as escópulas são rudimentares, mas sempre evidentes, ao menos nos tarsos I e II. As escópulas tarsais de *Trechona* são muito densas, o que levou a que algumas espécies de *Acanthogonatus* Karsch, 1880 (Nemesiidae), também com densas escópulas, fossem, erroneamente, incluídas em *Trechona*. A lira é uma sinapomorfia

inequívoca, mas a escópula das pernas é um caráter muito homoplástico, ocorrendo em diferentes grupos de Mygalomorphae. A hipótese de que as escópulas tenham se desenvolvido independentemente é preferível, pois a consistência deste caráter é menor. Assim, *Diplura* e *Trechona* são considerados como grupos-irmãos.

O gênero *Trechona* inclui aranhas de grande porte, podendo chegar a cinco centímetros de corpo (PEDROSO & BAPTISTA, 2004). O gênero pode ser reconhecido pela presença de uma lira muito bem desenvolvida na face interna da maxila dos pedipalpos. Em *Trechona*, esse tipo de aparelho estridulatório é formado por um grande número de cerdas rígidas clavadas ou simples (50 ou mais), reunidas em uma grande placa escura, em contraste com outros diplurídeos, que não possuem lira ou apresentam apenas uma lira com algumas cerdas isoladas (até 12 cerdas, segundo RAVEN, 1985). Os adultos são de coloração acastanhada a negra, apresentando geralmente faixas claras transversais (padrão zebrado), de coloração avermelhada ou rosada no animal vivo, sobre o dorso e as laterais do abdome (PEDROSO & BAPTISTA, 2004).

Essas aranhas são encontradas, em sua maioria, dentro de túneis cavados em barrancos ou embaixo de troncos e pedras, geralmente com a entrada camuflada por galhos e folhas. Pode existir um véu de seda recobrendo a entrada do túnel, mas não há teia-lençol. Os machos, quando sexualmente maduros, são errantes, ao contrário das fêmeas adultas, que permanecem em suas tocas (PEDROSO & BAPTISTA, 2004). O comportamento predatório de *Trechona* difere dos demais gêneros de Dipluridae do Brasil, já que essas aranhas não fazem teia para a captura de suas presas (invertebrados e pequenos vertebrados). Elas ficam à espreita na toca durante a noite e realizam rápidos ataques diretos sobre presas que se aproximam (R. BAPTISTA, com. pessoal).

Quanto ao comportamento parental, a presença de filhotes na toca, juntamente com a mãe, foi observada por mim e por R. Baptista (com. pessoal) em vários espécimes de *Trechona venosa*. Também foram encontradas ootecas, as quais são

revestidas por uma camada espessa de seda, formando um saco branco flexível. Em uma das tocas, a ooteca foi retirada e a com um total de 174 ovos contados.

No Brasil, VITAL BRAZIL & VELLARD (1925) e VELLARD (1936) fizeram alguns estudos com a peçonha de *Trechona venosa* (Latreille, 1832), demonstrando experimentalmente a forte atividade tóxica de seus componentes. Em contraposição, LUCAS et al (1994) relataram que apenas alguns poucos casos de picadas de “*Trechona venosa*” foram registrados em seres humanos e considerados sem gravidade. No entanto, um estudo sobre a toxicidade dos componentes da peçonha de *T. venosa* vem sendo desenvolvido atualmente no Instituto Vital Brazil, utilizando camundongos como cobaias. A análise da peçonha de nove indivíduos de *T. venosa*, provenientes da Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro, verificou que a peçonha dessa espécie possui ação neurotóxica tão potente quanto a do tão conhecido escorpião-amarelo, *Tityus serrulatus* Lutz & Mello, 1922 (C. M. V. SOUZA, com. pessoal). Esses dados corroboram os estudos originais feitos por VITAL BRAZIL E VELLARD (1925), também realizados com espécimes do Rio de Janeiro. É provável que os dados epidemiológicos de LUCAS et al. (1994) refiram-se a *T. rufa*, pois os casos analisados ocorreram no estado de São Paulo.

Embora sejam aranhas comuns na Mata Atlântica, elas não são bem representadas em coleções. Este fato deve-se principalmente aos seus hábitos fossoriais, que requerem técnicas de coleta específicas para a extração dos animais de seus longos túneis.

A ausência de uma revisão taxonômica do gênero *Trechona* acarreta sérias dificuldades na identificação das espécies desse gênero, pois a maioria das espécies foi descrita inadequadamente, com ilustrações e informações insuficientes para o seu reconhecimento. Além disso, a distribuição registrada para algumas espécies parece ser incongruente com o padrão geral para o gênero, havendo necessidade de estudos que

possibilitem uma melhor determinação da distribuição geográfica de cada espécie. O reconhecimento das espécies deste importante gênero de aranhas caranguejeiras somente poderá ser feito com segurança se houver uma revisão taxonômica do gênero, seguindo os padrões atuais em taxonomia de aranhas, incluindo ilustrações adequadas da genitália e de outros caracteres diagnósticos e levando em conta a variação existente em cada táxon.

## 1.1-OBJETIVOS

- Revisar e redescrever todas as espécies do gênero *Trechona*.
- Definir os limites do gênero.
- Descrever as possíveis espécies identificadas como inéditas.
- Propor um conjunto de caracteres morfológicos para a determinação segura das espécies.
- Confeccionar chaves de identificação para a nível genérico e específico.
- Confeccionar mapas e determinar a área de distribuição de cada espécie estudada, levando em conta os exemplares depositados nas principais coleções brasileiras e as citações confiáveis na literatura.
- Avaliar a validade dos caracteres e definir os novos caracteres.
- Sugerir, sem propor formalmente, as alterações nomenclaturais decorrentes das conclusões aqui obtidas, dentro de uma classificação revisada do gênero.

## 2-HISTÓRICO

A primeira citação na literatura de um representante de *Trechona* foi a descrição por LATREILLE, em 1832, de *Mygale venosa*, baseado em uma fêmea do Brasil, dentro da Família Mygalidae Sundevall, 1833 (= Theraphosidae Thorell, 1870). Sem conhecimento do trabalho anterior de Latreille, WALCKENAER (1835) descreveu *Mygale zebra* para o Brasil, baseado em uma fêmea doada por Alexandre Lefèbvre. Na continuação do mesmo trabalho, mas em uma sessão da Sociedade Entomológica da França realizada posteriormente (2-Setembro-1835) à sessão em que o trabalho original foi apresentado (5-Agosto-1835), Walckenaer sinonimizou sua espécie com a de Latreille. Ambas as comunicações de Walckenaer foram publicadas no mesmo volume do “*Annales de la Société Entomologique de France*”.

Em 1837, WALCKENAER, erroneamente, alterou o nome de sua espécie para *Mygale zebra* e listou-a, sem explicação, em primeiro lugar, incluindo *M. venosa* como sinônimo. C. L. KOCH (1842) examinou o tipo e redescobriu *M. zebra* Walckenaer, 1835, tendo seguido Walckenaer em relação à grafia errônea da espécie deste autor e à validade dessa espécie, em vez de *M. venosa*.

Em 1850, C. L. KOCH propôs uma subdivisão de *Mygale* Latreille, 1802 em sete subgêneros, dentre os quais o novo subgênero *Trechona*. Neste subgênero, ele relacionou seis espécies, incluindo *Mygale zebra*, citada como *Trechona zebra* (sic!), e uma espécie por ele anteriormente descrita, *Mygale lycosiformis* C. L. Koch, 1842, baseada em uma fêmea procedente do Brasil. Estas duas espécies eram as únicas ainda pertencentes a *Trechona* no início desta dissertação, tendo as outras quatro espécies sido transferidas para as famílias Theraphosidae e Nemesiidae por autores diversos.

Em seu trabalho capital de revisão das caranguejeiras (1871), AUSSERER elevou o subgênero *Trechona* à categoria de gênero, juntamente com a maioria dos

outros subgêneros de *Mygale*. Ele também alterou a composição do gênero, excluindo a maioria das espécies, exceto *T. venosa* e *T. lycosiformis* (esta última mantida com dúvida em *Trechona*). Ele também sugeriu que a espécie *Mygale conformis* C. L. Koch, 1839 pudesse pertencer a esse gênero (incluindo a expressão “*Trechona?*” após a citação da espécie). Assim, *T. venosa* foi, implicitamente, considerada por ele como tipo do gênero, pois era a única espécie incluída com segurança em *Trechona*. Ausserer também identificou, erroneamente, dois machos do Chile como *T. venosa* e descreveu-os como os primeiros machos conhecidos dessa espécie. Ele ainda descreveu *Diplura rogenhoferi*, baseado em uma “fêmea” do Brasil, que possui um corpo de 19 mm e fiandeiras tão longas quanto o abdome, segundo a descrição. Essa espécie está, atualmente, alocada em *Trechona*.

Em 1879, KARSCH afirmou que a redescrição de *Trechona* por Ausserer foi baseada somente nos dois machos do Chile erroneamente identificados, e não sobre exemplares legítimos do gênero. Alguns dos caracteres citados por Ausserer (ex. a proporção do comprimento / largura do esterno e a escópula tarsal) não concordavam com os exemplares de *Trechona* do Museu de Berlim (três fêmeas secas de *Trechona venosa* do Brasil, provavelmente as mesmas estudadas anteriormente por Koch) examinados por Karsch. Ele ainda descreveu *Trechona sericata*, baseado em uma fêmea da Colômbia.

Em 1880, BERTKAU descreveu *Trechona adspersa*, com base em um macho de Teresópolis, estado do Rio de Janeiro. Ele menciona na descrição o pequeno tamanho do macho (10 mm), o padrão aleatório de manchas e a ausência de garras nos tarsos das pernas I-III, além de fornecer uma ilustração adequada do palpo.

A subfamília Diplurinae foi criada em 1889 por SIMON, em sua quarta memória sobre as aranhas da Venezuela, dentro da Família Aviculariidae Simon, 1874 (= Theraphosidae). Todavia, somente no primeiro tomo de sua obra magna “Histoire

Naturelle des Araignées” (1892), SIMON analisou em detalhes a composição e as características de Diplurinae. A descrição de *Trechona* fornecida no início do livro de Simon refere-se aos espécimes chilenos de *Acanthogonatus*, erroneamente identificados como *Trechona* por AUSSERER (1871). Devido a essa discrepância, SIMON descreveu, nesse mesmo trabalho, o novo gênero *Eudiplura*. A espécie-tipo desse gênero é *Diplura rogenhoferi*, à qual ele atribuiu um macho proveniente do Brasil, pertencente ao Museu de Paris. Simon separou *Eudiplura* de *Trechona* “sensu” Ausserer por possuir garra ímpar pequena, mas visível, e pelos olhos médios anteriores maiores que os laterais anteriores.

POCOCK (1896) publicou um trabalho pequeno sobre a presença do “órgão de Wood Mason” (lira estridulante e pente) em *Trechona venosa*. Ele reconheceu que a primeira descrição da lira para essa espécie foi feita por BLACKWALL (1867), o qual considerou, erroneamente, que a lira ajudava na mastigação. Pocock também tratou, como holótipo de *Mygale zebra*, um exemplar fêmea, seco e alfinetado, rotulado pelo próprio Walckenaer, que, então, achava-se presente no Museu Britânico. F. PICKARD-CAMBRIDGE, também em 1896, reconheceu o valor da lira como caráter taxonômico em Dipluridae e fez uma descrição detalhada de sua forma e posição em *T. venosa*. No mesmo ano (1896), SIMON identificou alguns jovens do Chile como *T. venosa*, provavelmente confundido pela identificação errônea da espécie por Ausserer. O mesmo F. PICKARD-CAMBRIDGE foi também o primeiro a tratar Dipluridae como uma família (1897).

No segundo tomo de seu livro “Histoire Naturelle des Araignées” (1903), SIMON corrigiu a descrição fornecida no primeiro tomo, que era baseada em *Trechona* “sensu” Ausserer. Ele transcreveu a descrição real do gênero feita por F. PICKARD-CAMBRIDGE (1896). Simon, então, passou a diferenciar *Eudiplura* de *Trechona* pela presença naquele gênero de fiandeiras apenas um pouco mais curtas que o abdome, com

o artigo apical mais longo que os anteriores, e pela presença de apenas 7-9 cerdas clavadas na maxila.

Em sua lista de gêneros de aranhas e suas espécies-tipos (1902), F. PICKARD-CAMBRIDGE, erroneamente, considerou que *Mygale zebra* (= *M. venosa*) não poderia ser a espécie-tipo de *Trechona*, pois ela havia sido indicada como espécie-tipo de *Pezionyx* Simon, 1864 (um nome supérfluo proposto em substituição a *Onysopelma* Simon, 1864). Ele, então, propôs *Mygale lycosiformis* como espécie-tipo de *Trechona*. Contudo, o gênero *Onysopelma* já havia sido sinonimizado com *Trechona* por AUSSERER (1871). A indicação de *T. venosa* como espécie-tipo de *Trechona* já havia sido feita, implicitamente, por Ausserer, no trabalho citado anteriormente, e, explicitamente, por SIMON (1903).

MELLO-LEITÃO (1923) fez uma redescrição da fêmea de *T. venosa*, e citou uma ampla distribuição para essa espécie, indo das Guianas ao sul do Brasil. Entretanto, ele não indicou nenhuma referência para justificar tão ampla distribuição. Ademais, ele citou somente dois espécimes em seu trabalho: a fêmea usada para a redescrição, proveniente de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, e uma segunda fêmea, de São Paulo, estado de São Paulo. Em 1924, VELLARD também fez uma redescrição da fêmea de *T. venosa*, baseado em várias fêmeas do Rio de Janeiro e Niterói, ambas localidades do estado do Rio de Janeiro. Ele descreveu um macho por ele atribuído a *T. venosa*, proveniente de Fortaleza de Minas, estado de Minas Gerais. Ele também descreveu uma nova subespécie, *T. venosa rufa*, baseada em uma fêmea de Cubatão e em duas fêmeas de localidades desconhecidas, todas no estado de São Paulo.

Em 1927, FISCHER publicou um trabalho sobre migalomorfos da América do Sul, em especial da região de Maracay e Caracas, Venezuela. Nesse trabalho, ele descreveu um macho, identificado erroneamente por ele como *Eudiplura rogenhoferi*.

MELLO-LEITÃO & ARLÉ (1934) descreveram as mudanças ontogenéticas na lira dos três primeiros instares de *T. venosa*. Eles mostraram que o lado interno da coxa do pedipalpo em aranhas do primeiro ínstar não possui cerdas clavadas e que o número de cerdas rígidas aumenta do segundo para o terceiro ínstar de 5-10 cerdas para 15 ou mais. O mesmo MELLO-LEITÃO (1935) descreveu mais uma espécie para o gênero, *Trechona uniformis*, baseado em um macho do estado de São Paulo, sem localidade precisa.

Em 1957, BÜCHERL fez pequenos comentários e publicou desenhos dos palpos de machos identificados por ele como *Trechona adspersa*, *T. uniformis*, *T. venosa* e *T. venosa rufa*, mas não indicou a procedência dos espécimes utilizados em seu trabalho.

Em seu trabalho revisionário sobre Mygalomorphae, RAVEN (1985) fez uma curta discussão sobre *Trechona*. Ele considerou que os espécimes chilenos atribuídos a *T. venosa* provavelmente pertencem a *Acanthogonatus subcalpeianus* (Nicolet, 1849), um gênero de Nemesiidae. Segundo GOLOBOFF (1995), Raven identificou erroneamente essa espécie, tratando-se, realmente, de *A. campanae* (Legendre & Calderón, 1984), a qual possui faixas transversais claras no abdome, assim como *Trechona*. No mesmo trabalho, Raven também examinou o holótipo de *Diplura rogenhoferi* Ausserer, 1871. Ele ainda localizou e ilustrou o macho do Museu de Paris que Simon utilizou para a descrição do gênero *Eudiplura* e identificou como *Eudiplura rogenhoferi*. Raven mostrou que ambos os espécimes possuem a típica lira de *Trechona*, sinonimizando, portanto, os dois gêneros e transferindo a espécie de Ausserer para este último gênero.

PEDROSO & BAPTISTA (2004) redescreveram *Trechona venosa*, designando um neótipo, e restringiram sua distribuição para a Floresta Atlântica, entre os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nesse trabalho, eles alertaram para a possibilidade de que a subespécie *Trechona venosa rufa* Vellard, 1924 constituísse uma espécie válida.

PEDROSO, BAPTISTA & FIÚZA (2008) alteraram substancialmente a composição e a distribuição do gênero *Trechona*. Esse trabalho é parte dos resultados desta dissertação. As modificações publicadas serão discutidas nas seções Resultados e Discussão. É importante lembrar que esses resultados já foram incorporados ao catálogo de PLATNICK (2009, v. 9.5).

No início desta dissertação, o gênero *Trechona* apresentava seis espécies e uma subespécie, todas da região Neotropical, segundo a versão da época do catálogo eletrônico de PLATNICK (2007, v. 8.0). Essas espécies são relacionadas abaixo, seguidas da distribuição citada para os países da América do Sul.

1. *T. adspersa* Bertkau, 1880. \_\_\_\_\_ Brasil.
  2. *T. lycosiformis* (C. L. Koch, 1842). \_\_\_\_\_ Brasil, Guiana.
  3. *T. rogenhoferi* (Ausserer, 1871). \_\_\_\_\_ Brasil.
  4. *T. sericata* Karsch, 1879. \_\_\_\_\_ Colômbia.
  5. *T. uniformis* Mello-Leitão, 1935. \_\_\_\_\_ Brasil.
  6. *T. venosa* (Latreille, 1832). \_\_\_\_\_ Brasil.
- T. venosa rufa* Vellard, 1924 \_\_\_\_\_ Brasil.

A composição do gênero *Trechona* segundo PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA (2008) e a última versão do catálogo eletrônico de PLATNICK (2009, v. 9.5), é listada abaixo.

1. *T. rufa* Vellard, 1924 \_\_\_\_\_ Brasil.
2. *T. uniformis* Mello-Leitão, 1935 \_\_\_\_\_ Brasil.
3. *T. venosa* (Latreille, 1832) \_\_\_\_\_ Brasil.
4. *T. rogenhoferi* (Ausserer, 1871) ? *nomen dubium* \_\_\_\_\_ Brasil.

## 3. MATERIAIS E MÉTODOS

### 3.1. Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi realizado, principalmente, através dos catálogos taxonômicos que compilam a literatura sobre aranhas: ROEWER (1942-1944, 1955), BONNET (1945-1961), BRIGNOLI (1983) e PLATNICK (1989, 1993, 1998). Além desses, foi examinada a publicação “online” *The World Spider Catalog, Version 9.5*, compilada por PLATNICK (2009).

### 3.2. Material Examinado

Para este estudo, foram reunidos e examinados 166 espécimes pertencentes a 126 lotes, incluindo 45 machos, 81 fêmeas e 40 jovens e subadultos. A maior parte desse material pertence à coleção do Instituto Butantan, São Paulo. Os lotes foram listados logo após o histórico de cada espécie, em ordem alfabética, e dispostos em dois níveis hierárquicos: país e estado.

Seguem abaixo as instituições de depósito do material examinado e suas respectivas abreviaturas:

**IBSP** - Instituto Butantan. São Paulo, Brasil.

**MNRJ** - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

**MZSP** - Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Foram feitos pedidos de empréstimos de exemplares a outras instituições brasileiras, como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e Museu Paraense Emilio Goeldi, porém estas não possuíam material representante do gênero *Trechona* em suas coleções.

Foram realizadas, por mim e outros membros do Laboratório de Aracnologia do Museu Nacional, várias expedições aracnológicas, por diversos locais do Brasil, incluindo localidades dos estados de Roraima, Amazonas, Tocantins, Bahia, Mato grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre esses, somente foram coletados exemplares de *Trechona* em Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

### **3.3. Conservação do Material**

O material está, via de regra, acondicionado em recipientes de vidro de tamanhos variados, e conservado em álcool a 75 %. Boa parte dos lotes do IBSP está acondicionada em sacos plásticos. Todos os exemplares ficam guardados em baldes abrigados da luz solar. O material em empréstimo fica acondicionado da mesma maneira que o da coleção, mas em baldes separados do restante, com identificação adequada.

### **3.4. Descrição**

O formato das descrições desta dissertação segue a literatura taxonômica corrente Mygalomorphae, por exemplo, BERTANI (2001), COYLE (1995), PEDROSO & BAPTISTA (2004) e PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA (2008).

A coloração dos espécimes refere-se, geralmente, a exemplares conservados em álcool etílico a 70 % e 75 % (dependendo da instituição de origem), já que não foi possível a manutenção de exemplares vivos da maioria das espécies para a descrição da cor. Contudo, a coloração do animal vivo nas espécies observadas era semelhante à de espécimes que ainda não haviam permanecido muito tempo em álcool, somente apresentando cores mais vivas. Algumas fotos foram incluídas no final desta dissertação.

Os caracteres presentes na maioria das espécies do gênero são citados apenas na descrição genérica, não sendo repetidos nas descrições específicas. Apenas as exceções são citadas sob cada espécie.

Algumas estruturas das genitálias das fêmeas não possuíam nomes específicos claramente determinados na literatura em português. São usados aqui os nomes “cabeça da espermateca” para o espessamento (dilatação) da extremidade distal da espermateca (“*fundus*” em inglês) e “ramo lateral da espermateca” para um ramo (lóbulo) que surge pouco antes da extremidade distal.

### **3.5. Medidas**

As medidas foram obtidas em um estéreo-microscópio Wild Heerbrugg M8, com ocular micrométrica acoplada. As medidas são apresentadas em precisão de até metade de um milímetro. O comprimento do cefalotórax foi medido na linha mediana do corpo, indo da margem posterior até a extremidade da carapaça. O comprimento total foi medido da margem anterior dorsal das quelíceras até a base do tubérculo anal. Cada artigo do palpo e da perna I foi medido no sentido longitudinal, da parte basal até a distal.

O número de exemplares medidos é fornecido entre parênteses, ex: ‘(n = x)’. A média das medidas é dada antes dos parênteses que indicam a variação encontrada dentro da espécie. Ex: ‘x (y-z)’.

### **3.6. Dissecção**

As espermatecas foram retiradas delicadamente do ventre do abdome na região do sulco epigástrico, com a ajuda de uma delgada pinça entomológica e com uma lâmina de corte fino. Inicialmente, as espermatecas eram limpas e clarificadas em uma solução contendo meio comprimido efervescente de uma enzima proteolítica (Prolase

300) e 3 ml de água destilada durante 24 horas. Contudo, esse processo acarretava, às vezes, deformação da cabeça da espermateca, devido ao colapso das paredes, ou mesmo da espermateca inteira, alterando bastante o aspecto da estrutura. Posteriormente, as genitálias femininas passaram a ser clarificadas com óleo de cravo. Após esse processo, as espermatecas foram montadas com gel de glicerina em uma lâmina escavada para a confecção dos desenhos. O palpo esquerdo dos machos foi retirado e, posteriormente, montados em placa de Petri, imersos em álcool etílico a 75 % com fundo de areia ou em álcool hidratado, para a confecção dos desenhos.

### **3.7. Ilustrações e Fotografias**

Os rascunhos dos desenhos foram feitos com lapiseira 0,3 mm, em Lupa Wild Heerbrugg M8 com câmara clara acoplada. Os desenhos originais (com a arte final) foram feitos a partir dos rascunhos, através de uma mesa de luz. Os desenhos feitos a lápis foram sombreados, utilizando lápis HB, 2B, 4B e 6B, e contornados com lapiseira 0,3 mm ou caneta nanquim 0,1 mm. As ilustrações das genitálias das fêmeas foram feitas em papel vegetal, com caneta nanquim 0,1 mm, através de pontilhados. Depois de prontos, os desenhos foram digitalizados com diversos tipos de “scanner” e ajustados no Adobe Photoshop 7.0. As pranchas foram organizadas com CorelDRAW 12.0.

As fotografias foram feitas com máquinas digitais de diversas marcas, como Nikon Coolpix 5000 e Canon, utilizando várias ampliações e iluminação externa. Os originais foram retrabalhados e tratados com o auxílio do software Adobe Photoshop 7.0. As pranchas foram organizadas com CorelDRAW 12.0. As barras das escalas representam 1 milímetro.

### **3.8. Distribuição geográfica e procedências**

Todas as informações referentes à distribuição geográfica das espécies foram retiradas das etiquetas de procedência do material examinado ou da respectiva descrição. Quando necessário, foram adicionadas informações complementares, como município a que pertence a localidade. Apenas os registros da literatura acompanhados de ilustrações suficientes para a identificação precisa da espécie foram incorporados à distribuição.

As coordenadas foram inicialmente obtidas da base de dados dos municípios brasileiros, versão 1998, do IBGE (distribuída no sítio da instituição <http://www.ibge.br>) e suplementadas por fontes diversas da INTERNET, especialmente o sítio “Global Gazetteer, v. 2.1”, disponível em <http://www.fallingrain.com/world>). Os mapas foram confeccionados em CorelDRAW 12.0.

### **3.9. Atos nomenclaturais**

De acordo com o International Code of Zoological Nomenclature, 4ª edição (ICZN, 1999), os atos nomenclaturais apresentados em uma dissertação não são válidos por esta não constituir uma publicação. Do mesmo modo, a designação de “tipos” e “localidades-tipo” só será válida de fato quando da publicação efetiva do nome.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Chave para os gêneros brasileiros de Dipluridae

A chave aqui apresentada pode ser usada tanto para machos, quanto para fêmeas, e foi modificada a partir de RAVEN, 1985.

1. Aranhas muito pequenas (menos de 5 mm de corpo). Olhos médios anteriores muito pequenos ou ausentes (Vivem no folhiço de matas) \_\_\_\_\_ *Masteria*

Aranhas pequenas a grandes (mais de 10 mm de corpo). Olhos médios anteriores normais (Vivem sob pedras, troncos caídos, dentro de tocas ou em teias-lençol) \_\_\_\_\_ 2

2. Lira presente na face interna das maxilas \_\_\_\_\_ 3

Lira ausente \_\_\_\_\_ 4

3. Lira formada por 50 ou mais cerdas estridulatórias rígidas, dispostas em várias séries de cerdas de tamanhos variáveis, formando uma grande placa na face interna da maxila dos pedipalpos. Fiandeiras alcançando, no máximo, 1/2 do comprimento do abdome nas fêmeas e pouco mais de 2/3 nos machos. Fóvea torácica claramente recurva. Adultos grandes (no mínimo, fêmeas com 35 mm e machos com 23 mm de corpo), com abdome apresentando um padrão zebado de faixas transversais claras (Vivem em túneis, sem teias-lençol, na Mata Atlântica do Sudeste e Sul do Brasil)

\_\_\_\_\_ *Trechona*

Lira formada por um número menor de cerdas rígidas (até 26 cerdas), dispostas em uma única série, sem cerdas adicionais. Fiandeiras relativamente maiores, geralmente ultrapassando o comprimento do abdome, mas um pouco menor do que este em algumas espécies. Fóvea torácica reta. Adultos de tamanho médio a grande (fêmeas até 25 mm de corpo, machos até 20), de colorido variável (Vivem em teias-lençol ou apenas tubular de revestimento, sob troncos ou rochas em mata ou cerrado) \_\_\_\_\_ *Diplura*

4. Fiandeiras laterais posteriores pseudo-articuladas, com artículo distal muito longo. Uma fileira de dentes nas garras pares dos tarsos das pernas. Adultos pequenos (no máximo, 15 mm de corpo) (Teia irregular, com muitos túneis em barrancos ou no solo de áreas secas) \_\_\_\_\_ *Ischnothele*

Fiandeiras laterais posteriores não pseudo-articuladas e com artículo distal não muito desenvolvido. Adultos de tamanho mediano a grande (até 30 mm de corpo) (Vivem em teias-lençol, geralmente em barrancos de matas) \_\_\_\_\_ *Linothele*

## 4.2. Gênero *Trechona* C. L. Koch, 1850

*Mygale* Lamarck, 1802 (*partim*)

*Onysopelma* Simon, 1864, p. 68; Ausserer, 1871, p. 197 (Sin. com *Trechona*)

*Pezionyx* Simon, 1864, pp. 530, 538 (nome supérfluo para *Onysopelma*)

*Eudiplura* Simon, 1892; Raven, 1985: 75 (Sin. com *Trechona*)

**ESPÉCIE-TIPO:** *Mygale venosa* Latreille, 1832.

**DIAGNOSE:** difere de *Diplura* pela grande quantidade de cerdas rígidas, clavadas ou não, que compõe a lira (acima de 50 cerdas, de tamanhos variáveis), distribuídas em várias séries, por apresentar escópula nos tarsos I e II densa e não dividida e pela fôvea recurva (e não reta). Difere de *Linothele* por possuir lira. Também apresenta fiandeiras relativamente pequenas (no máximo, metade do comprimento do abdome nas fêmeas e pouco mais de dois terços nos machos) em relação aos dois outros gêneros de Diplurinae.

**DESCRIÇÃO:** Morfologia do gênero muito uniforme, ver detalhes na descrição das espécies abaixo. A descrição de algumas estruturas comuns a todas as espécies estudadas é fornecida a seguir.

Carapaça (Fig. 19) ovalada, um pouco mais comprida do que larga, com região ocular mais estreita. Cômoro ocular cerca de duas vezes mais largo do que longo. Olhos posteriores medianos cerca de duas vezes menores que os outros olhos. Fóvea torácica em forma de arco recurvo. Clípeo estreito. Esterno tão largo quanto longo, com sigilas marginais pequenas e ovais. Lábio grande, com comprimento de cerca de dois terços da largura, sem ou com até três cúspulas.

Abdome, cilíndrico, alongado, com padrão zebrado de cinco a sete faixas transversais claras, de cor bege a avermelhada, às vezes pouco marcadas nos machos. Faixas transversais diminuindo de comprimento e espessura em direção à extremidade posterior do abdome. Fiandeiras longas, alcançando de menos de 1/4 a pouco menos da metade do comprimento do abdome nas fêmeas e pouco mais de 2/3 nos machos. Artículos das fiandeiras de comprimento semelhante entre si, mas com artigo distal mais longo nos machos. Abdome revestido de abundantes pêlos simples.

Quelíceras grandes, ortognatas, variando de negras a castanho-claras. Pelos de revestimento abundantes, exceto em faixa glabra longitudinal ao longo da margem externa da face dorsal. Cerdas eretas recobrimdo a maior parte da face dorsal, exceto pela faixa glabra. Margem interna do sulco da garra da quelícera com 13 a 19 dentes, segundo a espécie. Margem ventral da face externa das quelíceras com cerca de 6 a 9 cerdas espiniformes espaçadas, situadas junto à base do apêndice, formando o pente (parte do aparelho estridulante).

Palpos com faixas glabras presentes no sentido longitudinal dos artigos. Coxa (ou maxila) mais longa que larga, com lóbulo maxilar geralmente curto e grosso. Cúspulas presentes, em número variável (15 a 60 segundo a espécie), na região anterior interna da face ventral da coxa do palpo. Lira formada por um número grande de cerdas rígidas castanho-escuras a negras, ocupando cerca de 2/3 do comprimento da face interna da coxa (maxila). Geralmente, existe uma primeira série (ou fileira) com mais de

20 cerdas maiores, em sua maioria clavadas, a qual é seguida por várias fileiras de cerdas menores (30 ou mais), a partir do final do seu terço basal. As cerdas da primeira fileira próximas à base da coxa são relativamente pequenas e com sua extremidade afilada, aumentando de comprimento e diâmetro e tornando-se clavadas em direção distal, até pouco após o início das fileiras adicionais de cerdas rígidas, quando começam a diminuir de tamanho até tornarem-se indistinguíveis das outras cerdas rígidas. A lira distribui-se longitudinalmente na parte mediana da face interna da coxa, ocupando a maior parte do comprimento desta. Trocânter sem espinhos. Ventralmente, a região basal é côncava e glabra, com as cerdas e pêlos dispostos sobre uma protuberância mais próxima da região distal. Tarso com escópula na extremidade distal. Dorsalmente, com pêlos de revestimento e várias cerdas eretas bem distribuídas. Entre as cerdas, uma fileira de tricobótrios no sentido longitudinal. Machos com bulbo inserindo-se na metade distal da face ventral, conferindo um aspecto bipartido ao tarso, devido à formação de um lóbulo prolatral em torno da inserção do bulbo. Face retrolateral do tarso com concavidade mais ou menos marcada, situando-se pouco atrás da inserção do bulbo.

Pernas alongadas e com vários espinhos nos artículos, exceto nos tarsos. Abundantes pêlos simples de revestimento, recobrimdo todos os artículos das pernas e palpos. Faixas glabras presentes no sentido longitudinal dos artículos. Coxas sem espinhos. Ventralmente, com pêlos de revestimento e cerdas eretas. Dorsalmente, as cerdas estão distribuídas na extremidade distal. Trocânteres sem espinhos. Dorsalmente, as cerdas estão na extremidade distal. Tíbia I dos machos com uma grande apófise na margem retrolateral distal. Tarsos pseudo-articulados em ambos os sexos (mais alongados nos machos), com fileira de tricobótrios situada na linha glabra mediana da face dorsal. Escópula densa cobrindo a superfície ventral e lateral dos tarsos I-IV e a metade distal dos metatarsos I-II. Tarsos I-IV dos machos e I e II das fêmeas com a

escópula dividida apenas por uma estreita linha glabra, sem pêlos ou cerdas, em sua face ventral. Tarsos III das fêmeas com escópulas semelhantes às dos tarsos I-II ou divididas por uma fileira de cerdas espiniformes, de extensão variável. Tarsos IV das fêmeas com escópulas divididas por uma fileira de cerdas espiniformes, indo da base ao ápice do artículo. Garras pares dos tarsos das pernas com duas séries de dentes. Garras ímpares diminutas, mas presentes, sem dentes.

Palpo dos machos com bulbo copulatório simples, apresentando êmbolo longo e fino. Genitália das fêmeas composta por duas espermatecas, conectadas por um átrio membranoso comum. Espermatecas relativamente finas, geralmente com a extremidade distal alargada, formando a cabeça da espermateca (exceto em *T. uniformis*) e com um ramo lateral próximo à extremidade distal (ausente em *T. uniformis* e formada, geralmente, apenas por uma saliência em *T. rufa*).

### 4.3. Chave para as espécies de *Trechona*

Indicações da distribuição registrada para cada espécie são fornecidas após as características diagnósticas.

#### MACHOS

1. Bulbo copulatório com êmbolo alongado, atingindo de 55% a 80% do comprimento da tíbia do palpo. Bulbo propriamente dito relativamente curto e mais largo que longo (Fig. 15-18 e 38-41) \_\_\_\_\_ **2**

Bulbo copulatório com êmbolo relativamente curto, atingindo, no máximo, a metade do comprimento da tíbia do palpo. Bulbo propriamente dito relativamente longo e mais longo que largo (Fig. 8-11, 24-27 e 32-35) \_\_\_\_\_ **3**

2. Faixas transversais do abdome contínuas ou quase. Bulbo copulatório com êmbolo praticamente reto e muito alongado, com cerca de 80% do comprimento da tíbia do palpo (Fig. 15-18). \_\_\_\_\_ ***T. uniformis* (SP, MG, RJ?)**.

... Faixas transversais muito estreitas e com grande interrupção na área mesal do abdome. Bulbo com êmbolo sinuoso e não muito alongado, atingindo pouco mais de 55% do comprimento da tíbia do palpo (Fig. 38-41). \_\_\_\_\_ ***Trechona sp. nova 3* (SP)**.

3. Comprimento da carapaça atingindo 9 mm. Fiandeiras relativamente longas, alcançando mais de 2/3 do comprimento do abdome. Lira claramente dividida em duas partes, com a porção basal formada por cerdas apenas levemente clavadas (Fig. D4). Bulbo engrossado na área de junção à base do êmbolo, a qual também é espessada (Fig. 32-35) \_\_\_\_\_ ***Trechona sp. nova 2* (MG)**.

Comprimento mínimo da carapaça de 11,5 mm. Fiandeiras curtas, não alcançando metade do comprimento do abdome. Lira contínua, com a porção basal formada por cerdas claramente clavadas (Fig. D1, D2, D3 e D5). Bulbo sem engrossamento na área de junção à base do êmbolo, a qual é relativamente fina (Fig. 8-11 e 24-27) \_\_\_\_\_ **4**

4. Corpo castanho. Número máximo de 33 cúspulas na maxila. Protuberância retrolateral do metatarso I bem marcada, situada a mesma altura ou abaixo da inserção do espinho ventral (Fig. 6 e 7). Bulbo mais globoso, com uma protuberância interna em vista frontal (Fig. 10) \_\_\_\_\_ *T. rufa* (SP).

Corpo negro ou castanho escuro. Número mínimo de 40 cúspulas na maxila. Protuberância retrolateral do metatarso I indistinta e incorporada ao engrossamento geral dessa área (Fig. 22 e 23). Bulbo com formato piriforme, afinando regularmente em direção ao êmbolo em vista frontal (Fig. 26) \_\_\_\_\_ *T. venosa* (RJ, ES).

### **FÊMEAS**

1. Faixas transversais do abdome largas e praticamente contínuas, no máximo com uma leve interrupção mesal. Espermateca muito longa, não apresentando alargamento distal (cabeça), nem ramo lateral (Fig. 12).\_\_ *T. uniformis* (SP, MG, RJ?).

Faixas transversais do abdome de espessura variável e interrompidas, ou apenas a primeira praticamente contínua. Espermateca relativamente curta, com alargamento distal (cabeça) e ramos laterais ou, ao menos, uma pequena saliência (Fig. 5, 21 e 29) \_\_\_\_\_ **2**

2. Corpo negro ou marrom escuro. Faixas transversais largas e bem contrastantes, com faixas intercaladas adicionais nas laterais. Número de cúspulas maxilares variando de 50 a 60. Tarso III com escópula não dividida por cerdas negras na linha mediana da face ventral (Fig. 20).\_\_\_\_\_ *T. venosa* (RJ, ES).

Corpo castanho a castanho-alaranjado (Fig. B1 e B2). Faixas transversais de largura e contraste variáveis, mas sem faixas intercaladas nas laterais. Número de cúspulas maxilares atingindo, no máximo, 33. Tarso III com escópula dividida por uma fileira de cerdas negras na linha mediana da face ventral (Fig. 4 e 28) \_\_\_\_\_ **3**

3. Corpo castanho. Faixas transversais relativamente finas e bem contrastantes. Espermateca com cabeça proporcionalmente maior, sem pedúnculo, e ramo lateral curto ou vestigial (Fig. 5). \_\_\_\_\_ *T. rufa* (SP).

Corpo castanho-alaranjado. Faixas transversais relativamente grossas e pouco contrastantes. Espermateca com cabeça pequena, situada sobre pedúnculo curvo para dentro, e ramo lateral mais longo que o braço que leva à cabeça e com ápice voltado para dentro (Fig. 29). \_\_\_\_\_ *Trechona* sp. 1 (SC).

#### 4.4. Lista de espécies incluídas em *Trechona*, incluindo os resultados desta dissertação

1. *Trechona rufa* Vellard, 1924.
2. *Trechona uniformis* Mello-Leitão, 1935.
3. *Trechona venosa* (Latreille, 1832).
4. *Trechona rogenhoferi* (Ausserer, 1871)? **nomen dubium**.
5. *Trechona* sp. nova 1 “*minuana*” (Blumenau e Florianópolis, Santa Catarina).
6. *Trechona* sp. nova 2 “*renneri*” (Caparaó, Minas Gerais).
7. *Trechona* sp. nova 3 “*cotia*” (Cotia e Santo André, São Paulo).

## 4.5. Descrição das espécies de *Trechona*

### 4.5.a. *Trechona rufa* Vellard, 1924 *status n.*

Fig. 4-11, A3, A4, B2, B4, C1, D1, E1, E3 e E5

*Trechona venosa rufa* Vellard, 1924: 157.

*T. v. r.*: Bücherl, 1957: 387.

*T. rufa*: Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 360-367 (revalidação).

**MATERIAL-TIPO: BRASIL: São Paulo:** Cubatão (1 F holótipo, FIOCRUZ, material perdido); Cubatão. Bandet, Gerard J. col. (1 F neótipo, IBSP 1910 N, examinado).

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo de espécies de espermateca e êmbolo curtos. As fêmeas possuem espermateca semelhante a *T. venosa* e *Trechona* sp. 1 “*minuana*”. Fêmeas e machos apresentam um padrão de cor castanho ou castanho-alaranjado, sem faixas intercaladas no abdome, e cúspulas maxilares atingindo um máximo de 33, contrastando com a coloração enegrecida, presença de faixas intercaladas e o número mínimo de 40 cúspulas em *T. venosa*. As fêmeas diferenciam-se ainda de *T. venosa* pela cabeça da espermateca grande, geralmente ovalada, com o lado externo mais estreito, e, às vezes, com lóbulos, pelo ramo lateral geralmente curto, restrito a uma saliência diminuta (raramente mais longo), e por apresentar uma fileira de cerdas negras dividindo a escópula ventral do tarso III. Pode ser diferenciada de *Trechona* sp. 1 “*minuana*” por apresentar a cabeça da espermateca proporcionalmente maior, inserindo-se diretamente no braço, sem pedúnculo, e pelo ramo lateral bem mais curto e, geralmente, restrito a uma saliência diminuta. Os machos apresentam o bulbo copulatório mais globoso que o de *T. venosa*, com a margem retrolateral protuberante, em vista frontal, próximo à inserção da base do êmbolo, e o metatarso I com protuberância retrolateral distinta, não engrossado ou, no máximo, com um leve engrossamento.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Fêmeas (n = 5): 40,5 mm (38,5 mm – 44,0 mm). Machos (n = 5): 31,5 mm (26,0 mm – 36,5 mm). Comprimento da carapaça: Fêmeas (n = 5): 16,1 mm (14,2 mm – 18,3 mm). Machos (n = 5): 13,5 mm (11,5 mm – 15,5 mm).

**CEFALOTÓRAX: Fêmea:** Castanho ou castanho alaranjado, com pêlos de revestimento acastanhados, cobrindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem anterior do clipeo com seis a oito cerdas voltadas para frente. Porção anterior do câmoreo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** castanhas ou castanho-avermelhadas, enegrecendo na parte distal. Cerdas negras eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quatorze a dezesseis dentes. **Esterno** um pouco mais claro que a carapaça, com pêlos de revestimento cinza e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** da mesma cor da carapaça, tendo sua base um pouco mais escura. Cerdas negras mais finas que as do esterno e sem pêlos de revestimento. **Macho:** castanho-avermelhado, com pêlos de revestimento cinza, cobrindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem anterior do clipeo com cinco a oito cerdas voltadas para frente. Porção anterior do câmoreo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** como nas fêmeas, mas relativamente menor em largura e comprimento. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de treze a dezesseis dentes. **Esterno** bem mais claro que a carapaça, com pêlos de revestimento cinza e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. Relativamente menor que nas fêmeas e mais comprido que largo. **Lábio** da mesma cor do esterno, tendo sua base um pouco mais escura, e com poucas cerdas.

**ABDOME: Fêmea:** Castanho-escuro, com seis faixas bege em “V”, interrompidas na área mesal, geralmente finas, atravessando o dorso e as laterais. Fiandeiras com os três artículos basicamente do mesmo tamanho. **Macho:** Castanho-

escuro, um pouco mais forte que nas fêmeas, ou enegrecido, com cerdas negras eretas distribuídas por todo o abdome. Cinco a seis faixas bege no dorso, semelhantes às das fêmeas. Fiandeiras relativamente maiores que as das fêmeas, tendo o último artigo um pouco mais alongado que os outros.

**PALPOS:** Região anterior das coxas, próxima ao lábio, com 15 a 33 cúspulas bem marcadas. **Fêmea:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxa** com pêlos de revestimento e cerdas negras eretas na face ventral, que vão diminuindo de calibre até chegar a escópula maxilar, que tem a coloração ruiva. Dorsalmente, as cerdas estão distribuídas na extremidade distal. Lira com porção basal apresentando cerdas com clava muito desenvolvida e, geralmente, com um filamento alongado após a clava. **Fêmur** com quatro espinhos dorsais finos, situados na fileira mesal, e um proteral na margem distal. **Patela** com um ou dois espinhos proterodorsais, às vezes nenhum. **Tíbia** com dois a quatro espinhos proterais e um ou dois retrolaterais, e oito a doze ventrais, sendo dois (raramente cinco) espinhos no terço basal, dois ou três no terço mediano e dois pares na margem distal. **Tarso** escopulado, com um par de espinhos ventrais, no terço basal. Dorsalmente, com pêlos de revestimento e várias cerdas negras eretas. **Macho:** **Coxa** com lira apresentando cerdas semelhantes às das fêmeas, mas relativamente mais curta e alta. **Fêmur** com quatro a seis espinhos dorsais, sendo três a quatro espinhos mesais, um proterodorsal (às vezes, ausente) e um retrolaterodorsal. **Patela** sem espinho. **Tíbia** com dois espinhos proterais, situados no terço mediano, dois retrolaterais, situados no terço mediano, e três a sete ventrais, sendo dois ou três espinhos basais e um a quatro medianos. **Tarso** sem espinhos, com cerdas negras. Concavidade retrolateral pouco marcada e sem cerdas em sua área mais profunda. Bulbo descrito na parte da genitália masculina. Tíbia cerca de 2,0 x mais longa que o bulbo (Fig. 8).

**PERNAS:** Comprimento total da perna I: Fêmeas (n = 5): 57,5 mm (54,0 mm – 62,0 mm). Machos (n = 6): 71,0 mm (65,0 mm – 81,5 mm). **Fêmeas:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxas I-IV** com pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas na face ventral. **Perna I: Fêmur** somente com três a seis espinhos dorsais, sendo três mesais e um prolaterodorsal, no terço distal **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal (quando existente) e um no terço distal, e com quatro espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ímpar no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com quatro ou cinco espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna II: Fêmur** somente com três a quatro espinhos dorsais, sendo dois ou três mesais e um prolaterodorsal. **Patela** sem espinhos ou com um pequeno espinho prolatéral. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com quatro a cinco espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com um espinho prolatéral, no terço basal, e quatro ou cinco espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo dois ou três mesais, dois ou três prolaterodorsais e dois ou três retrolaterodorsais. **Patela** sem espinhos, apenas com um espinho prolatéral, ou com um espinho em cada lado. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, um no terço basal e outro no terço mediano, dois a três retrolaterais, sendo um ou dois no terço basal e um no terço mediano, e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, portando quinze a dezoito espinhos distribuídos irregularmente, mas sempre com cinco distais. **Tarso** com escópula dividida por uma fileira de cerdas espiniformes, a qual ocupa a metade distal do artículo (Fig. 4). **Perna IV: Fêmur** somente com

espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo dois a quatro mesais, um ou nenhum prolaterodorsal e um retrolaterodorsal. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com dois prolaterais, um no terço basal e um no terço mediano, dois a três retrolaterais, um ou dois no terço basal e um no terço mediano, e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e três na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, com dezesseis a vinte espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais. **Macho: Tarsos** longos, com escópulas bem marcadas e cerdas negras eretas dorsais. **Perna I: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três a sete mesais, um a quatro prolaterodorsais e um a quatro retrolaterodorsais. **Patela** sem espinhos ou com um ou, raramente, dois espinhos prolaterais e um ou nenhum retrolateral. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal (quando existente) e um no terço distal, zero a dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com quatro a seis espinhos ventrais, sendo nenhum a dois ímpares no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. Apófise retrolateral (Fig. 6 e 7) grande inserida na margem distal, portando um dos espinhos ventrais, o qual é curto, recurvo e com base muito alargada. Abaixo da apófise retrolateral, existe, nos machos de Caraguatatuba, uma protuberância mais ou menos conspícua, de acordo com o espécime. **Metatarso** alongado e escopulado, com ou sem um espinho prolaterais, situado no terço basal, e quatro espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um ímpar na margem distal. Região basal com concavidade pouco marcada e, logo acima, uma protuberância cônica, com o ápice rombo e mais escuro, situada à mesma altura da inserção do espinho ventral do terço basal (Fig. 6 e 7). Raramente, existe um engrossamento pequeno, que pode formar uma protuberância adicional e abarca a base do espinho ventral, de maneira semelhante a, mas não tão desenvolvida quanto, *T. venosa*. **Perna II: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três mesais, três a quatro prolaterodorsais e um a cinco retrolaterodorsais.

**Patela** com um espinho prolatéral. **Tíbia** com um a dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal (quando presente), raramente um espinho prolatéral, no terço basal, e com seis ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** alongado e escopulado, com um espinho prolatéral, situado no terço basal, e cinco a seis ventrais, sendo um ou dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal.

**Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três mesais, três a quatro prolaterodorsais e quatro a cinco retrolaterodorsais. **Patela** mútica, com um espinho prolatéral e, às vezes, outro retrolateral. **Tíbia** com nenhum ou, raramente, um espinho mesal, situado no terço mediano, um ou nenhum espinho retrolaterodorsal, situado no terço basal, dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal ou mediano, zero a dois retrolaterais, um no terço basal (quando existente) e outro no terço distal (quando existente), e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** alongado e com escópula pouco marcada, com dezoito a vinte e um espinhos distribuídos irregularmente, mas tendo sempre cinco distais.

**Perna IV: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três a quatro mesais, dois a cinco prolaterodorsais e quatro a sete retrolaterodorsais. **Patela** com um ou nenhum espinho retrolateral. **Tíbia** com um ou nenhum retrolaterodorsal, situado no terço basal (raramente existente), dois a três prolaterais, um no terço basal, um no terço mediano (quando existente), e um no terço distal, e dois a cinco retrolaterais, um a três no terço basal e um a dois no terço distal (quando existente), e cinco a seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** alongado, com dezenove a vinte e cinco espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais.

**GENITÁLIA:** Macho (Figs. 8-11) com bulbo copulatório propriamente dito mais longo do que largo, globoso, apresentando a margem retrolateral protuberante, em vista frontal, próximo à inserção da base do êmbolo, e a margem interna mais truncada, em visão prolateral, afinando em direção ao êmbolo longo e fino, o qual porta uma pequena área membranosa em seu ápice. Fêmea normalmente com cabeça da espermateca grande, ovalada, assimétrica, com o lado externo mais estreito. Às vezes, cabeça da espermateca com lóbulos, talvez provocados pelo colapso das paredes (Fig. 5). Ramo lateral geralmente curto, restrito a uma saliência diminuta, mas, às vezes, mais longo, quase do tamanho do braço da espermateca.

**OBSERVAÇÕES:** Esta espécie era identificada corriqueiramente como *Trechona venosa* pelos autores antigos. Contudo, não há nenhuma localidade confirmada de *T. venosa* para o estado de São Paulo, contrastando com a abundância de registros para *T. rufa*, a qual é restrita ao território paulista. Uma fêmea de Cotia (IBSP 12333) apresenta alguns caracteres discrepantes, com apenas 5-9 cúspulas e uma cabeça de espermateca muito grande, mas foi mantida em *T. rufa*, pois seu tamanho, coloração e forma geral da genitália concordam com essa espécie. O número anormalmente baixo de cúspulas pode tratar-se de uma teratogenia, pois está fora da variação conhecida para fêmeas de *T. rufa* (15 a 28) e *Trechona* sp. nova 3 “*cotia*” (33-34).

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): Conhecida somente do estado de São Paulo

**MATERIAL EXAMINADO: BRASIL:** sem procedência (1 F IBSP 10804); **São Paulo:** sem procedência (1 F IBSP 3696); sem procedência, acidente atendido no Hospital Vital Brazil. 14.IX.1965. (1 F IBSP 1910 E); Atibaia. XII.2002. (1 F 1 J MNRJ 04175); Atibaia. X-1992. Gerador, R. col. (1 J IBSP 9754); Barragem Passareuna (localidade não encontrada em mapas). (1 F IBSP 3569); Biritiba-Mirim. 26.IV.2004. Puerto, G. col. (1 F IBSP 11047); Biritiba-Mirim. I.2005. Goldini, M. A. col. (1 F IBSP 12444); Caraguatatuba. 22.IV.2007. Lab. Herpetologia do Fundão col. (2 M MNRJ s/n); Cotia. 21.X.2005. Yamamoto, F. U. (1 F IBSP 12333); Cotia, Caucaia do Alto. (1 J IBSP 3530); Cotia, Caucaia do Alto. X.2005. Yamamoto, F. U. (1 F IBSP 12257);

Cotia, Rodovia Raposo Tavares Km 31. (1 M IBSP 3802); Cubatão. Bandet, Gerard J. col. (1 F, IBSP s/n, ex 1910 N); Cubatão. 2002. Barto, T. col. (1 F, IBSP 12476); Diadema. 30.VII.1995. Bertani, R. & Palinger, A. F. col. (1 F IBSP 8027); Diadema. 30.VII.1995. Bertani, R. et al. col. (1 F IBSP 10791); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 M IBSP 10806); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 M IBSP 10807); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 F IBSP 10808); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 F IBSP 10809); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 F IBSP 10810); Diadema. 24.VII.1995. Tadeu col. (1 J IBSP 10811); Embu. 30.V.1989. Catunda, D. col. (1 M IBSP 10790); Embu-Guaçu. 6.XII.1999. Reis, A. A. col. (1 M IBSP 7964); Entre Piedade e Tapiraí. 12-22.XII.2006. Recorder, R. & Teixeira Jr., M. col. (1 F IBSP 13258); Guararema. 20.VIII.1979. Ruiz, M. do C. col. (1 M IBSP 1910 L); Ilhabela, Ilha de São Sebastião. (1 F IBSP 3666); Ilhabela, Ilha de São Sebastião. 1963. Urban col. (1 J MZSP C3922); Itapecerica da Serra (1 M IBSP 10805); Juquiá (Tapiraí, Trilha do Juquiá ou Peruíbe, Praia do Juquiá). (1 M imaturo IBSP 1910 H (ex 4031)); Juquitiba. 9.VII.1979 (1 F IBSP 1910 D); Juquitiba. 22.X.1985. Penisa, H. col. (1 M jovem IBSP 1910 K); Juquitiba. 18.VIII.1986. Biasi, P. di col. (1 M IBSP 10794); Juquitiba. 26.V.1995. Prefeitura Municipal de Juquitiba col. (1 M IBSP 10795); Juquitiba. 7.XI.1983. Campos, H. col. (1 J IBSP 10797); Juquitiba, Sítio Recanto Flauta Doce. 30.VIII.2006. Maitan, J. L. col. (1 M IBSP 13073); Mauá. 27.VIII.1998. Nechar, E. col. (1 M IBSP 10801); Mauá. 18.IX.2006. Prefeitura Municipal de Mauá col. (1 M IBSP 12934); Miracatu. 1.IV.1986 (1 F IBSP 1910 F); Miracatu. 5.VI.2000. Yamasol, M. A. col. (2 F IBSP 8368); Mogi das Cruzes. (1 F IBSP 3349); Mogi das Cruzes. VIII.1941. Meissner J. col. (1 F MZSP 3154); Mogi das Cruzes. (1 M IBSP 3801); Peruíbe, Estação Ecológica Juréia-Itatins. III.1997. Bertani, R. col. (1 F IBSP 11575); Piedade. (1 F IBSP 1910 G); Praia Grande. 17.VI.1949. Dotta, J. col. (1 M 2 F 1 J IBSP 1910 P); Praia Grande. (1 J IBSP 3383 B); Praia Grande, Mongaguá. 16.IV.1961. (3 F 1 J IBSP 1910 O); Ribeirão Grande, Bairro Sumidouro. 1-9.VI.2003. Bernils, R. & Stender col. (1 M MNRJ 04176); Ribeirão Grande, Parque Estadual de Intervales. III.2004. Oliveira, F. S. de col. (1 M IBSP 11049); Ribeirão Grande, Parque Estadual de Intervales. 5.VI.2002. Pecinini, D col. (1 M IBSP 12365); Ribeirão Grande, Parque Estadual de Intervales. 5.VI.2002. Pecinini, D col. (1 M IBSP 12366); Ribeirão Pires (1 F IBSP 1910 B); Rio Grande da Serra. 5.II.1999. Genova, L. C. col. (1 F IBSP 10800); Rodovia BR116, Km 46,5. 7.V.1979. Alt, E. (1 F IBSP 11162); Salesópolis, Estação Ecológica de Boracéia. 13-17.III.2007. Yamamoto, F. U. col. (1 F IBSP 13456); Salesópolis, Boracéia. 07.IX.1966. Papavero, N. col. (1 M MZSP 5656); Santo André,

Estrada de ferro Santos-Jundiá Km 38. (1 M IBSP 1910 J); Santo André, Paranapiacaba. (1 M IBSP 3496); Santo André, Paranapiacaba. VI.1980. (1 F IBSP 1910 I); Santo André, Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba. 14.XII.2003. Indicatti, R. P. col. (1 F IBSP 12367); São Bernardo do Campo. 6.IX.1996. Glasurit do Brasil col. (1 M IBSP 10803); São Bernardo do Campo, Riacho Grande. 1.IV.1999. Aihara, L. C. col. (1 F IBSP 10799); São Lourenço da Serra. 12.IX.2001. Leme, A. col. (1 M IBSP 9188); São Lourenço da Serra. XII.2005. Oliveira, R. K. de col. (1 F IBSP 12325); São Paulo. 29.V.1998. Luiz, O. col. (2 M IBSP 8251); São Paulo. (1 F IBSP 3482); São Paulo. (1 F IBSP 3591); São Paulo. 1920. Garbe E. col. (1 F MZSP 325); São Paulo, Horto Florestal. (1 F IBSP 2980); São Paulo, Horto Florestal. (1 M IBSP 2974); São Paulo, Itaquera. 18.VI.1998. Lellis, S. col. (1 M IBSP 8249); São Paulo, Pico do Jaraguá. 20.V.1971. (1 M IBSP 1910 M); São Paulo, Represa Guarapiranga. 29.VIII.2002. Santos, V. R. dos col. (1 F IBSP 9865); São Paulo, Tucuruvi. 4.VII.1986. Controle de Vetores da Prefeitura col. (1 M IBSP 1910 C); São Roque. 22.II.2005. Wree, M. B. H. col. (1 F IBSP 11096); Serra de Cubatão. VI.1972. Bandet, Gerard J. col. (5 F 1 J IBSP 1910 Q); Serra de Santos, Meio da Serra. 09. IV. 1956. Portugal & Tremoços col (1 F MZSP 1246); Tapiraí. 6.V.2003. Falcetti, C. A. col. (1 F IBSP 10158).

#### **4.5.b. *Trechona uniformis* Mello-Leitão, 1935**

Fig. 12-18, A1, A2, B3, C2 e D2; Mapa 2

*Trechona uniformis* Mello-Leitão, 1935: 355, fig. 1.

*T. u.*: Bücherl, 1957: 386, fig. 18

**MATERIAL-TIPO: BRASIL: São Paulo:** sem localidade específica (1 M Holótipo, IBSP 3443, examinado).

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo de êmbolo e espermatecas longos. Diferencia-se das outras espécies conhecidas do gênero pelo bulbo copulatório do macho com o êmbolo muito alongado, atingindo cerca de 80% do comprimento da tibia

do palpo, e pela espermateca da fêmea muito alongada, sem cabeça delimitada ou ramo lateral, o que confere uma forma bem diferente à espermateca.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Fêmeas (n=3): 37,0 mm (34,5 - 39,5 mm). Machos (n=3): 27,9 mm (23,5 mm – 32,4 mm). Comprimento da carapaça: Fêmea (n=3): 13,0 mm (11,0 - 15,0 mm). Machos (n=4): 12,0 mm (11,0 mm – 12,8 mm).

**CEFALOTÓRAX: Fêmea:** A descrição abaixo é baseada, principalmente, em uma fêmea pequena de Rio Preto-MG, que é a única em boas condições de conservação. Castanho, com abundantes pêlos de revestimento de cor cinza clara, cobrindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem anterior do clipeo com seis cerdas voltadas para frente. Porção anterior do cômodo ocular com quatro a cinco cerdas eretas. **Quelíceras** castanho-avermelhadas, enegrecendo na parte distal. Cerdas negras eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quatorze a quinze dentes. **Esterno** castanho claro, com pêlos de revestimento cinza e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** castanho claro, clareando em direção anterior. Cerdas negras um pouco mais finas que as do esterno e sem pêlos de revestimento. **Macho:** Carapaça como na fêmea ou um pouco mais escura, com abundantes pêlos de revestimento de cor cinza clara ou castanha. **Quelíceras** como nas fêmeas, mas relativamente menor em largura e comprimento. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de dezenove dentes. **Esterno** como nas fêmeas. **Lábio** como na fêmea, portando poucas cerdas negras na região anterior.

**ABDOME: Fêmea:** Castanho escuro a escuro-enegrecido, com pêlos de revestimento acinzentados. Seis a sete faixas bege em arco, atravessando o dorso e as laterais, contínuas ou quase contínuas, apenas com uma pequena interrupção mesal nas faixas anteriores. Segunda faixa alarga-se em direção ao ventre, onde se funde ao campo

bege ventral de cada lado. Ventre com uma faixa longitudinal mesal castanha, às vezes pouco evidente. Fiandeiras com os três artículos de tamanho semelhante. **Macho:** Coloração do dorso enegrecida, com pêlos de revestimento castanhos. Seis faixas bege em arco contínuas, com padrão de disposição semelhante ao das fêmeas. Fiandeiras relativamente maiores que as das fêmeas, tendo os três artículos basicamente no mesmo tamanho.

**PALPOS:** Região anterior das coxas, próxima ao lábio, com 29-34 cúspulas bem marcadas. **Fêmea:** Castanho, um pouco mais escuro que a carapaça. **Coxa** com lâminas maxilares mais longas e finas que em outras espécies. Ventralmente com pêlos de revestimento e cerdas negras eretas, que vão diminuindo seu calibre até chegar a escópula maxilar, que tem a coloração ruiva. Face interna com lira muito alongada e relativamente estreita, ocupando pouco mais de 3/4 do comprimento do artículo. Cerdas clavadas de menor comprimento e mais grossas que em outras espécies. **Fêmur** com dois espinhos dorsais mesais e um prolateral no terço distal. **Patela** com um espinho prolaterodorsal no terço basal. **Tíbia** com dois ou três espinhos prolaterais, sendo dois no terço mediano e um no terço distal, quando existente, um retrolateral, mais fino que os prolaterais, no final do terço mediano, e oito ventrais, sendo um par no terço basal, outro no terço mediano e dois pares próximo à margem distal. **Tarso** escopulado, com um par de espinhos ventrais, no terço basal. Dorsalmente, com pêlos e várias cerdas negras eretas. **Macho: Coxa** como nas fêmeas. Face interna com lira alongada e relativamente larga, ocupando pouco mais de 2/3 do comprimento do artículo. Cerdas clavadas de comprimento e espessura semelhantes às de outras espécies. **Fêmur** com dois a três espinhos dorsais mesais, dois a três prolaterodorsais, sendo o do terço distal muito maior que todos os outros espinhos do artículo, e três retrolaterodorsais. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com dois (ou, raramente, nenhum) espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e outro no terço mediano, um retrolateral, no terço basal ou mediano, e

quatro ou cinco ventrais, sendo um par no terço basal, outro par no terço mediano e um ímpar no terço distal quando existente. **Tarso** sem espinhos, com cerdas negras. Concavidade retrolateral pouco marcada e com apenas algumas poucas cerdas. Bulbo descrito na parte da genitália masculina. Tíbia cerca de 1,33 x mais longa que o bulbo (Fig.15).

**PERNAS:** Comprimento total da perna I. Fêmea (n=1): 42,0 mm (pernas I quebradas nas fêmeas examinadas de maior porte). Macho (n=4): 53,2 mm (49,5-56,8 mm). **Fêmeas:** Castanhas, um pouco mais escuras que a carapaça. **Coxas I-IV** com pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas. **Perna I: Fêmur** somente com quatro espinhos dorsais, sendo três mesais e um prolaterodorsal no terço distal. **Patela** com um espinho prolatral no terço distal. Faixas glabras mais largas que as faixas do fêmur e da tíbia. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço mediano, quando existente, e um no terço distal, e com quatro espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ímpar no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna II: Fêmur** somente com três espinhos dorsais, sendo dois mesais e um prolaterodorsal no terço distal. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com quatro espinhos ventrais, sendo um no terço basal, um no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com um espinho prolatral, no terço basal, e quatro a seis espinhos ventrais, sendo um par ou um ímpar no terço basal, um par ou um ímpar no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo um mesal, três prolaterodorsais e três ou quatro retrolaterodorsais. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com um espinho retrolaterodorsal, situado na margem basal, dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um

no terço mediano, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, portando quinze a dezesseis espinhos distribuídos irregularmente, mas sempre com cinco distais. **Tarso** com escópula dividida por uma fileira de cerdas espiniformes, indo da base ao ápice do artícolo. **Perna IV: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo dois mesal, um prolaterodorsais e um retrolaterodorsal. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com um espinho retrolaterodorsal, na margem basal, dois prolaterais, um no terço mediano e um no terço distal, dois retrolaterais, um no terço mediano e um no terço distal, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, com dezesseis a dezessete espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais. **Macho: Tarsos** longos, com escópulas bem marcadas. **Perna I: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três ou quatro mesais, três a cinco prolaterodorsais e quatro a cinco retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolatéral no terço distal. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço mediano e um no terço distal, dois retrolaterais, sendo um no terço mediano e um no terço distal, e com cinco ou seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par ou um ímpar na margem distal. Apófise retrolateral grande, inserida na margem distal, portando um dos espinhos ventrais, o qual é relativamente longo e recurvo no ápice, com base não muito alargada (Fig. 13 e 14). **Metatarso** alongado e escopulado, com um espinho prolatéral, no terço mediano, e três a cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, quando existente, dois ímpares no terço mediano e um par ou um ímpar na margem distal. Região basal com concavidade pouco perceptível e, logo acima, uma protuberância cônica, com o ápice agudo e mais escuro (Fig. 13 e 14), situada acima da inserção do espinho ventral do terço basal (quando este existe). **Perna II: Fêmur** somente com três espinhos dorsais,

sendo três ou quatro mesais, três ou quatro prolaterodorsais e três ou quatro retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolatéral. **Tíbia** com dois ou três espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um ou dois no terço distal, um ou nenhum retrolateral no terço basal, e com seis ou sete espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e três ou dois na margem distal. **Metatarso** alongado e escopulado, com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, quando existente, seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três ou quatro mesais, quatro prolaterodorsais e três ou quatro retrolaterodorsais. **Patela** como um espinho prolatéral e um ou nenhum retrolateral. **Tíbia** com dois a três espinhos dorsais, sendo um ou dois mesais e um retrolaterodorsal, situado na margem basal, dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, e seis ou sete espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e dois ou três na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, portando dezessete a dezenove espinhos distribuídos irregularmente, mas sempre com cinco distais. **Perna IV: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três a cinco mesais, quatro a cinco prolaterodorsais e quatro a cinco retrolaterodorsais. **Patela** com um retrolateral e, às vezes, um espinho prolatéral. **Tíbia** com um espinho retrolaterodorsal na margem basal, dois prolaterais, um no terço mediano e um no terço distal, e dois retrolaterais, um no terço mediano e um no terço distal, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e dois ou três na margem distal. **Metatarso** alongado, com dezoito a vinte espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais.

**GENITÁLIA:** Macho (Fig. 15-18) com bulbo copulatório propriamente dito bem mais largo que longo, apresentando uma área deprimida transversal, em visão prolateral, que divide o bulbo em duas partes, uma basal, contendo a inserção ao tarso, e outra distal e lateral, contendo a base do êmbolo. Êmbolo muito alongado e inserido bem lateralmente em relação ao eixo do bulbo. Bulbo e êmbolo somados atingindo cerca de 80% do comprimento da tíbia do palpo. Êmbolo de formato e trajetória variável, podendo ser quase retilíneo, apenas com uma leve curva no ápice, ou apresentando uma forte torção, voltada para dentro, logo após a base. Fêmea com espermateca muito alongada, em forma de fita, sem cabeça delimitada ou lateral (Fig. 12), apresentando disposição que pode variar mesmo nos dois lados da genitália de um único espécime.

**OBSERVAÇÕES:** Os machos de Ibitipoca (MG) e Boracéia (SP) apresentam o êmbolo com uma torção basal, que confere um aspecto diferenciado ao órgão copulatório. Contudo, o bulbo propriamente dito é bem semelhante ao do holótipo e ao do macho de Rio Preto (MG), além de não haver padrão significativo de diferenças em relação ao número de cúspulas, perna I e tamanho do corpo. Como exemplo das variações, o macho de Boracéia não possui o espinho ventral próximo a protuberância retrolateral do metatarso I, enquanto o macho de Ibitipoca, cujo êmbolo é retorcido como o do espécime anterior, apresenta esse espinho, assim como os machos com o êmbolo retilíneo. Ademais, as fêmeas de Ubatuba (SP) apresentam a espermateca com formato semelhante àquela das fêmeas de Rio Preto (MG). Levando em consideração a distribuição geográfica e a semelhança da maioria dos caracteres entre machos com esses dois tipos de bulbo, a diferença no trajeto do êmbolo é considerada como uma variação intra-específica. Outra variação curiosa é a disposição das espermatecas, que podem simplesmente curvar-se para o lado externo, dobrar-se sobre si mesma, em um giro de 360°, ou curvar-se irregularmente para cima.

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): Litoral leste do estado de São Paulo e áreas quartzíticas do centro-sul de Minas Gerais. Uma provável localidade adicional é Angra dos Reis, distrito de Serra d'Água, na qual foi estudada uma população de *Trechona* sp. por C. A. dos S. Souza e colaboradores (RODRIGUES et al., 2008). Essa população foi encontrada em uma área de altitude relativamente elevada (500-750 m), vivendo em áreas argilosas úmidas nas encostas rochosas, junto a nascentes de riachos de montanhas (Souza, com. pessoal), em habitat semelhante ao da fêmea de *T. uniformis* coletada em Ubatuba por R. Baptista. O empréstimo do material para análise já está sendo negociado, de modo a que possa ser feita uma identificação precisa em nível específico.

**MATERIAL EXAMINADO: BRASIL: Minas Gerais:** Duarte, PE Ibitipoca. 1998. Oliveira, A. & Souza, B. M. col. (1 M IBSP 10798); Lima Duarte, PE Ibitipoca. 8.XI.1997. Souza, B. M. & Oliveira, A. col. (1 J IBSP 8258); Rio Preto. 14-20.V.2002. Baptista, R. L. C., Pérez, A., Rodríguez, C., Giupponi, A. P. de L., Vasconcelos, E., Chagas Jr., A., Pedroso, D. R., Góes e Silva, L. & Mendes, A. C. col. (1 M 3 F 3 J MNRJ 04178); **São Paulo:** Salesópolis, EE Boracéia. 01-08.XI.2006. Recoder, R col., pitfall répteis (1 M IBSP 15384); Serra da Bocaina. 01-31.VII.1961. Vulcano col. (1 J MZSP 21687); Serra da Bocaina, Núcleo Senador Vergueiro. 1500 m. Feio, J. L. de A. col. (1 J MNRJ 13614); Serra da Bocaina, Fazenda Bonito. 01-28.I.1963. Vulcano col. (1 J MZSP 21689); Ubatuba. 13.X.1985. Baptista, R. L. C. col. (1 F, MNRJ 4174, ex CRB T65); Ubatuba, Parque Estadual da Ilha Anchieta. 23-30.VII.2001. Equipe Biota col. (2 M imaturos, 1 F imatura, IBSP 13063); Ubatuba, Praia Domingos Dias. 24.VI.1973. Sazima, I. col. (1 M imaturo, IBSP 1910 A).

#### **4.5.c. *Trechona venosa* (Latreille, 1832)**

Fig. 19-27, A5, A6, B6, C3, D3, E2, E4 e E6; Mapa 2

*Mygale venosa* Latreille, 1832: 80.

*M. zebrata* Walckenaer, 1835: 637, pl. 19; 649 (= *M. venosa*).

*Mygale zebra*: Walckenaer, 1837: 221 (emenda errônea); C. L. Koch, 1842: 60, fig. 729; Blackwall, 1867: 258.

*Mygale (Trechona) zebra*: C. L. Koch, 1850: 75.

*T. v.*: Ausserer, 1871: 197 (Descrição do macho, identificação errônea); Karsch, 1879: 543; Simon, 1892: 179; Pickard-Cambridge, 1896: 754; Mello-Leitão, 1923a: 91, fig. 17-18; Vellard, 1924a: 155, pl. 12, fig. 44 (Descrição do macho, identificação errônea); Bücherl, 1957: 386; *T. rufa*: Pedroso & Baptista, 2004: 149-155; Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 361;365.

*Eudiplura r.*: Simon, 1892a: 179 (Macho de *T. venosa*, identificação errônea).

*T. zebrata*: Pocock, 1896b: 177.

*Trechona rogenhoferi*: Raven, 1985a: 75, f. 24-29 (Macho de *T. venosa*, identificação errônea).

**MATERIAL-TIPO: BRASIL:** sem localidade específica, Gory, H. L. col. (F holótipo *Mygale venosa*, MNHN, perdido); sem localidade específica, Lefèbvre, A. leg. (F holótipo *Mygale zebrata*, BMHN, perdido). **Rio de Janeiro:** Rio de Janeiro, Floresta da Tijuca. 3.III.2001. Giupponi, A. P. L., Pedroso, D. R. & Almeida, D. F. col. (F neótipo, MNRJ 14190, examinado).

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo das espécies de espermateca e êmbolo curto. Diferencia-se de todas as espécies de *Trechona* por não possuir uma fileira de cerdas negras dividindo a escópula do tarso III das fêmeas, pelas faixas intermediárias entre as faixas transversais claras no abdome (às vezes, ausente nos machos) e número de cúspulas variando de 40 a 60. Sua coloração geral é mais escura em relação às outras espécies, tendo o corpo basicamente negro. Os machos podem ser diferenciados de *T. rufa* pelo formato piriforme do bulbo copulatório dos machos, afinando regularmente em direção ao êmbolo, em vista frontal, e pelo metatarso I muito engrossado, sem protuberância retrolateral evidente, e com grande concavidade basal, que forma uma quina distinta com a área engrossada logo acima. As fêmeas podem ser diferenciadas de *T. rufa* e *Trechona* sp. 1 “*minuana*” pela cabeça das espermateca pequena e quase esférica, geralmente apresentando um ramo lateral de tamanho mediano, não atingindo o ápice da cabeça da espermateca.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Fêmeas (n=5): 48,0 mm (43,0 mm – 53,5 mm). Machos (n=5): 37,5 mm (33,0 mm - 40,0 mm). Comprimento da carapaça: Fêmeas (n=5): 19,5 mm (17,5 mm – 21,0 mm). Machos (n=5): 16,0 mm (14,0 mm-17,5 mm).

**CEFALOTÓRAX: Fêmea:** Castanho-escuro a negro, com pêlos de revestimento de cor cinza, cobrindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem anterior do clipeo com cerca de doze cerdas voltadas para frente. Porção anterior do cômodo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** negras ou castanho-escuras, enegrecendo na parte distal. Cerdas negras eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quatorze a dezesseis dentes. **Esterno** castanho ou castanho-escuro enegrecido, com pêlos de revestimento cinza e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** castanho-avermelhado ou castanho-escuro enegrecido, clareando em direção anterior. Cerdas negras mais finas que as do esterno e sem pêlos de revestimento. **Macho:** Carapaça como na fêmea. **Quelíceras** como nas fêmeas, mas relativamente menor em largura e comprimento. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de treze a dezesseis dentes. **Esterno** como nas fêmeas, mas relativamente menor e mais comprido que largo. **Lábio** mais claro, portando poucas cerdas negras na região anterior e sem pêlos de revestimentos.

**ABDOME: Fêmea:** Castanho escuro-enegrecido, com seis faixas bege em “V”, interrompidas na área mesal, normalmente largas (às vezes, mais finas), atravessando o dorso e as laterais. Duas ou três faixas curtas, da mesma cor, intercaladas entre as faixas maiores e situadas na região lateroventral estão presentes nos espécimes bem conservados. Fiandeiras com os três artículos de tamanho semelhante, apenas o artículo mediano um pouco menor que os outros. **Macho:** Castanho escuro-enegrecido, com padrão semelhante ao das fêmeas. Cor dos pêlos de revestimento semelhante a das

fêmeas. Cerdas negras eretas distribuídas por todo o abdome. Cinco a seis faixas bege no dorso. Às vezes, faixas bege em “V” e faixas intercaladas não discerníveis. Fiandeiras relativamente maiores que as das fêmeas, tendo os três artículos do mesmo tamanho.

**PALPOS:** Região anterior das coxas, próxima ao lábio, com cerca de 50 a 60 cúspulas bem marcadas (em machos, pode atingir um mínimo de 40). **Fêmea:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxa** com pêlos de revestimento e com cerdas negras eretas na face ventral, que vão diminuindo seu calibre em direção a escópula maxilar, que tem a coloração ruiva. Dorsalmente, as cerdas estão distribuídas na extremidade distal. Lira com porção basal apresentando cerdas com clava muito desenvolvida e, geralmente, com um filamento alongado após a clava. Proporcionalmente, a lira é mais estreita em relação ao comprimento. **Fêmur** com um a três espinhos dorsais mesais, um espinho fino retrolaterodorsal e com um ou três espinhos prolaterais (às vezes, ausentes). **Patela** com um ou dois espinhos prolaterodorsais. **Tíbia** com dois ou três espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e outro no terço distal, um a três retrolaterais, e oito a dez ventrais, sendo dois ou três espinhos basais, dois ou três medianos e dois pares na margem distal. **Tarso** escopulado, com um par de espinhos ventrais, no terço basal. Dorsalmente, com pêlos de revestimento e várias cerdas negras eretas. **Macho:** **Coxa** com lira apresentando cerdas semelhantes às das fêmeas, mas relativamente mais curta e alta. **Fêmur** com seis ou sete espinhos dorsais, sendo três a quatro espinhos mesais, um prolaterodorsal e um a dois retrolaterodorsais. **Patela** sem ou com um espinho prolateral, no terço basal. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e outro no terço mediano, um ou dois retrolaterais, no terço basal e outro no terço mediano, e cinco a seis ventrais, sendo três no terço basal e dois a três no terço mediano. **Tarso** sem espinhos, com cerdas negras. Concavidade retrolateral pouco marcada e sem cerdas apenas na sua área

mais profunda. Bulbo copulatório descrito na parte da genitália masculina. Tibia cerca de 2,5 x mais longa que o bulbo (Fig. 24).

**PERNAS:** Comprimento total da perna I: Fêmea (n=5) 73,0 mm (68,0 mm – 78,0 mm). Machos (n=5): 88,0 mm (78,0 mm – 93,0 mm). **Fêmeas:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxas I-IV** com pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas. **Perna I: Fêmur** somente com três a seis espinhos dorsais, sendo dois a três mesais e um ou dois prolaterodorsais, no terço mediano (às vezes, ausente) e outro no distal, e nenhum ou um retrolaterodorsal, no terço distal. **Patela** com um espinho prolatéral. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, e com quatro espinhos ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ímpar no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna II: Fêmur** somente com três a cinco espinhos dorsais, sendo dois mesais e um a três prolaterodorsais. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, e com quatro a seis espinhos ventrais, sendo um ou dois ímpares no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com um ou dois espinhos prolaterais, no terço basal, e seis ou sete espinhos ventrais, sendo dois ou três no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo quatro ou cinco mesais, dois ou três prolaterodorsais e quatro ou cinco retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolatéral e um retrolateral. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, um no terço basal e outro no terço mediano, três retrolaterais, sendo um no terço basal e dois no terço mediano, e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, portando dezoito a vinte espinhos distribuídos irregularmente, mas sempre com cinco distais. **Tarso** sem

cerdas espiniformes na face ventral (ou apenas com algumas cerdas, na extremidade distal, em fêmeas pequenas) e escápula dividida apenas por uma fina linha glabra.

**Perna IV: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo quatro ou cinco mesais, um ou nenhum prolaterodorsal e três ou quatro retrolaterodorsais. **Patela** sem ou com um espinho retrolateral, disposto na metade basal. **Tíbia** com dois prolaterais, um no terço basal e um no terço mediano, três retrolaterais, um no terço basal, um no terço mediano, e um no terço distal, e sete espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e três na margem distal. **Metatarso** com escápula pouco marcada, com vinte a vinte e três espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais. **Macho: Tarsos** longos, com escápolas bem marcadas.

**Perna I: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo quatro a cinco mesais, três a cinco prolaterodorsais e quatro a sete retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolatero e outro retrolateral, quando existente. **Tíbia** com dois prolaterais, um no terço basal e um no terço distal, um a três retrolaterais, um no terço basal (quando existente), um no terço mediano e um no terço distal (quando existente), e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares ou nenhum, no terço basal, dois a três ímpares, no terço mediano, e um par, na margem distal. Apófise retrolateral (Fig. 22 e 23) grande, inserida na margem distal, portando um dos espinhos ventrais, o qual é curto, pouco recurvo e com base alargada. Abaixo da apófise retrolateral, existe uma protuberância mais ou menos conspícua, de acordo com o espécime. **Metatarso** alongado e escopolado, com um ou nenhum espinho prolatero, no terço basal, e quatro a cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par ou um ímpar na margem distal. Região basal com concavidade muito acentuada, acarretando um afinamento conspícuo do artícolo nessa área. Logo acima, situa-se uma extensa dilatação, sem delimitação clara, englobando parcialmente a base do espinho ventral do terço basal, o que confere um aspecto engrossado a toda

essa região (Fig. 22 e 23). Em sua margem basal externa, forma um ângulo saliente com a extremidade distal da concavidade basal. Raramente, existe uma depressão mais ou menos evidente acima desse ângulo, o que pode acarretar na formação de duas saliências pouco marcadas. **Perna II: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três ou quatro mesais, três a cinco prolaterodorsais e três a seis retrolaterodorsais. **Patela** com um ou dois espinhos prolaterais. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com seis ou sete ventrais, sendo dois a três ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** alongado e escopulado, com um ou dois espinhos prolaterais no terço basal e seis ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, sendo três ou quatro mesais, quatro a cinco prolaterodorsais e quatro a seis retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolatéral e outro retrolateral. **Tíbia** com dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, três retrolaterais, sendo um par no terço basal e um no terço mediano, e seis espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, com dezoito a vinte espinhos distribuídos irregularmente, mas tendo sempre cinco distais. **Perna IV: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo cinco mesais, três a cinco prolaterodorsais e quatro a sete retrolaterodorsais. **Patela** com um ou nenhum espinho retrolateral. **Tíbia** com dois prolaterais, um no terço mediano e um no terço distal, e três a cinco retrolaterais, um no terço basal, três ou dois no terço mediano e um na margem distal (quando existente), e seis a oito espinhos ventrais, sendo dois ímpares no terço basal, dois ou três ímpares no terço mediano e dois ou três na margem distal. **Metatarso** alongado, com vinte e três ou vinte e quatro espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais.

**GENITÁLIA:** Macho (Figs. 24-27) com bulbo copulatório mais longo do que largo, quase piriforme, apresentando uma curva em “S” em seu lado interno, afinando regularmente para um êmbolo longo e fino, o qual porta uma pequena área membranosa em seu ápice. Fêmea (Fig. 21) com cabeça da espermateca pequena, simétrica, quase arredondada, um pouco achatada na extremidade distal, e ramo lateral normalmente relativamente longo, de tamanho semelhante ao braço que leva à cabeça da espermateca, mas, às vezes, restrito a uma pequena saliência.

**OBSERVAÇÕES:** A descrição original desta espécie foi baseada somente no holótipo fêmea, que foi perdido. Embora a espécie tenha sido descrita do Brasil, sem especificação de localidade, é muito provável que o holótipo tenha sido coletado na cidade do Rio de Janeiro, que era o principal porto de passagem dos navios estrangeiros no Brasil nas décadas de 1810-1830. Todos os autores posteriores que citaram localidades determinadas para o Brasil (ex. MELLO-LEITÃO, 1923; VELLARD, 1924) consideraram que *T. venosa* ocorria no Rio de Janeiro. Assim, um neótipo fêmea da cidade do Rio de Janeiro foi designado (PEDROSO & BAPTISTA, 2004). A relação de *T. venosa* com *T. rogenhoferi* é tratada sob esta espécie na seção “Mudança de status taxonômico”.

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): Do município do Rio de Janeiro, passando por várias localidades da Serra do Mar, no estado do Rio de Janeiro, até Santa Teresa, no estado do Espírito Santo.

**MATERIAL EXAMINADO: BRASIL:** Sem localidade específica (1 J MNRJ 13606); **Espírito Santo:** Santa Teresa. Sem data e coletor (1 M, MNRJ s/n, ex col. ESFA); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia. 14-18.X.2003. Baptista, R. L. C., Pedroso, D. R., Giupponi, A. P. L., Almeida, D. F. & Mendes, A. C. col. (5 F MNRJ 03997); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia. 13-16.I.2004. Baptista, R. L. C., Pedroso, D. R., Almeida, D. F., Mendes, A. C. & Pérez, A. col. (1 F MNRJ 04177); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia. 10.IV.2006. Souza, T. & Barnabé, T. col. (1 F IBSP 13009); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia.

Sem data e coletor (1 M MNRJ 04180). **Rio de Janeiro**: Cachoeiras de Macacu, Reserva Ecológica de Guapiaçu. 11.III.2001. Baptista, R. L. C., Giupponi, Alessandro P. L., Pedroso, D. & Pires, Aline col. (3 F 1 J MNRJ 03086); Cachoeiras de Macacu, Reserva Ecológica de Guapiaçu. 8-12.XI.2001. Giupponi, Alessandro P. L. *et al.* col. (1 J MNRJ 03516); Cachoeiras de Macacu, Reserva Ecológica de Guapiaçu. 8-12.XI.2001. Pedroso, Denis R., Giupponi, Alessandro P. L., Frota, Deives & Pérez González, Abel col. (1 M 1 F MNRJ 03458); Cachoeiras de Macacu, Reserva Ecológica de Guapiaçu. 18-30.X.2004. *Pitfall* mamíferos (1 M MNRJ s/n); Casimiro de Abreu, Barra de São João, Morro de São João. 21-24.III.2003. Expedição Arachne. (3 F 1 J MNRJ 04173); Nova Iguaçu, Reserva Biológica do Tinguá. 15.V.2002. Folly, E. & Walter col. (1 F IBSP 13018); Nova Iguaçu, Reserva Biológica do Tinguá. 15.V.2002. Folly, E. & Walter col. (1 F IBSP 13019); Parque Nacional da Serra dos Órgãos. 18-22.VIII.2001. Equipe Biota col. (1 F IBSP 13169); Petrópolis, Fazenda Ranchinho, Porto da Roça. 8-5.II.2000. Cunha, F. *et al.* Col. (1 J IBSP 8683); Petrópolis. 2004. Prefeitura Municipal col. (1 F IBSP 12309); Rio de Janeiro. (1 F MNRJ 14004); Rio de Janeiro, Horto Florestal. 8.VI.1997. Giupponi, Alessandro P. L. col. (1 J MNRJ 01857); Rio de Janeiro, Jardim Botânico. XI.1983. Grupo União col. (1 F 1 J MNRJ 04172); Rio de Janeiro, Maciço da Tijuca. X.2003. Wienskoski, E. H. col. (1 M MNRJ s/n); Rio de Janeiro, Parque Nacional da Tijuca, Gávea. 18.I.2005. Pedroso, D. R. (1 F MNRJ s/n); Rio de Janeiro, Serra da Carioca, Paineiras. V.1993. Wienskoski, E. H. col. (1 M MNRJ 4179); Santa Maria Madalena, Parque Estadual do Desengano, Morumbéca. 13-17.V.2008. Chagas, A., Kury, A., Sampaio, C. & Moreira, T. col. (1 F subadulta MNRJ s/n).

#### **4.5.d. *Trechona sp. nova 1* “*minuana*”**

Fig. 28-29, B1, C4; Mapa 2

**MATERIAL-“TIPO”:** **BRASIL:** **Santa Catarina:** Blumenau, Parque Ecológico Spitzkopf. 25.X.2008. Pedroso, Denis R. & Vasconcelos, Eduardo G. col. (F “holótipo” MNRJ s/n); Florianópolis, Mata do morro atrás do prédio da APAE e SESI. 15-17.XII.1999. Giupponi, Alessandro P. L. & Pedroso, Denis R. col. (F “parátipo” MNRJ 13814);

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo de espécies de espermateca curta. Pode ser diferenciada por apresentar a espermateca com cabeça proporcionalmente menor, situada sobre um tipo de pedúnculo curvo para dentro, e com o ramo lateral mais longo que o braço da espermateca. Outra diferença é o padrão de cor, com cefalotórax e pernas castanho-alaranjados e faixas transversais castanho-claras pouco contrastantes sobre o fundo castanho do abdome.

**ETIMOLOGIA:** O nome dessa espécie foi inspirado pelo Minuano, um vento frio e seco de origem polar (massa de ar Polar Atlântica), que penetra no Brasil pelo Rio Grande do Sul, atinge o Paraná e Santa Catarina. Acredita-se que o nome venha dos Minuanos, uma tribo indígena já extinta, composta de índios guerreiros e grandes cavaleiros nômades, que percorriam a região oeste do território rio-grandense.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Fêmea (n=2): 45,5 (38,0) mm. Comprimento da carapaça: 16,0 (14,0) mm.

**CEFALOTÓRAX: Fêmea:** Castanho-claro alaranjado, com pêlos de revestimento de cor castanha, cobrindo parcialmente o cefalotórax, e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem do clipeo com dez a doze cerdas voltadas para frente. Porção anterior do cômodo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** castanho avermelhadas, enegrecendo na parte distal. Cerdas negras eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quatorze a quinze dentes. **Esterno** da mesma cor ou um pouco mais claro que o cefalotórax, com pêlos de revestimento castanho e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** da mesma cor ou um pouco mais claro que o cefalotórax, com base mais escura, clareando em direção anterior. Cerdas negras como as do esterno e sem pêlos de revestimento.

**ABDOME: Fêmea:** Castanho, com seis faixas transversais bege, pouco contrastantes, interrompidas na região mesal, atravessando o dorso e os lados, quase

alcançando a região ventral. Cerdas negras recobrimo o dorso. Fiandeiras com os três artículos de tamanho semelhante.

**PALPOS: Fêmea:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxa** sem pêlos de revestimento e com cerdas negras eretas na face ventral, que vão diminuindo de calibre até chegar à escópula maxilar, que tem a coloração ruiva. Região anterior próxima ao lábio com 22-33 cúspulas. Dorsalmente, as cerdas estão distribuídas na extremidade distal. **Fêmur** com dois a quatro espinhos dorsais, dispostos na região meso-distal, e um prolateral grande. **Patela** com um espinho prolaterodorsal. **Tíbia** com onze espinhos distribuídos dois ou três espinhos prolaterais, sendo um no terço basal, um no final do terço mediano e outro no terço distal, quando presente, um retrolateral, mais fino que o prolateral, no final do terço mediano, e oito ventrais, sendo um par no terço basal, outro no terço mediano e quatro espinhos na margem distal. **Tarso** escopulado, com um espinho retrolateral e um prolateral (às vezes ausente), no terço basal. Face ventral com algumas cerdas negras eretas no terço basal. Dorsalmente, com pêlos de revestimento e várias cerdas negras eretas distribuídas.

**PERNAS:** Comprimento total da perna I: Fêmea (n=2) 57,5 mm (52,0 mm). Coxa 7,0 (6,5) mm; trocânter 2,5 (2,0) mm; fêmur 14,0 (12,5) mm; patela 4,5 (4,5) mm; tíbia 12,0 (10,5) mm; metatarso 10,0 (9,5) mm; tarso 7,5 (6,5) mm). **Fêmeas:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxas** com pêlos de revestimento e cerdas castanho-escuras eretas na face ventral. Dorsalmente, as cerdas estão distribuídas na extremidade distal. **Perna I:** Mesma cor dos palpos. **Fêmur** com quatro a cinco espinhos dorsais, sendo três ou quatro mesais e um prolaterodorsal, no terço distal. **Patela** com um espinho prolateral ou inerte. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal, quando existente, e outro no terço mediano, e quatro ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ímpar no terço mediano e um par no terço distal. **Metatarso** com um espinho prolateral, no terço basal, e três a quatro

ventrais, sendo um ímpar no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par ou um ímpar na margem distal. Pêlos de revestimento e várias cerdas negras eretas distribuídas dorsalmente. **Perna II: Trocânter** como na perna I. **Fêmur** com três a quatro espinhos dorsais, sendo dois a três espinhos mesais e um prolaterodorsal, no terço distal, quando existente. **Patela** com um espinho prolateral. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal, quando existente, e outro no terço mediano, e quatro ventrais, sendo um ímpar no terço basal, um ou dois ímpares no terço mediano e um par no terço distal. **Metatarso** com um espinho prolateral, no terço basal, e cinco ventrais, sendo um ímpar no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** com seis a nove espinhos dorsais, sendo dois espinhos mesais, um a três prolaterodorsais e três a quatro retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho prolateral. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço mediano, dois a três retrolaterais, sendo dois no terço basal (às vezes, um está ausente) e um no terço mediano, e seis ventrais, sendo um par no terço basal, um par no terço mediano e um par no terço distal. **Metatarso** com quatorze a quinze espinhos distribuídos irregularmente, sendo seis distais. **Tarso** com escópula dividida por uma fileira de cerdas negras espiniformes, ocupando a metade distal ou indo da base ao ápice do artículo (Fig. 28). **Perna IV: Fêmur** com quatro espinhos dorsais, sendo três espinhos mesais e um retrolaterodorsal, no terço distal. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com um a dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal (quando existente) e um no terço mediano, um a quatro retrolaterais, com distribuição variável, e seis ventrais, sendo um par no terço basal, um par no terço mediano e um par no terço distal. **Metatarso** com dezessete a dezenove espinhos distribuídos irregularmente, sendo cinco distais.

**GENITÁLIA (Fig. 29):** espermateca com cabeça muito pequena, pouco mais grossa que o tronco, situada sobre um tipo de pedúnculo estreito, curvado para dentro.

Ramo lateral mais longo que o braço da espermateca, com o ápice um pouco curvo para fora.

**OBSERVAÇÕES:** A fêmea “holótipo” de Blumenau é bem maior e, provavelmente, mais velha, que a fêmea “parátipo” de Florianópolis. Sua genitália apresenta um ramo lateral mais longo, com a curva apical mais pronunciada e com a clivagem em relação ao braço principal situada em posição mais basal. Além disso, a fêmea sub-adulta de Blumenau (IBSP 10802) apresenta um ramo lateral já alongado, mas de tamanho menor do que as anteriores, e com a clivagem ainda mais distal entre o ramo lateral e o braço principal. O tarso III do “holótipo” apresenta a escópula dividida por cerdas apenas na metade superior do artícolo, em contraste com a escópula completamente dividida na segunda fêmea “parátipo”. Os caracteres acima podem estar relacionados ao estágio de desenvolvimento diferenciado entre os espécimes.

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): Estado de Santa Catarina, Blumenau e Florianópolis.

**MATERIAL EXAMINADO: BRASIL: Santa Catarina:** Blumenau, Parque Ecológico Spitzkopf. 25.X.2008. Pedroso, Denis R. & Vasconcelos, Eduardo G. col. (3 J MNRJ s/n); Blumenau. 3.III.1993. Palhares, G. col. (1 F sub-adulta, IBSP 10802).

#### **4.5.d. *Trechona* sp. nova 2 “renneri”**

Fig. 30-35, D4; Mapa 2

**MATERIAL-“TIPO”:** BRASIL: Minas Gerais: Parque Nacional do Caparaó. 13.VIII.1986. Baptista, Renner L. C. col. (M holótipo MNRJ 4171, ex CRB T49).

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo das espécies de êmbolo curto. Pode ser diferenciada de outras espécies de *Trechona* pelo pequeno tamanho do corpo, apresentando 25,0 mm de comprimento total do corpo (das quelíceras ao abdome, sem contar as fiandeiras), pela lira dividida e com cerdas pouco clavadas, e pela presença de

faixas transversais contínuas no dorso do abdome (como em *T. uniformis*). Em relação às espécies com machos conhecidos, o bulbo copulatório apresenta formato piriforme delgado, com a base do êmbolo bem espessada, e a protuberância retrolateral do metatarso I situa-se abaixo da inserção do espinho ventral.

**ETIMOLOGIA:** A espécie foi nomeada em homenagem a Renner Luiz Cerqueira Baptista, aracnólogo que descobriu essa interessante aranha.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Macho (n=1): 25,0 mm. Comprimento da carapaça: 9,0 mm.

**CEFALOTÓRAX: Macho:** Castanho-claro, com pêlos de revestimento castanho-claros e dourados, revestindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas castanho-escuras espalhadas. Margem do clipeo com cinco cerdas voltadas para frente. Porção anterior do cômodo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** castanho-claras. Cerdas castanhas eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quinze dentes. **Esterno** um pouco mais claro que o cefalotórax, com pêlos de revestimento esbranquiçados e várias cerdas castanhas eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** da mesma cor do cefalotórax com base mais escura, clareando em direção anterior. Cerdas castanhas como as do esterno e sem pêlos de revestimento.

**ABDOME: Macho:** Castanho, com seis faixas contínuas de cor bege, atravessando o dorso e quase alcançando a região ventral. Primeira faixa com a parte mediana mais espessa que as laterais. Dorso com cerdas castanhas. Fiandeiras relativamente longas, quase alcançando o comprimento do abdome, com os três artículos de tamanho semelhante.

**PALPOS:** Região anterior, das coxas, próxima ao lábio, com 25-27 cúspulas bem marcadas. **Macho:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxa** sem pêlos de revestimento e com cerdas castanho-escuras eretas na face ventral, que vão diminuindo

de calibre em direção à escópula maxilar, que tem a coloração ruiva, e ao ápice do artícolo. Face interna com lira muito alongada e estreita, ocupando pouco mais de 2/3 do comprimento do artícolo. Divisão clara entre a parte basal e a distal, com um intervalo entre as cerdas das duas áreas. Cerdas pouco clavadas e não muito diferentes entre si em todas as fileiras. **Fêmur** com um espinho prolaterodorsal e outro retrolaterodorsal, ambos no terço distal. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no início do terço mediano e outro no início do terço distal, um retrolateral, mais fino que os prolaterais, no final do terço mediano, e quatro ventrais, sendo um par no terço basal e outro no terço mediano. **Tarso** sem espinhos, com cerdas castanho-claras. Lóbulo prolatéral distal protuberante, com parte interna glabra bem visível e projetando-se bem além da inserção do bulbo. Concavidade retrolateral bem marcada e sem cerdas. Bulbo descrito na parte da genitália masculina. Tíbia cerca de 2,0 x mais longa que o bulbo (Fig. 32).

**PERNAS:** Comprimento total da perna I: 46,0 mm (coxa 4,5 mm; trocânter 1,5 mm; fêmur 10,5 mm; patela 3,5 mm; tíbia 10,0 mm; metatarso 8,5 mm; tarso 7,5 mm). **Macho:** Basicamente, da mesma cor do cefalotórax. **Perna I: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo quatro mesais, três prolaterodorsais e três a cinco retrolaterodorsais. **Patela** sem espinhos, com pêlos de revestimento e cerdas castanho-escuras eretas como no palpo. Faixas glabras mais largas que as faixas do fêmur e da tíbia. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. Apófise retrolateral (Fig. 30 e 31) grande inserida na margem distal, portando um dos espinhos ventrais, o qual é muito curto, bem recurvo e com base muito alargada. **Metatarso** escopulado, com um espinho prolatéral no terço mediano e cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. Região basal

com concavidade perceptível e, logo acima, uma protuberância cônica, com o ápice rombo e mais escuro, situada pouco abaixo da inserção do espinho ventral do terço basal (Fig. 30 e 31). **Perna II: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três mesais, quatro prolaterodorsais e quatro retrolaterodorsais. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e com cinco a seis espinhos ventrais, sendo um ímpar ou um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** escopulado, com um espinho prolatéral no terço mediano da perna direita e cinco espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Perna III: Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três mesais, três prolaterodorsais e quatro retrolaterodorsais. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com um espinho retrolaterodorsal, situado na margem basal, dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, dois retrolaterais, sendo um no terço basal (ausente na perna esquerda) e um no terço distal, e cinco a seis espinhos ventrais, sendo um ímpar ou um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** alongado e escópula pouco marcada, com quatorze a dezoito espinhos distribuídos irregularmente, mas tendo sempre cinco distais. **Perna IV: Fêmur** com nove a onze espinhos distribuídos irregularmente na região dorsal. **Patela** como na perna I. **Tíbia** com dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** bem alongado e escópula pouco marcada, com dezoito a dezenove espinhos distribuídos irregularmente, tendo sempre cinco distais.

**GENITÁLIA:** (Figs. 32-35): bulbo copulatório com formato piriforme delgado e alongado, com margem interna quase reta, apenas com uma sutil sinuosidade

próximo a base do êmbolo, em vista retrolateral e prolateral. Base do êmbolo e região anterior a ela bem espessadas, afinando regularmente, com o ápice levemente curvo.

**OBSERVAÇÕES:** Somente o holótipo é conhecido. Animal criado em cativeiro por alguns meses, apresentando coloração muito pálida, devido ao fato de ter morrido logo após a muda.

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): Parque Nacional do Caparaó, Minas Gerais.

#### **4.5.d. *Trechona* sp. nova 3 “cotia”**

Fig. 36-41, D5; Mapa 2

**MATERIAL-“TIPO”:** BRASIL: São Paulo: Cotia. 26.XI.2004. Pavani, M. P. M. col. (M holótipo IBSP 11590, examinado).

**DIAGNOSE:** Pertence ao grupo das espécies de êmbolo longo. Pode ser diferenciada de *Trechona uniformis* pelo pequeno tamanho do corpo, apresentando 23,0 mm de comprimento total do corpo (das quelíceras ao abdome, sem contar as fiandeiras) e pelo êmbolo mais curto e sinuoso.

**ETIMOLOGIA:** O nome refere-se à cidade de Cotia no estado de São Paulo, local de coleta do espécime-tipo.

**DESCRIÇÃO:** Comprimento total do corpo sem as fiandeiras: Macho (n=1): 23,0 mm. Comprimento da carapaça: 10,0 mm.

**CEFALOTÓRAX: Macho:** Castanho-escuro, com pêlos de revestimento variando de acinzentado a castanho-claro, revestindo parcialmente o cefalotórax e com algumas cerdas negras espalhadas. Margem do clipeo com seis cerdas voltadas para frente. Porção anterior do cômodo ocular com algumas cerdas eretas. **Quelíceras** castanho-enegrecido, com abundantes pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas na face dorsal. Margem interna do sulco queliceral com uma fileira de quinze a dezesseis dentes. **Esterno** castanho, bem mais claro que o cefalotórax, com

pêlos de revestimento acinzentados e várias cerdas negras eretas, dispostas por toda a superfície. **Lábio** basicamente da mesma cor do externo, com cerdas negras como as do esterno e sem pêlos de revestimento.

**ABDOME: Macho:** Negro, com cinco faixas de cor bege, interrompidas no meio, atravessando o dorso e quase alcançando a região ventral. Primeira faixa com a parte próxima a linha mediana mais espessa que as laterais. Demais faixas com espessura menor e com a interrupção mediana bem mais ampla que a primeira. Dorso com cerdas negras. Fiandeiras relativamente longas, alcançando cerca de  $\frac{3}{4}$  do comprimento do abdome, com os três artículos de tamanho semelhante.

**PALPOS:** Região anterior das coxas, próxima ao lábio, com 33-34 cúspulas bem marcadas. **Macho:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxa** sem pêlos de revestimento e com cerdas negras eretas na face ventral, que vão diminuindo de calibre em direção à escópula maxilar, que tem a coloração ruiva, e ao ápice do artículo. Face interna com lira relativamente curta e alta, ocupando cerca de  $\frac{2}{3}$  do comprimento da maxila (Fig. D5). **Fêmur** com três espinhos, sendo um dorsal, um prolaterodorsal e outro retrolaterodorsal, todos no terço distal. **Patela** sem espinhos. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais, sendo um no início do terço mediano e outro no início do terço distal, e cinco/seis ventrais, sendo um par + um ímpar no terço basal e um par + um ímpar (ausente no palpo direito) no terço mediano. **Tarso** sem espinhos, com cerdas castanhas. Lóbulo prolatéral distal projetando-se pouco além da inserção do bulbo. Concavidade retrolateral pouco marcada e sem cerdas. Bulbo descrito na parte da genitália masculina. Tíbia cerca de 1,75 x mais longa que o bulbo (fig. 38).

**PERNAS:** Comprimento total da perna I: 50,0 mm (coxa 5,0 mm; trocânter 2,0 mm; fêmur 11,0 mm; patela 4,0 mm; tíbia 10,5 mm; metatarso 9,5 mm; tarso 8,0 mm). **Macho:** Basicamente da mesma cor do cefalotórax. **Coxas I-IV** com pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas na face ventral. Dorsalmente, as cerdas

estão distribuídas na extremidade distal. **Perna I:** Mesma cor dos palpos. **Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo quatro mesais, três prolaterodorsais e quatro retrolaterodorsais. **Patela** sem espinhos, com pêlos de revestimento acinzentados e cerdas negras eretas como no palpo. Faixas glabras mais largas que as faixas do fêmur e da tíbia. **Tíbia** com dois espinhos prolaterais e dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal em ambas as faces, e com cinco espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um na margem distal. Apófise retrolateral (Fig. 36 e 37) grande inserida na margem distal, portando o espinho ventral distal, o qual é pouco alongado, recurvo e com base não muito alargada. **Metatarso** escopulado, com curvatura acentuada em direção retrolateral, apresentando um espinho prolaral no terço basal e quatro espinhos ventrais, sendo um no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um ímpar na margem distal. Região basal com concavidade nítida e, logo acima, uma protuberância cônica, com o ápice agudo e mais escuro, situada na mesma altura da inserção do espinho ventral do terço basal (Fig. 36 e 37). Metatarso com um engrossamento que inclui a região da protuberância e a base do espinho. **Perna II:** **Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo três ou quatro mesais, dois prolaterodorsais e dois ou três retrolaterodorsais. **Patela** como um espinho prolaral na perna direita. **Tíbia** com um ou dois espinhos prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal (se existir), um retrolateral no terço basal e com seis ou oito espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ou três ímpares no terço mediano, um par na margem distal e um ímpar logo atrás dela, quando existente. **Metatarso** escopulado, com um a dois espinho prolaterais, sendo um no terço basal e outro no terço mediano, quando existente, um espinho retrolateral no terço mediano da perna direita e seis espinhos ventrais, sendo quatro ímpares no terço basal e um par na margem distal. **Perna III:** **Fêmur** somente com espinhos dorsais, distribuídos em três fileiras, sendo

dois ou três mesais, quatro prolaterodorsais e quatro retrolaterodorsais. **Patela** com um espinho retrolateral. **Tíbia** com um espinho dorsal, situado na margem basal retrolateral, um ou dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, quando existente, dois retrolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** com escópula pouco marcada, com dezesseis espinhos distribuídos irregularmente, sendo cinco na margem distal. **Perna IV: Fêmur** com doze a treze espinhos distribuídos irregularmente na região dorsal. **Patela** como na perna III. **Tíbia** com um espinho dorsal, situado na margem basal retrolateral, dois prolaterais, sendo um no terço basal e um no terço distal, três retrolaterais, sendo um no terço basal, um no terço mediano e um no terço distal, e seis espinhos ventrais, sendo um par no terço basal, dois ímpares no terço mediano e um par na margem distal. **Metatarso** bem alongado e escópula pouco marcada, com vinte a vinte e um espinhos distribuídos irregularmente, tendo cinco ou seis distais.

**GENITÁLIA:** (Figs. 38-41): bulbo copulatório com êmbolo alongado, atingindo mais da metade do comprimento da tíbia do palpo, e sinuoso com uma curva em “S” em vista frontal. Bulbo propriamente dito (sem incluir o êmbolo e sua base) mais largo do que longo. Em vista retrolateral, o êmbolo apresenta uma forte inclinação em direção frontal, com seu ápice ultrapassando em muito a margem do bulbo.

**OBSERVAÇÕES:** O macho bem jovem de Alto da Serra apresenta faixas transversais muito finas e com extremidades mesais bem distantes entre si, padrão semelhante ao do macho holótipo. Além disso, a presença de 29-30 cúspulas concorda mais com o padrão de *Trechona* sp. 3 “cotia” (33-34 cúspulas), e não com o de *T. rufa* (máximo de 27 cúspulas), ainda mais levando em conta que se trata de um exemplar jovem. Embora haja muitos registros de *T. rufa* em Cotia, Santo André e arredores,

nenhum outro exemplar de *Trechona* sp. 3 “cotia” foi encontrado nos lotes examinados, o que enfatiza a necessidade de novas coletas nessa área.

**DISTRIBUIÇÃO** (Mapa 2): municípios de Cotia e Santo André, SP.

**MATERIAL EXAMINADO: BRASIL: São Paulo:** Santo André, Alto da Serra. 18.III.1943. Lane F. & Soares, B. A. M. col. (1 M jovem MZSP 26188).

## 4.6 Registros adicionais de *Trechona*

### Mapa 2

**1- BRASIL: Minas Gerais:** Fortaleza de Minas. (1 M, *Trechona venosa*: Vellard det., FIOCRUZ, perdido).

Esse espécime, descrito por Vellard como macho de *Trechona venosa*, claramente apresenta o bulbo copulatório distinto das demais espécies já descritas, exibindo uma certa semelhança com o macho de *Trechona* sp. 3 “*cotia*”, devido ao êmbolo relativamente longo. Segundo a ilustração, todavia, esse espécime apresenta o êmbolo muito mais curvo e o bulbo mais cilíndrico do que a *T.* sp. n. 3, além da protuberância retrolateral bem diferente. Ademais, as faixas transversais desse espécime são mais largas e contínuas, em contraste com as faixas finas e bem separadas da *T.* sp. n. 3. É provável que esse macho represente um táxon distinto. Todavia, em vista da perda desse espécime, somente a coleta de exemplares adicionais permitirá uma conclusão precisa.

**2- BRASIL: Rio Grande do Sul:** Rio Grande. 11.III.1941. Salta, I. col. (1 F sub-adulta IBSP 3461).

Essa fêmea sub-adulta é, claramente, uma *Trechona*. O espécime pode tratar-se de uma espécie distinta das demais, mas somente um exemplar, em mau estado e fragmentado, foi localizado. Diferentemente de *Trechona* sp. n. 1 “*minuana*”, a espermateca apresenta a base muito larga, estreitando-se bruscamente após o lóbulo digitiforme, o qual é curto e muito fino, e a cabeça da espermateca muito larga, inserindo-se diretamente no pescoço, sem formar ângulo definido. O exame de uma fêmea sub-adulta de *Trechona* sp. n. 1 “*minuana*” demonstra que o lóbulo digitiforme já está bem desenvolvido, mesmo nos primórdios da vulva.

**3- BRASIL: Bahia:** Porto Seguro, Arraial d'Ajuda. 16°27.643' S 09°08.298'.  
24-27.II.2005. Expedição Arachné col. (1 J MNRJ s/n). **Espírito Santo:** Sooretama,  
REBIO. 20.IV.2006. Expedição Arachné col. (1 J MNRJ s/n).

Esses dois exemplares jovens de *Trechona* apresentam faixas transversais claras unidas pelo vértice no dorso do abdome, padrão semelhante ao de *Trechona uniformis*, que é, entretanto, uma espécie de pequeno porte. A espécie geograficamente mais próxima, *T. venosa*, apresenta faixas transversais claramente separadas. Sem animais adultos, torna-se difícil determinar se esses espécimes representam uma espécie inédita ou não.

**4- BRASIL: Minas Gerais:** Ouro Preto/Mariana, Parque Estadual do Itacolomi.  
Bertani, R. col. (J, col. pessoal R. Bertani, somente fotografias)

As fotos enviadas pelo Dr. Rogério Bertani permitem, claramente, reconhecer que se trata de um exemplar jovem de *Trechona*. Esse registro amplia a distribuição conhecida do gênero em direção ao interior do País e a uma região de transição de biomas, entre a Floresta Atlântica e o Cerrado.

**5- BRASIL: Minas Gerais:** Caiana (F ? IBSP 3004B, examinado).

Este exemplar, infelizmente, encontra-se danificado, com todas as pernas soltas. A genitália, dissecada por algum pesquisador anterior, não está junto ao exemplar. O município de Caiana situa-se próximo ao Parque Nacional do Caparaó, localidade-tipo de *Trechona* sp. n. 2 "*renneri*", e à divisa com o estado do Rio de Janeiro. Pode tratar-se da fêmea desconhecida de "*T. renneri*". Contudo, uma definição da identidade deste espécime depende da coleta de espécimes adultos, com genitália desenvolvida.

## 5. DISCUSSÃO

### 5.1. Caracteres taxonômicos genéricos e específicos

Como visto nas seções Introdução e Resultados, apesar do gênero *Trechona* ser facilmente identificável, a variação existente em alguns dos caracteres diagnósticos é maior do que a registrada na literatura e pode haver sobreposição com os estados encontrados em *Diplura*, dependendo da espécie.

A lira de *Diplura* apresenta, segundo RAVEN (1985), um máximo de doze cerdas rígidas, clavadas ou não. PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA (2008) já haviam relatado a existência de espécies com até 20 cerdas na lira. Adicionalmente, um espécime adicional de uma espécie inédita de *Diplura*, da Serra dos Órgãos, RJ, recentemente examinado, apresenta 26 cerdas na lira. A maior variação no número de cerdas da lira pode causar dúvidas quanto à identificação de determinados espécimes. Embora o maior número de cerdas rígidas (acima de 50 cerdas, de tamanhos variáveis) da lira seja um estado exclusivo de *Trechona*, a disposição das cerdas em várias séries é o caráter que melhor permite a separação entre esses dois gêneros. Devemos levar em conta, entretanto, que exemplares muito jovens de *Trechona* apresentam um pequeno número de cerdas na lira, dispostas em uma única série (MELLO-LEITÃO & ARLÉ, 1934), o que torna difícil sua separação de espécies de *Diplura* que apresentam padrão zebrado no abdome.

O pequeno tamanho relativo das fiandeiras de *Trechona* sempre foi considerado um caráter diagnóstico importante para o gênero. Porém, apenas as fêmeas apresentam as fiandeiras sempre bem menores em relação ao abdome (não atingindo a metade do comprimento deste). Em alguns machos (especialmente *Trechona* sp. n. 2 “*renneri*”) e nos espécimes muito jovens, as fiandeiras podem quase atingir o comprimento do abdome. Por outro lado, existem espécies de *Diplura* em que as fiandeiras das fêmeas

são relativamente curtas, atingindo pouco mais de metade do comprimento do abdome. Mesmo machos de *Diplura*, cujas fiandeiras são mais longas que as das fêmeas, podem apresentar fiandeiras um pouco mais curtas ou tão longas quanto o abdome. Levando em conta a variação em diferentes espécies, torna-se evidente que o tamanho relativo das fiandeiras não pode ser considerado como caráter diagnóstico exclusivo para o gênero, mas usado como característica auxiliar para a identificação.

Um caráter diagnóstico interessante e não ressaltado na literatura é a grande fóvea recurva de *Trechona*. A fóvea de *Diplura* em diferentes espécies examinadas, em contraste, é reta e de menor tamanho.

Os melhores caracteres diagnósticos para a separação entre as espécies de *Trechona* são o formato dos bulbos copulatórios e do metatarso I nos machos e a forma das espermatecas e a quantidade de cerdas espiniformes negras na face ventral do tarso da perna III nas fêmeas. A coloração, especialmente as faixas transversais, o tamanho do corpo e o número de cúspulas na coxa dos palpos (maxila) também são muito úteis.

## 5.2. Espécies excluídas do gênero

Como resultado das atividades desenvolvidas durante esta dissertação, as três espécies listadas abaixo foram excluídas de *Trechona*. A maioria dos dados abaixo já foi publicada em PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA, 2008.

### ***Trechona adspersa* Bertkau, 1880**

*Trechona adspersa* Bertkau, 1880a: 30, pl. 1, f. 9; Bücherl, 1957: 386, f. 16-16a.

“*Trechona*” a.: Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 365-366 (transf. p/ Nemesiidae).

Espécie baseada em um macho, tendo como localidade-tipo Pedra-Açu, Teresópolis, RJ. O holótipo foi, provavelmente, depositado no Instituto Real de

Ciências Naturais da Bélgica (IRNSB), pois a maioria dos aracnídeos coletados pela missão belga ao Brasil, e publicados no mesmo volume em que foi descrita *T. adspersa*, foram depositados nesse museu, incluindo seis espécies de opiliões (KURY, 2003). Infelizmente, o holótipo não foi encontrado no IRNSB (L. Baert, comunicação pessoal) e está, provavelmente, perdido. Tanto a descrição, como as ilustrações fornecidas por BERTKAU, 1880 (pr. 1, fig. 9) indicam tratar-se de um espécime de Nemesiidae. O holótipo é uma pequena aranha (corpo comprimento 11 mm), com manchas claras abundantes, dispostas transversalmente, no abdome, palpo com tibia curta e engrossada e bulbo copulatório afinando regularmente até a extremidade do êmbolo, todas características similares ao de alguns representantes de Nemesiidae. Além disso, uma fêmea de um gênero inédito de Nemesiidae (R. Baptista, com. pessoal) foi coletada próximo à localidade-tipo, muito similar à descrição de Bertkau. Como não é possível realizar uma atribuição genérica precisa, “*Trechona adspersa*” é considerada como Nemesiidae *incertae sedis*.

***Mygale lycosiformis* (C. L. Koch, 1842)**

*Mygale lycosiformis* C. L. Koch, 1842: 85, f. 745 (Df).

*Trechona l.*: C. L. Koch, 1850: 74.

“*Avicularia*” *l.*: Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 366 (transf. p/ Theraphosidae).

Baseada em uma fêmea do Brasil, essa espécie foi transferida para *Trechona* por C. L. KOCH (1850). O local de depósito do holótipo não foi especificado na descrição original. Uma das possibilidades seria a Coleção Zoológica do Museu de História Natural, Universidade Humboldt, Berlin (Zoologische Sammlung, Museum für Naturkunde der Universität Humboldt, Berlin, ZMHB), juntamente com a maioria do material descrito por C. L. Koch, incluindo muitas outras espécies descritas no mesmo volume de 1842 do *Die Arachniden*. A segunda possibilidade seria a Coleção Estatal de Zoologia, Munique (Zoologische Staatssammlung München, ZSMC), tendo em conta

que o holótipo pertence à coleção Perty, depositada nesta instituição. No entanto, o curador da Coleção Aracnológica do ZMHB, Dr. Jason Dunlop, respondendo a nosso pedido, informou que não conseguiu localizar qualquer espécime de *M. lycosiformis* naquela coleção (com. pess.). O curador da ZSMC, Dr. Roland Melzer, também não encontrou o tipo de *M. lycosiformis* (com. pess.). Em vista disso, o holótipo é considerado como perdido. A descrição e ilustração originais (KOCH, 1842, fig. 745), embora incompletas e imprecisas, permitem reconhecer que esta espécie, claramente, não é uma *Trechona*. A cor marrom uniforme, sem listras contrastantes sobre o abdome, o corpo peludo, as fiandeiras curtas e a forma e proporção das pernas, relativamente grossas, mostram que *Mygale lycosiformis* é um Theraphosidae *incertae sedis*. O nome genérico *Mygale* Lamarck, 1802, pré-ocupado, foi substituído por *Avicularia* Lamarck, 1818. No entanto, é evidente que *M. lycosiformis* não pertence ao gênero *Avicularia*, como é evidenciado por sua cor castanha e pernas cobertas por pelos moderadamente curtos e relativamente escassos. Infelizmente, como esta espécie não pode ser alocada precisamente em um dos inúmeros gêneros de Theraphosidae, o nome *Mygale lycosiformis* deve ser citado como *Avicularia lycosiformis* (C. L. Koch, 1842) **comb. nov., nomen dubium**. Esse novo nome foi mais um a compor a extensa lista de 29 **nomina dubia** em *Avicularia* (PLATNICK, 2009). A citação de *Trechona lycosiformis* para a Guiana Britânica encontrada nas versões do catálogo de Platnick até 2008 (v. 7.0), antes da transferência para Theraphosidae, era um lapso, referindo-se, em realidade, à citação errônea de *T. venosa* para aquele país, feita por MELLO-LEITÃO (1923).

### ***Trechona sericata* Karsch, 1879**

*Trechona sericata* Karsch, 1879d: 545

*Linothele* s.: Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 366.

Espécie baseada em uma fêmea holótipo de Bogotá, Colômbia (corpo 34 mm de comprimento). O holótipo é um espécime alfinetado e fixado a seco, depositado no ZMHB. Uma fotografia do *habitus* do holótipo, gentilmente enviada pelo curador do ZMHB, Dr. Jason Dunlop, foi analisada. De acordo com a fotografia e a descrição original de KARSCH (1879), o holótipo tem fiandeira lateral posterior 1,5 mais longa que o corpo e não possui faixas transversais sobre o abdome. Além disso, Karsch não citou a existência de cerdas clavadas sobre a face interna da coxa do pedipalpo. Todas as espécies de *Trechona* conhecidas têm fiadeiras mais curtas (até pouco mais de 75% do comprimento do abdome), faixas transversais sobre o abdome e uma espessa camada de cerdas clavadas na face interna da coxa do pedipalpo. Assim, *Trechona sericata* deve ser excluída do gênero. As fiadeiras alongadas, com pernas e tarso flexível, indicam que esta espécie poderia pertencer ou ao gênero *Linothele* Karsch 1879, ou a *Ischnothele* Ausserer 1875. *Linothele* é um gênero comum na Colômbia, com algumas espécies que ostentam fiadeiras muito longas e tarso flexível. *Ischnothele* também é encontrada na Colômbia, representada por *Ischnothele caudata* Ausserer 1875, uma espécie de ampla distribuição naquele país (COYLE, 1995). Levando em consideração o abdome alongado, as pernas relativamente longas, a forma da carapaça e a região ocular ampla do holótipo, além da coloração acobreada, é evidente que *T. sericata* pertence a *Linothele*, assemelhando-se a *L. megatheloides* Paz & Platnick 1977. Então, *Trechona sericata* = *Linothele sericata* (Karsch, 1879) **comb. nov.**

### 5.3. Mudanças de status taxonômico

#### *Trechona rogenhoferi* (Ausserer, 1871) *nomen dubium*

*Diplura rogenhoferi* Ausserer, 1871: 179.

*Eudiplura r.*: Simon, 1892a: 179 (Macho de *T. venosa*, identificação errônea); Fischel, 1927: 67, f. 9-10 (Macho provavelmente de *Linothele*, identificação errônea).

*T. r.*: Raven, 1985a: 75, f. 30 (somente fêmea. Macho pertence a *T. venosa*, identificação errônea); Pedroso, Baptista & Ferreira, 2008: 366 (*nomen dubium*).

Essa espécie foi baseada em uma “fêmea” do Brasil (Museu de Viena, não examinada). Contudo, o pequeno tamanho do holótipo (19 mm) e as fiandeiras relativamente longas indicam que se trata de um jovem, o que dificulta a determinação do *status* de *T. rogenhoferi*. RAVEN (1985) forneceu uma figura da lira do holótipo, que demonstra que essa espécie é, realmente, uma *Trechona*. Ele também analisou e ilustrou o macho do Brasil (Museu de Paris, não examinado), identificado como *Eudiplura rogenhoferi* por SIMON (1892). As ilustrações detalhadas desse macho, feitas por Raven, permitem identificá-lo como um espécime de *Trechona venosa*, o que pode ser demonstrado pelo bulbo piriforme (fig. 25) e os metatarsos profundamente entalhados, com um grande engrossamento na área da protuberância retrolateral (fig. 26). No entanto, não há nenhuma evidência de que esse macho pertence à mesma espécie do holótipo de *T. rogenhoferi*. Assim, esta espécie foi considerada como *nomen dubium* por PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA, 2008, já que não há indicação precisa de uma localidade-tipo e espécimes jovens não são, geralmente, identificáveis até espécie. Se levarmos em consideração que as cidades do Rio de Janeiro e de Santos eram duas das mais importantes localidades de coleta na época da coleta do holótipo, é possível que *T. rogenhoferi* seja um sinônimo júnior de *T. venosa* (se recolhido no estado do Rio de Janeiro) ou sinônimo sênior de *T. rufa* (se tiver sido coletado no estado de São Paulo).

*Trechona rufa* Vellard, 1924 é considerada como uma espécie válida, sendo removida da sinonímia de *Trechona venosa*, de acordo com PEDROSO, BAPTISTA & FERREIRA, 2008 e com a seção de Resultados desta dissertação. Essas duas espécies são diferenciadas por numerosos caracteres, como as faixas intercaladas entre as faixas

transversais claras no abdome, número de cúspulas maxilares, ocorrência de cerdas espiniformes na face ventral dos tarsos das pernas posteriores, forma das espermatecas e dos bulbos copulatórios. Contudo, a variação apreciável de caracteres em *T. rufa* dificulta, às vezes, sua separação de *T. venosa*. Embora *T. venosa* apresente um tamanho médio (corpo macho 37 mm, fêmea 48 mm) maior que o de *T. rufa* (corpo macho 31 mm, fêmea 40 mm), existe uma superposição entre os extremos de tamanho dessas espécies. As fêmeas de *T. rufa* também podem apresentar variação apreciável no formato das espermatecas, com a cabeça apresentando divisão em lóbulos, diferente da forma ovalada mais comum, e o ramo lateral relativamente longo, semelhante ao de *T. venosa*, e contrastando com a típica saliência curta da maioria dos espécimes da espécie paulista. Um exemplo notável da variação em *T. rufa* são os dois machos coletados em Caraguatatuba, SP (MNRJ s/n). Esses espécimes apresentam caracteres intermediários, como um tamanho maior do que o usual para *T. rufa*, o metatarso I um pouco engrossado na área da protuberância retrolateral e o bulbo copulatório também de formato diferenciado. Entretanto, sua coloração é mais acastanhada, e não negra, seu ventre é mais claro e o número de cúspulas atinge um máximo de 33 (contra mínimo de 40 em machos de *T. venosa*). Além disso, eles possuem uma clara protuberância retrolateral (ausente em *T. venosa*) e não apresentam a base do metatarso I com concavidade acentuada e formando uma quina distinta com o engrossamento logo acima.

#### **5.4. Fundamentação das novas espécies**

*Trechona* sp. 1 “*minuana*” pode ser diferenciada das outras espécies por possuir a espermateca com cabeça proporcionalmente bem menor, situada sobre um tipo de pedúnculo, curvado para dentro, e com o ramo lateral mais longo que o braço da espermateca. Outras diferenças são o tarso III com uma fileira ventral de cerdas

espiniformes negras, indo da parte basal até as garras (às vezes, interrompida na metade inferior, mas sempre com cerdas em torno da área glabra basal), e o padrão de cor, com cefalotórax e pernas castanho-alaranjados e faixas transversais castanho-claras pouco contrastantes sobre o fundo castanho do abdome.

***Trechona* sp. 2 “renneri”** é baseada somente em um exemplar macho. Entretanto, ela possui algumas características diagnósticas. O tamanho do corpo é de 25,0 mm de comprimento total, sendo menor que as outras espécies conhecidas. A lira é bem diferente daquela das demais espécies, apresentando uma divisão clara entre a parte basal e a distal e com cerdas pouco clavadas e não muito diferentes entre si em todas as fileiras. As faixas transversais no dorso do abdome são contínuas (como em *T. uniformis*). Em relação às espécies com machos conhecidos, o bulbo copulatório é piriforme e mais delgado, com a base do êmbolo bem espessada. A protuberância retrolateral do metatarso I é romba e situa-se abaixo da inserção do espinho ventral, contrastando com a posição ao mesmo nível ou acima do espinho encontrada em outras espécies.

***Trechona* sp. 3 “cotia”** representa um táxon bem distinto das demais espécies encontradas no estado de São Paulo, embora sua distribuição esteja englobada na de *T. rufa*. O bulbo copulatório apresenta êmbolo relativamente alongado, alcançando quase 60% do comprimento da tíbia do palpo. O êmbolo também é sinuoso com uma curva longa e suave em “S” em vista frontal. O bulbo propriamente dito (sem incluir o êmbolo e sua base) é mais largo do que longo, de forma semelhante, mas não tão acentuada quanto, aquela de *T. uniformis*. Em vista lateral, o ápice do êmbolo ultrapassa bastante a margem do bulbo, devido a sua forte inclinação em direção frontal, o que diferencia esta espécie das demais. As faixas transversais muito finas e com extremidades mesais bem distantes entre si são também exclusivas desta espécie. O número de 33-34 cúspulas no macho “holótipo” também está acima da variação encontrada em *T. rufa* (máximo de 27

cúspulas). Embora haja muitos registros de *T. rufa* em Cotia, Santo André e arredores, nenhum outro exemplar de *Trechona* sp. 3 “cotia” foi encontrado nos lotes examinados, o que enfatiza a necessidade de novas coletas nessa área.

## 5.5. Distribuição geográfica do gênero

Mapas 1-2

No início desta revisão, a distribuição do gênero *Trechona* compreendia uma área que ia da Colômbia até as Guianas e o Brasil (Amazônia e regiões Sul e Sudeste), segundo a literatura. Contudo, essa distribuição foi consideravelmente reduzida como resultado desta dissertação. A inclusão da Colômbia na área de distribuição de *Trechona* devia-se a *T. sericata*, que, como vimos anteriormente, não pertence ao gênero. Já a inclusão das Guianas e da Amazônia foi feita por MELLO-LEITÃO (1923), sem a menção de qualquer espécime que pudesse corroborar essa afirmação. O exame das coleções brasileiras e a pesquisa na literatura não evidenciaram nenhum espécime daquelas áreas.

A área de distribuição do gênero *Trechona* é, portanto, reduzida à Mata Atlântica dos seguintes estados: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dos quais foram obtidos exemplares do gênero.

## 6. CONCLUSÕES

1. Foram reconhecidas seis espécies de *Trechona* C. L. Koch, 1850, das quais três são inéditas, tendo sido elaboradas descrições detalhadas e figuras representando as características diagnósticas de cada espécie.

2. *Trechona adspersa* Bertkau, 1880 foi considerada como integrante de um gênero inédito de Nemesiidae, pois apresenta o bulbo similar ao de alguns representantes desta família. Uma fêmea desse nemesídeo também foi coletada na localidade-tipo, sendo similar á descrição de Bertkau.

3. *Trechona lycosiformis* (C. L. Koch, 1842) foi transferida para Theraphosidae, baseado na ilustração e descrição feitas pelo o autor. Uma nova combinação mandatória, “*Avicularia*” *lycosiformis*, foi realizada, embora essa espécie, claramente, não seja uma *Avicularia* Lamarck, 1818 verdadeira, e devesse ser considerada como *incertae sedis*.

4. A única espécie colombiana incluída no gênero, *Trechona sericata* Karsch, 1879, foi transferida para o gênero *Linothele*, formando a nova combinação *Linothele sericata* (Karsch, 1879).

5. *Trechona rogenhoferi* (Ausserer, 1871) foi considerada como um *nomen dubium*. Essa espécie foi baseada em um jovem, de procedência do Brasil, sem localidade específica, e pode ser um sinônimo de outras espécies válidas. O macho ilustrado por Raven (1985) pertence, claramente, a *Trechona venosa*.

6. A subespécie *Trechona venosa rufa* Vellard, 1924 foi redescrita e elevada ao nível de espécie. O macho dessa espécie também foi descrito pela primeira vez. A área de distribuição da espécie restringe-se ao estado de São Paulo.

7. *Trechona uniformis* Mello-Leitão, 1935 tem sua ocorrência para os municípios de Salesópolis e Ubatuba, estado de São Paulo. Foi feito ainda o primeiro registro para o estado de Minas Gerais, municípios de Rio Preto e Lima Duarte e, provavelmente, para o estado do Rio de Janeiro, município de Angra dos Reis. Até

então só se conhecia o macho holótipo, cuja localidade-tipo é apenas o estado de São Paulo, sem localidade específica.

8. O esclarecimento da identidade de *Trechona venosa* (Latreille, 1832) foi efetuado, com a expansão da distribuição para o estado do Espírito Santo.

9. A espécie inédita *Trechona* sp. 1 “*minuana*” foi descrita, a partir de fêmeas encontradas nos municípios de Blumenau e Florianópolis, estado de Santa Catarina.

10. *Trechona* sp. 2 “*renneri*” também é uma espécie inédita, baseada em um único macho, do Parque Nacional do Caparaó, estado de Minas Gerais.

11. A terceira espécie não publicada, *Trechona* sp. 3 “*cotia*”, foi baseada em um único macho, coletado no município de Cotia, estado de São Paulo. Além dele, há um jovem do município de Santo André, no mesmo estado.

12. A área de distribuição do gênero *Trechona* foi reduzida, restringindo-se somente à Mata Atlântica dos seguintes estados: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

13. Foram feitos registros inéditos importantes, que ajudam a delimitar a área de ocorrência de *Trechona*, como o mais meridional (Rio Grande, Rio Grande do Sul), o mais setentrional (Porto Seguro, Bahia) e o mais ocidental (Ouro Preto, Minas Gerais).

14. Os melhores caracteres diagnósticos para as espécies são presença de faixas intercaladas entre as faixas claras do abdome, número de cúspulas maxilares, presença de cerdas negras na face ventral do tarso da perna III das fêmeas, forma dos bulbos copulatórios, modificações do metatarso I dos machos e forma das espermatecas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AUSSERER, A., 1871. Beiträge zur Kenntniss der Arachniden-Familie der Territelariae Thorell. *Verhandlungen des zoologisches-botanisches Gesellschaft im Wien*, 21: 117-224.

BERTKAU, P., 1880. Verzeichniss der von Prof. Ed. van Beneden auf seiner im Auftrage der Belgischen Regierung unternommen wissenschaftlichen Reise nach Brasilien und La Plata im Jahren 1872-73 gesammelten Arachniden. *Mémoires Courantes de l'Académie de Belgique*, 43: 1-120.

BERTANI, R., 2001. Revision, cladistic analysis, and zoogeography of *Vitalius*, *Nhandu*, and *Proshapalopus*; with notes on other theraphosine genera. *Arquivos de Zoologia (São Paulo)*, 36 (3): 265-356.

BLACKWALL, 1867. Remarks on the falces and maxillae of spiders. *Annals and Magazine of Natural History*, (3) 19: 258-259.

BONNET, P., 1945-1961. *Bibliographia Araneorum*. Imprimerie Douladoure, Toulouse. Volume 1 (1945), pp. 1-832; Volume 2 (1955-1959), pp. 1-5058; Volume 3 (1961), pp. 1-591.

BRIGNOLI, P. M., 1983. *A Catalogue of the Araneae described between 1940 and 1981*. Manchester University Press, Manchester. Pp. 1-755.

BÜCHERL, W., 1957. Sobre a importância dos bulbos copuladores e das apófises tibiais dos machos na sistemática das aranhas caranguejeiras (Orthognatha). *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 29 (3): 377-416.

CODDINGTON, J. A. & LEVI, H. W., 1991. Systematics and evolution of spiders (Araneae). *Annual Review of Ecology and Systematics*, 22: 565-592.

COYLE, F. A., 1995. A revision of the funnel-web mygalomorph spider subfamily Ischnothelinae (Araneae, Dipluridae). *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 226 (1): 1-133.

FISCHEL, W., 1927. Über südamericanische Aviculariiden. *Zoologischer Anzeiger*, 74: 59-74.

GOLOBOFF, P. A., 1995. A revision of the South American spiders of the family Nemesiidae (Araneae, Mygalomorphae). Part I: species from Peru, Chile, Argentina and Uruguay. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 224 (1): 1-189.

KARSCH, F., 1879. Arachnologische Beiträge. *Zeitschrift für gesammelten Naturwissenschaften*, 52: 534-562.

KOCH, C. L., 1842. *Die Arachniden*. 9 Band [Folge]. Nürnberg, pp. 57-108.

KOCH, C. L., 1850. *Übersicht des Arachnidensystems*. 5 Band. J. L. Lotzbeck (ed.), Nürnberg, pp. 1-77.

KURY, A. B., 2003. Annotated catalogue of the Laniatores of the New World (Arachnida, Opiliones). *Rev. Iberica de Aracnología, vol. especial monográfico*, 1: 1-337.

LATREILLE, P. A., 1832. Vues générales sur les araneides à 4 pneumobranches ou quadripulmonaires, suivies d'une notice de quelques especes de mygales inedites et de l'habitation de celle que l'on nomme *nidulans*. *Nouvelles Annales du Museum d'Histoire Naturelle de Paris*, 1: 61-76.

LUCAS, S. M., SILVA JR., P. I. da, BERTANI, R. & COSTA CARDOSO, J. L., 1994. Mygalomorph spider bites: a report on cases in state of São Paulo, Brazil. *Toxicon*, 32 (10): 1211-1215.

MELLO-LEITÃO, C. F. de, 1923. Theraphosoídeas do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, 13: 1-438.

MELLO-LEITÃO, C. F. de, 1935. Três novas aranhas tetrapneumones nas collecções do Instituto Butantan. *Memórias do Instituto Butantan*, 9: 355-60.

MELLO-LEITÃO, C. F. de & ARLÉ, R., 1934. De l'importance des exuvies dans l'étude de la biologie et de la systematique des araignées (note préliminaire). *Annaes da Academia Brasileira de Ciências*, 6 (3): 125-28.

PEDROSO, D. R. & BAPTISTA, R. L. C., 2004. Redescription of *Trechona venosa* Latreille, 1832) and designation of its neotype (Araneae: Dipluridae). *Revista Ibérica de Aracnologia* 10:149–156.

PEDROSO, D. R., BAPTISTA, R. L. C. & FERREIRA, P. S. F., 2008. *Trechona rufa* (Araneae, Dipluridae): new status, redescription and neotype designation with notes on the genus. *Journal of Arachnology* 36:360–367.

PICKARD-CAMBRIDGE, F. O., 1896. On the Theraphosidae of the lower Amazons: being an account of the new genera and species of this group of spiders discovered during the expedition of the steamship "Faraday" up the river Amazons. *Proceedings of the zoological Society of London*, 1896: 716-766.

PICKARD-CAMBRIDGE, F. O., 1897. *Arachnida. Araneida and Opiliones*. In: *Biologia Centrali-Americana, Zoology*. Taylor & Francis, London, volume 2, pp. 1-40.

PICKARD-CAMBRIDGE, F. O., 1902. A revision of the genera of Araneae or spiders with reference to their type species. *Annals and Magazine of natural History*, (7) 9: 5-20.

PLATNICK, N. I., 1989. *Advances in Spider Taxonomy 1981-1987: A Supplement to Brignoli's A Catalogue of the Araneae described between 1940 and 1981*. Manchester University Press, Manchester. Pp. 1-673.

PLATNICK, N. I., 1993. *Advances in Spider Taxonomy 1988-1991, with Synonymies and Transfers 1940-1980*. American Museum of Natural History, New York. Pp. 1-846.

PLATNICK, N. I., 1998. *Advances in Spider Taxonomy 1992-1995, with Redescriptions 1940-1980*. American Museum of Natural History, New York. Pp. 1-976.

PLATNICK, N. I., 2007. *The World Spider Catalog*, version 8.0. Publicação “online”, não mais disponível no sítio da INTERNET do American Museum of Natural History: <http://research.amnh.org/entomology/spiders/catalog/index.html>.

PLATNICK, N. I., 2009. *The World Spider Catalog*, version 9.5. Publicação “online” disponível, sítio da Internet do American Museum of Natural History: <http://research.amnh.org/entomology/spiders/catalog/index.html>. Última consulta: 28, Janeiro, 2009.

POCOCK, R. I., 1896. On the presence of Wood Mason's stridulating organ in *Trechona zebrata*. *Annals and Magazine of Natural History*, (6) 17: 177-179.

RAVEN, R. J. 1985. The spider infraorder Mygalomorphae (Araneae): Cladistics and systematics. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 182: 1-180.

RODRIGUES, D. R., SOUZA, C. A. dos S., LIMA, M. S., SANTOS, B. DA S., SILVA, A. V. da & SILVA, C. de P. A., 2008. Contribuição aos aspectos etológicos de populações de aranhas do gênero *Trechona* (Araneae: Mygalomorphae) em áreas de altitude, distrito de Serra d'Água, Angra dos Reis-RJ. *Resumos do XXVII Congresso Brasileiro de Zoologia*, Curitiba, PR. Livro de resumos, P-1933

ROEWER, C. F., 1942-1944. *Katalog der Araneae von 1758 bis 1940*. Bremen, Volume 1 (1942), pp. 1-1040; Volume 2 (1) (1944), pp. 1-140.

ROEWER, C. F., 1955. *Katalog der Araneae von 1758 bis 1940*. Bruxelas. Volume 2 (2), pp. 1-1751.

SELDEN, P. A., CASADO, F. C. & MESQUITA, M. V. 2006. Mygalomorph spiders (Araneae: Dipluridae) from the Lower Cretaceous Crato Lagerstätte, Araripe Basin, north-east Brazil. *Palaeontology* **49**: 817–826.

SIMON, E., 1889. Arachnides. In: Voyage de M. E. Simon au Venezuela (Décembre 1887 - Avril 1888). 4<sup>e</sup> Mémoire. *Annales de la Société Entomologique de France*, (6) 9: 169-220.

SIMON, E., 1892. *Histoire Naturelle des Araignées*. Paris. Volume 1, pp. 1-256.

SIMON, E., 1896. Étude sur les arachnides du Chili. Premier mémoire. *Actes de la Société Scientifique du Chili*, 1896: 63-70.

SIMON, E., 1903. *Histoire Naturelle des Araignées*. Paris. Volume 2, fascículo 4 (Supplément general). Paris, pp. 669-1080.

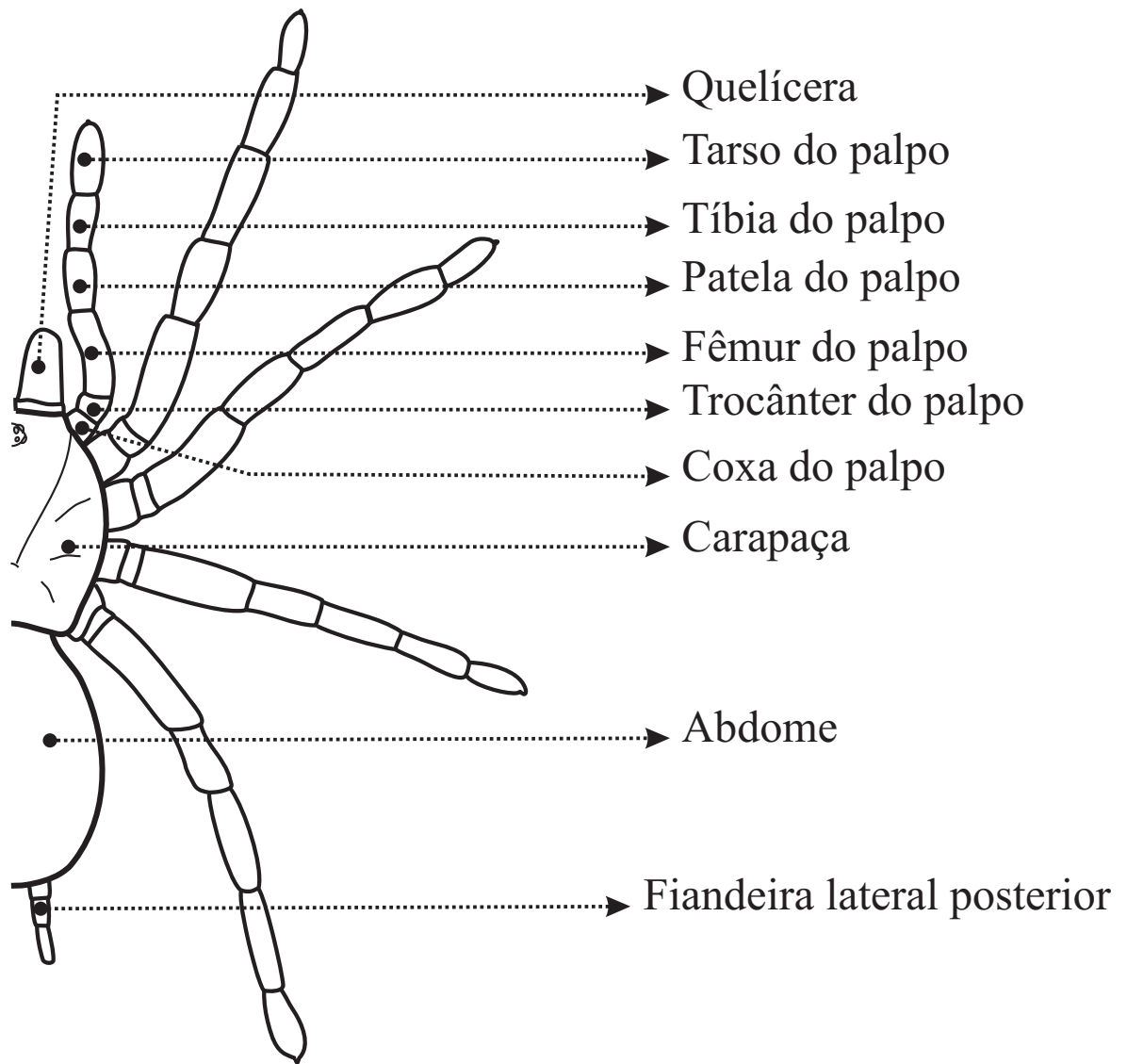
VELLARD, J., 1924. Études de zoologie, 1<sup>ère</sup> série - Note I., II., III. *Archivos do Instituto Vital Brazil*, 2: 121-70.

VELLARD, J., 1936. *Le Venim des Araignées*. Paris, pp.1-312.

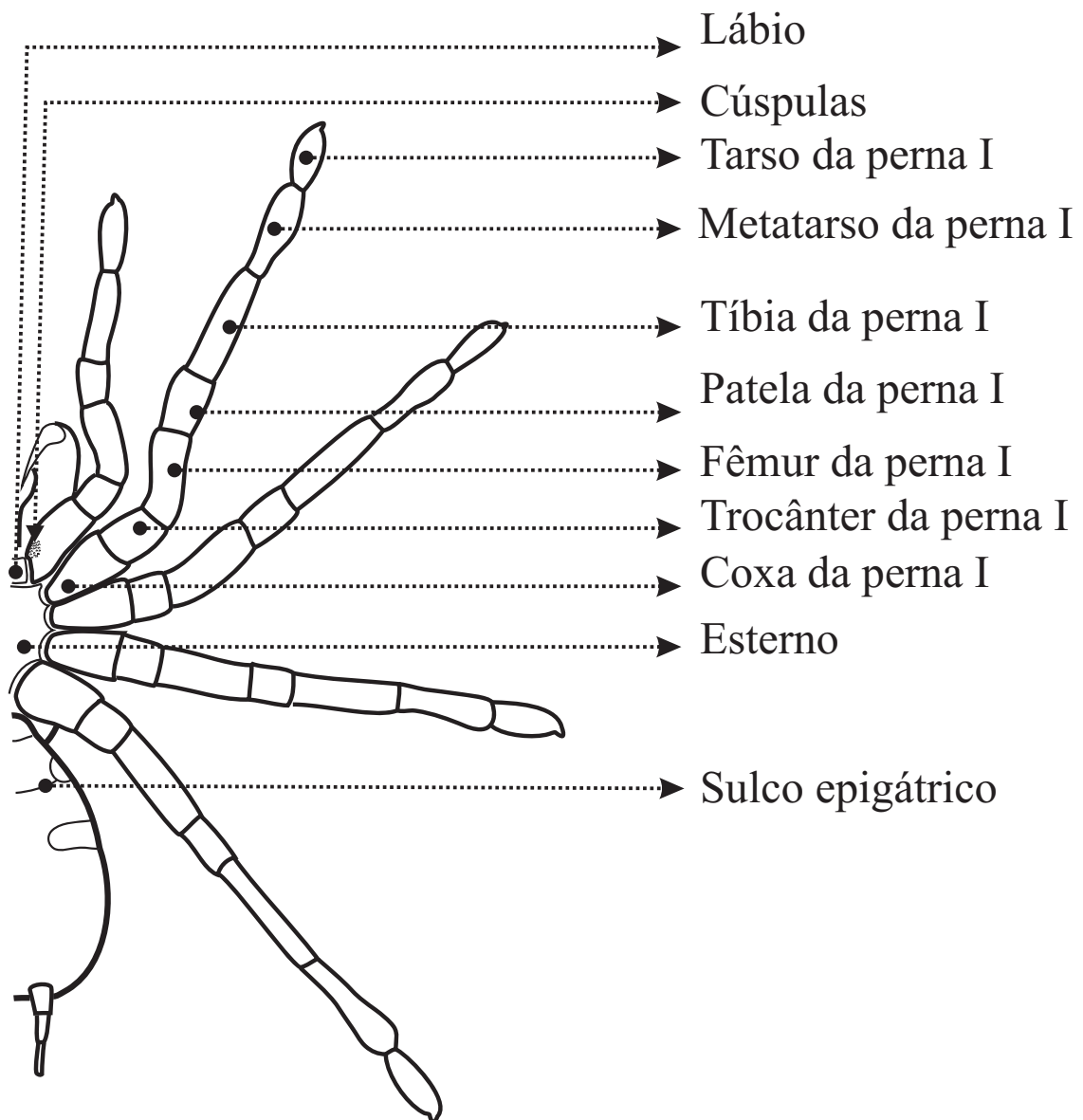
VITAL BRAZIL, M. da C. & VELLARD, J., 1925. Contribuição ao estudo do veneno das aranhas. *Memórias do Instituto Butantan*, 2 (5): 1-77.

WALCKENAER, C. A., 1835. Mémoire sur une nouvelle espèce de *Mygale*, sur les thérâphoses et les divers genres dont se compose cette tribu d'Aranéides. *Annales de la Société Entomologique de France*, 4: 637-651.

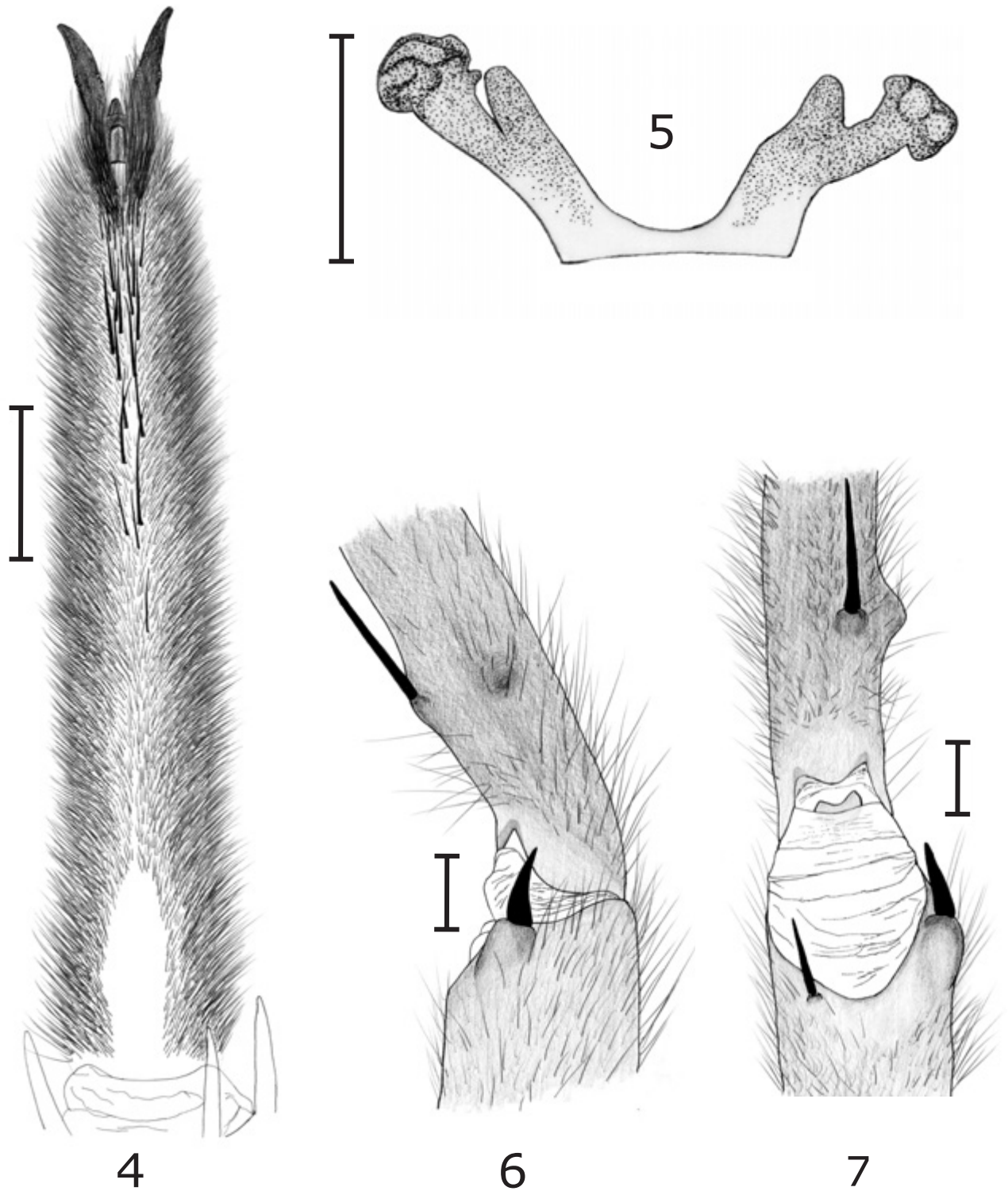
WALCKENAER, C. A., 1837. *Histoire Naturelle des Insectes. Aptères*. Volume I. Librairie Encyclopédique de Roret. Paris, vol. 1, pp. 1-682.



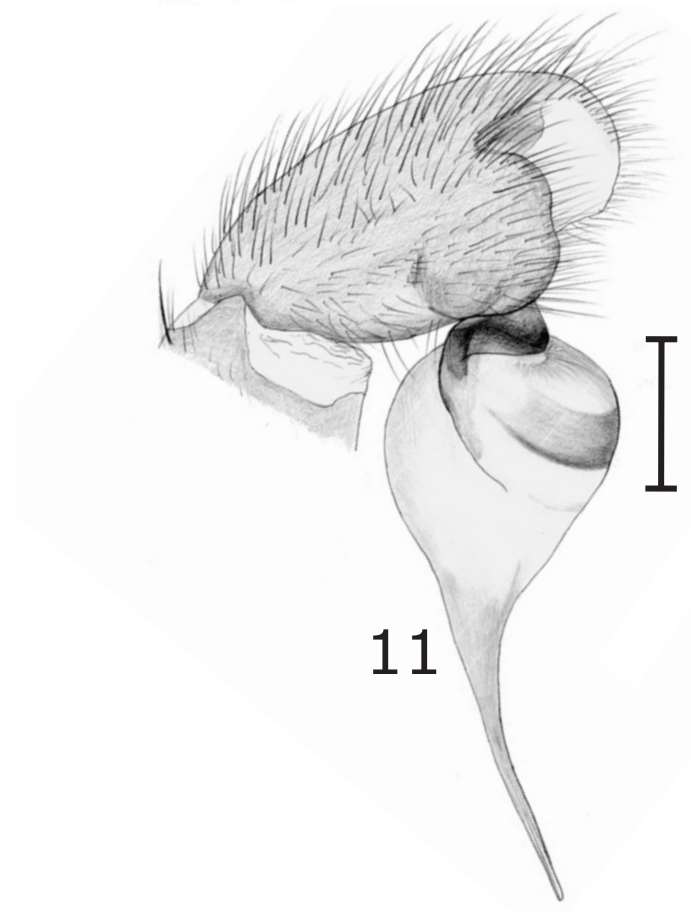
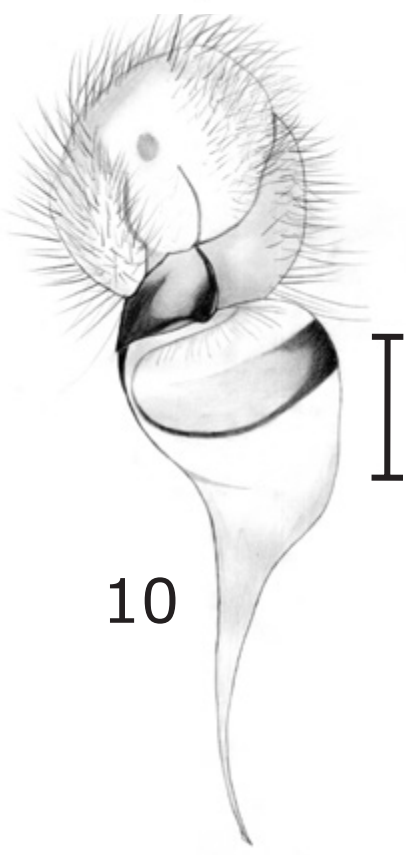
**Figura 2:** Desenho esquemático de uma Mygalomorphae, vista dorsal.



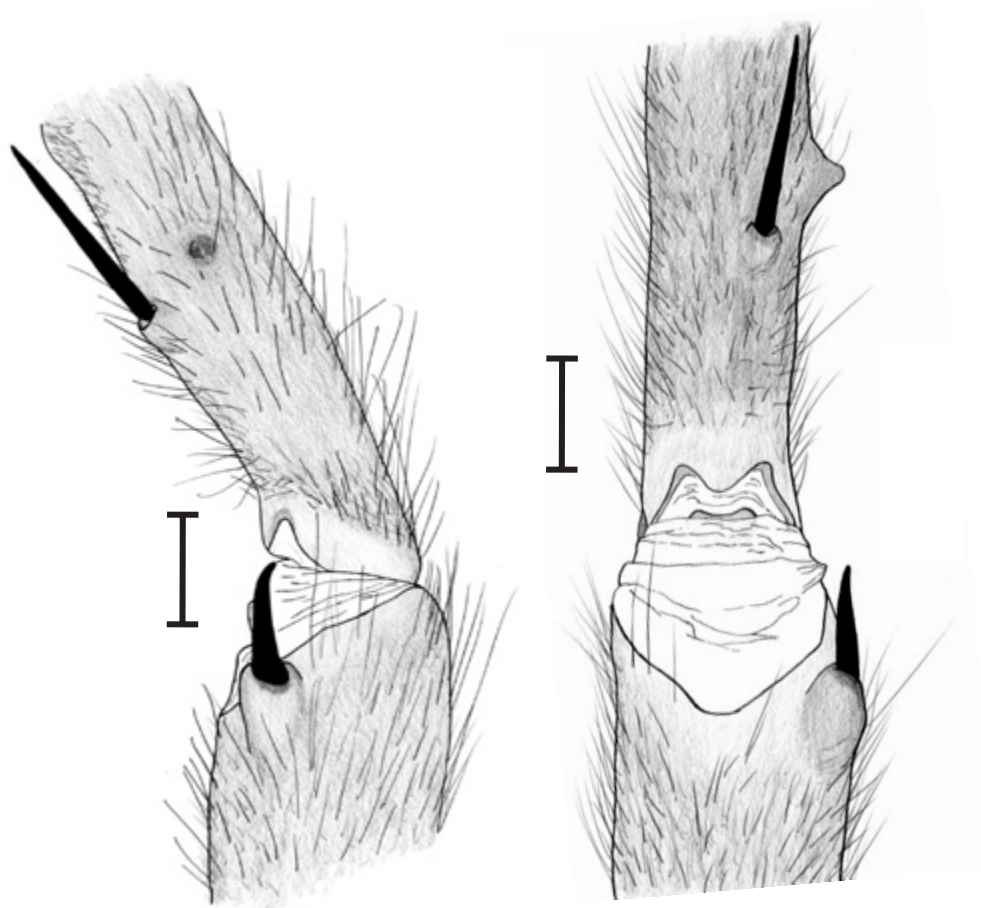
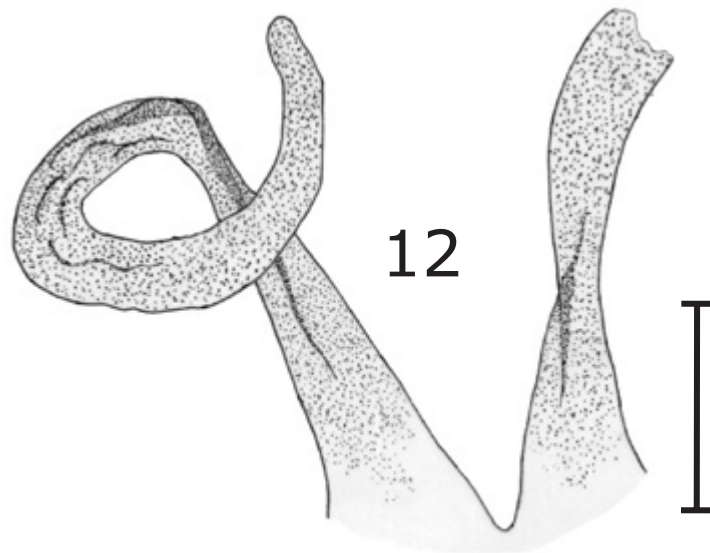
**Figura 3:** Desenho esquemático de uma Mygalomorphae, vista ventral.



**Figs 4-7.** *Trechona rufa*. **4.** Fêmea (MNRJ 4175) de Atibaia, SP, tarso III, vista ventral; **5.** espermateca, vista dorsal; **6.** Macho (MNRJ 4179) de Ribeirão Grande, SP, junção tíbia-metatarso I, vista retrolateral; **7.** Idem, vista ventral.



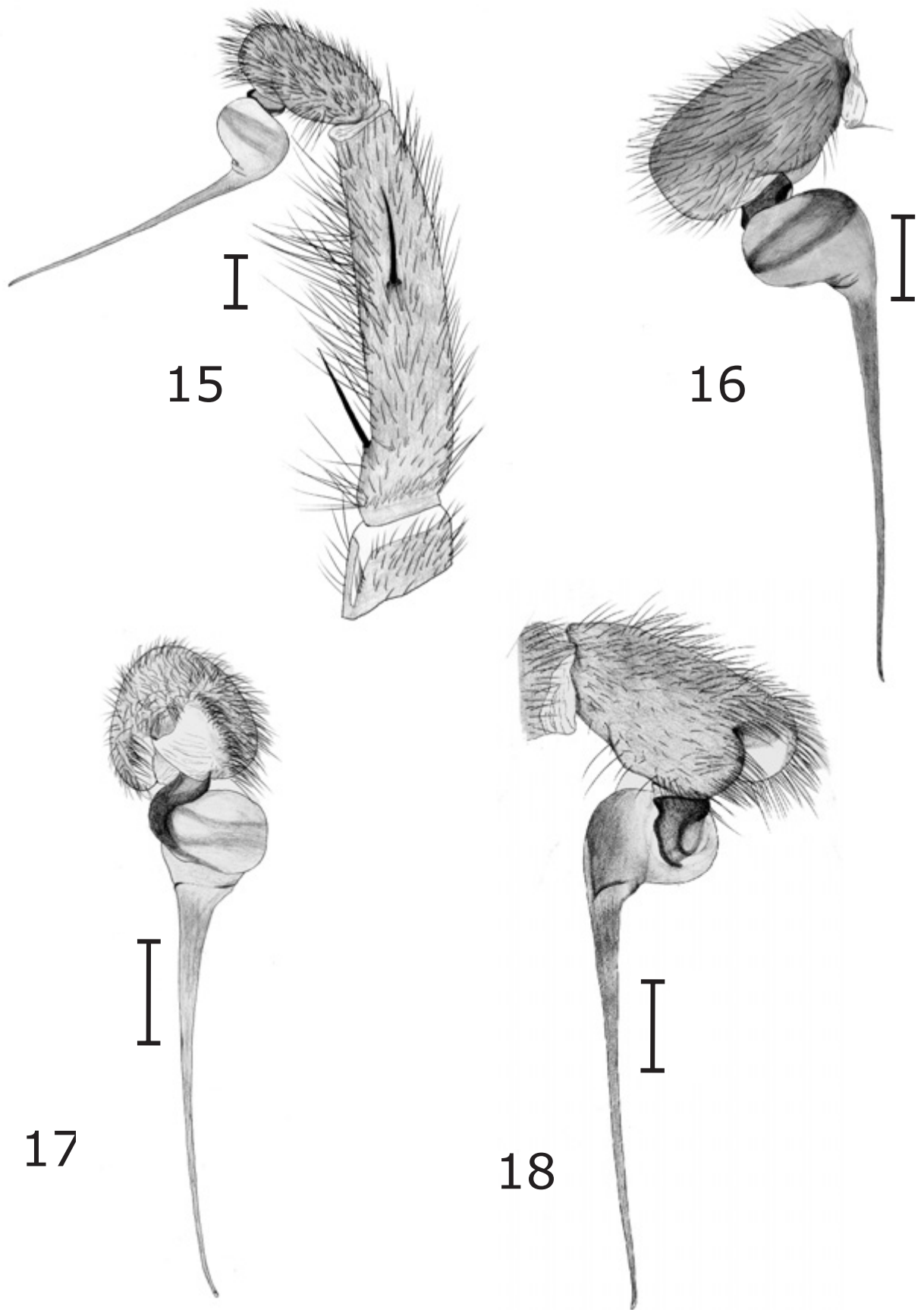
**Figs 8-11.** *Trechona rufa*. Macho (MNRJ 4179) de Ribeirão Grande, SP, pedipalpo esquerdo: **8.** Tíbia, vista retrolateral; **9.** Bulbo copulatório, vista retrolateral; **10.** Idem, vista frontal; **11.** Idem, vista prolateral;



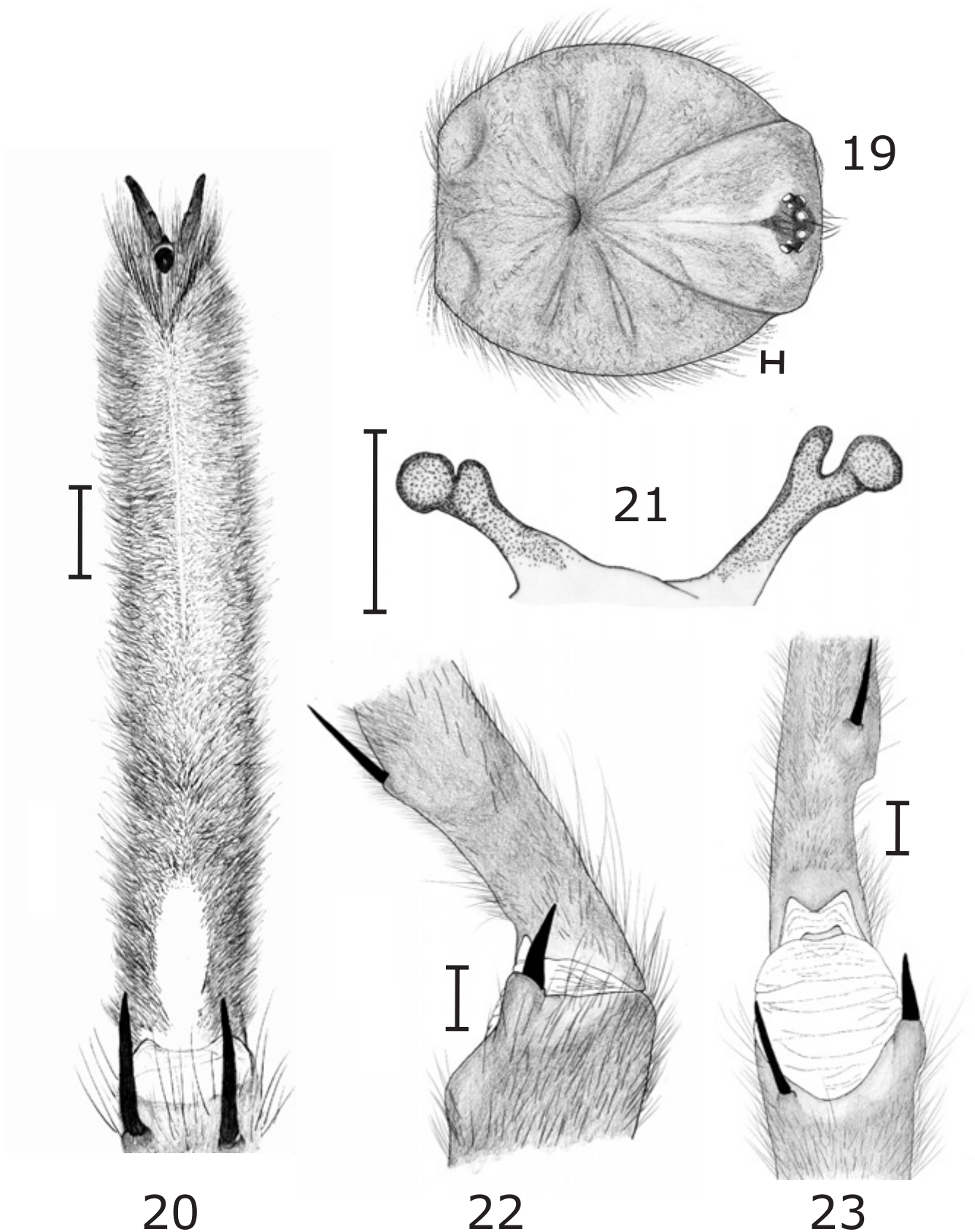
13

14

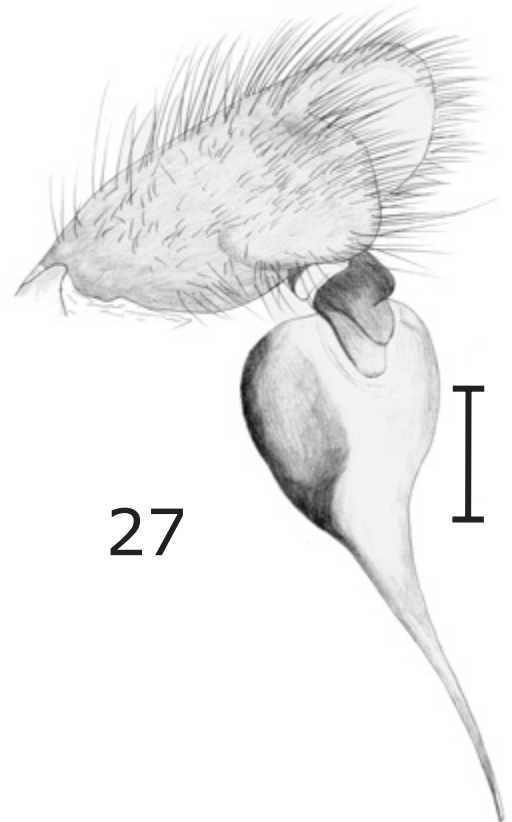
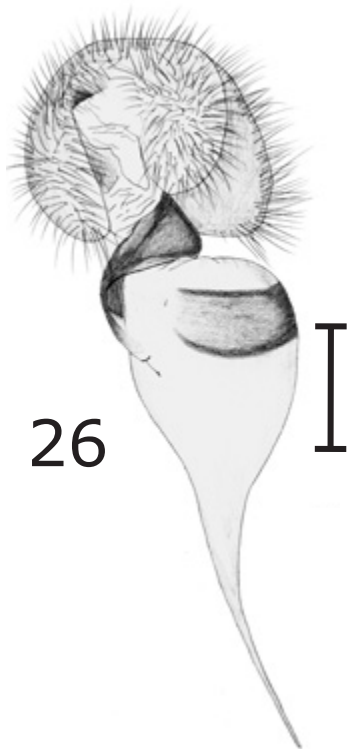
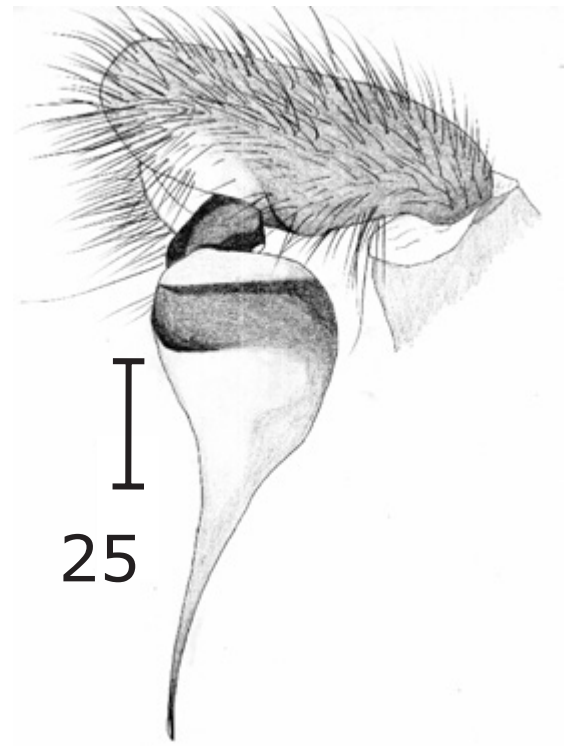
**Figs 12-15.** *Trechona uniformis*. **12.** Fêmea (MNRJ 4178) de Rio Preto, MG, espermateca, vista dorsal. **13.** Macho (MNRJ 4178) de Rio Preto, MG, junção tíbia-metatarso I, vista retrolateral; **14.** Idem, ventral. retrolateral.



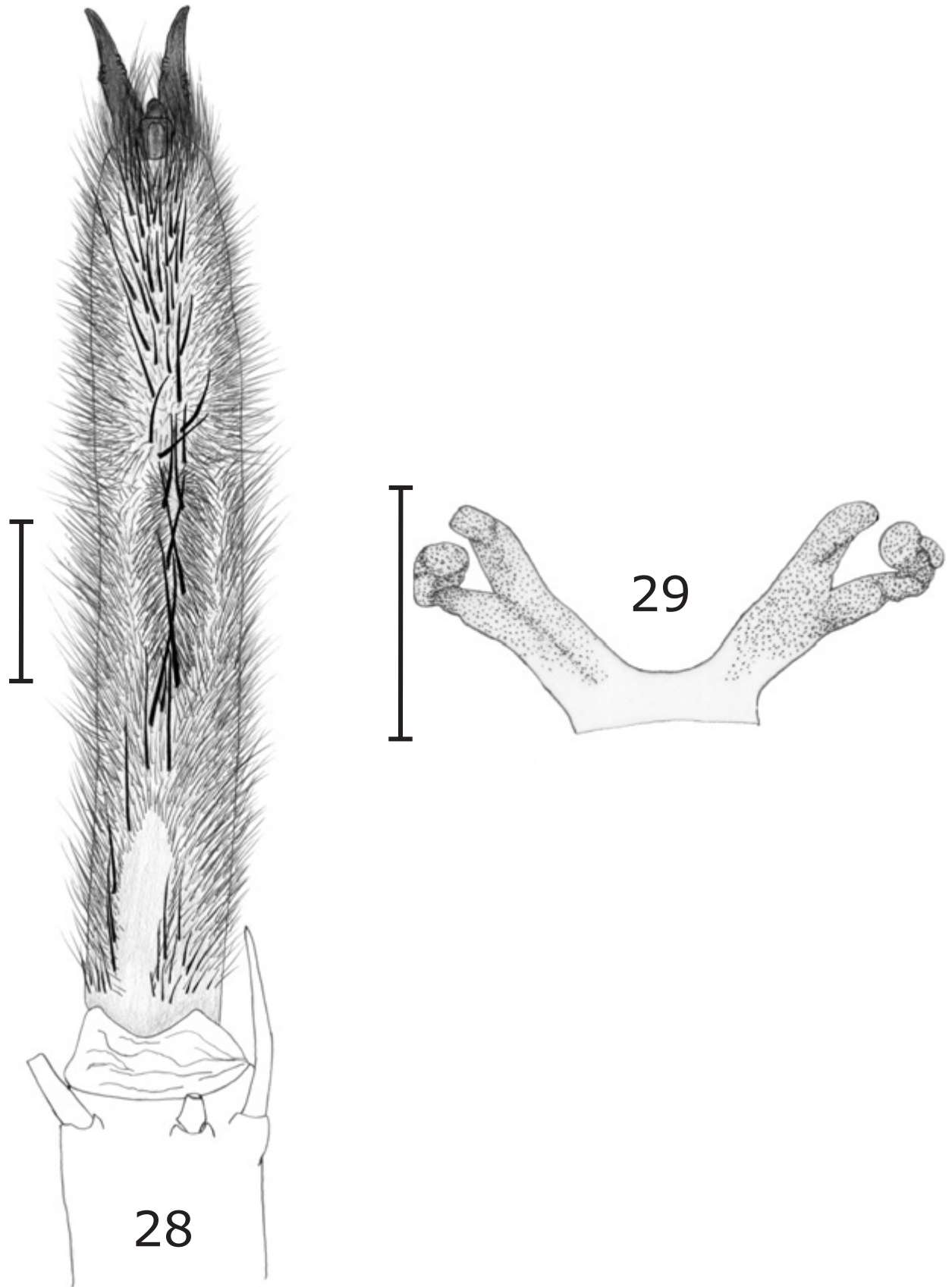
**Figs 15-18.** *Trechona uniformis*. Macho (MNRJ 4178) de Rio Preto, MG, pedipalpo esquerdo. **16.** Tíbia, vista retrolateral; **17.** Bulbo copulatório, vista retrolateral; **18.** Idem, vista frontal; **19.** Idem, vista prolateral.



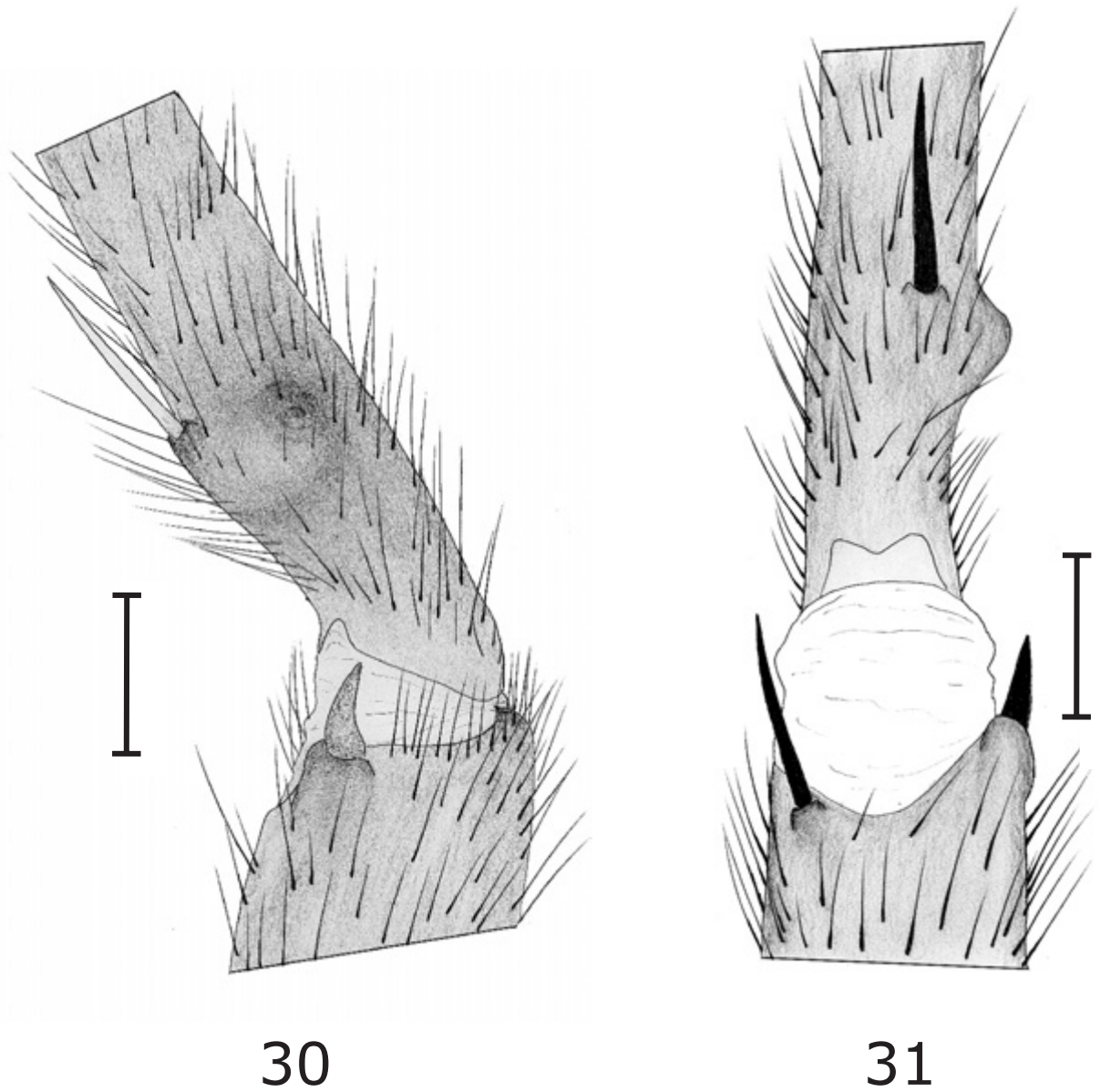
**Figs 19-23.** *Trechona venosa*. **19.** Macho, carapaça; **20.** Fêmea (MNRJ 3458) de Cachoeiras de Macacu, RJ, tarso III, vista ventral; **21.** Fêmea (MNRJ 3458) espermateca, vista dorsal (lado esquerdo um pouco inclinado). **22.** Macho (MNRJ 3458) de Cachoeiras de Macacu, RJ, junção tíbia-metatarso I, vista retrolateral; **23.** Idem, vista ventral.



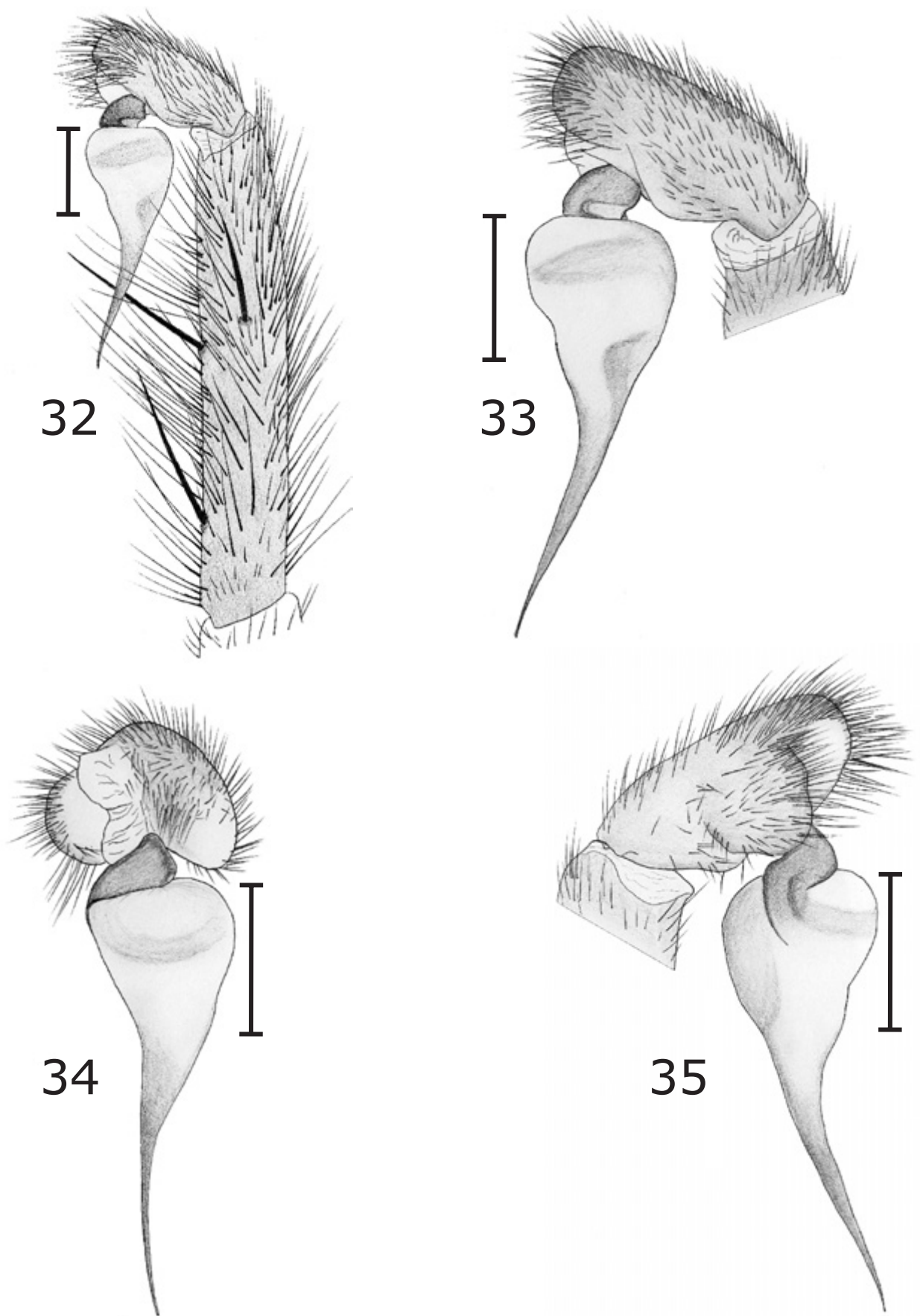
**Figs 24-27.** *Trechona venosa*. Macho (MNRJ 3458) de Cachoeira de Macacu, RJ, pedipalpo esquerdo: **24.** Tíbia, vista retrolateral; **25.** bulbo copulatório, vista retrolateral; **29.** Idem, vista frontal; **30.** Idem, vista prolateral .



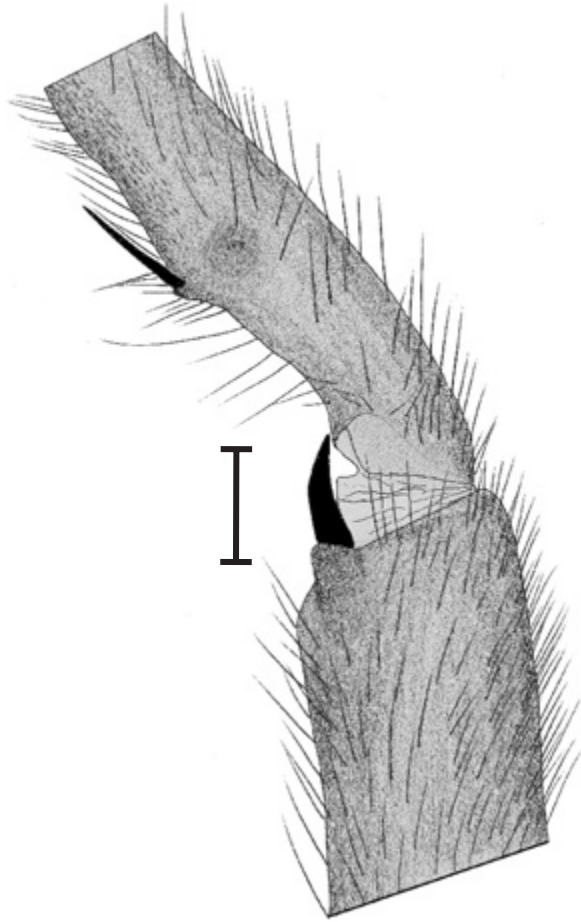
**Figs 28-29.** *Trechona* sp. nova 1 “*minuana*”. Fêmea (MNRJ 13814) de Florianópolis, SC. **28.** tarso III, vista ventral; **29.** espermateca, vista dorsal.



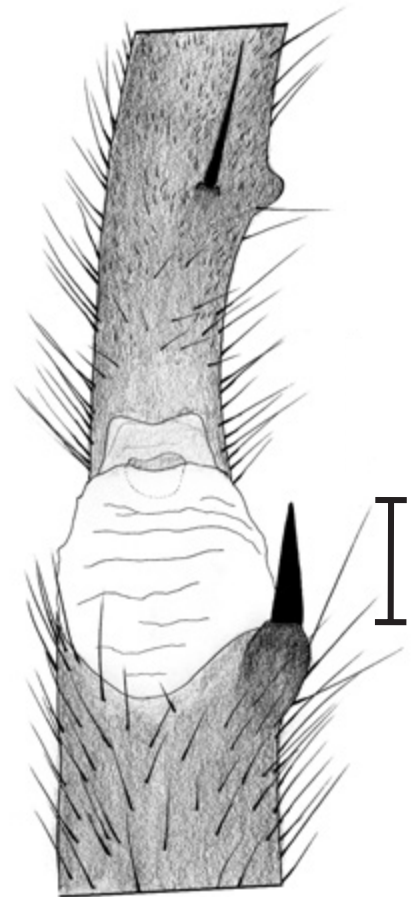
**Figs 30-31.** *Trechona* sp. nova 2 "*renneri*". Macho (MNRJ 4171, ex CRB T49) do Parque Nacional do Caparaó, MG, junção tíbia-metatarso I. **30.** vista retrolateral; **31.** vista ventral.



**Figs 32-35.** *Trechona* sp. nova 2 "*renneri*". Macho (MNRJ 4171, ex CRB T49) do Parque Nacional do Caparaó, MG, pedipalpo esquerdo: **32.** Tíbia, vista retrolateral; **33.** bulbo copulatório, vista retrolateral; **34.** Idem, vista frontal; **35.** Idem, vista prolateral.

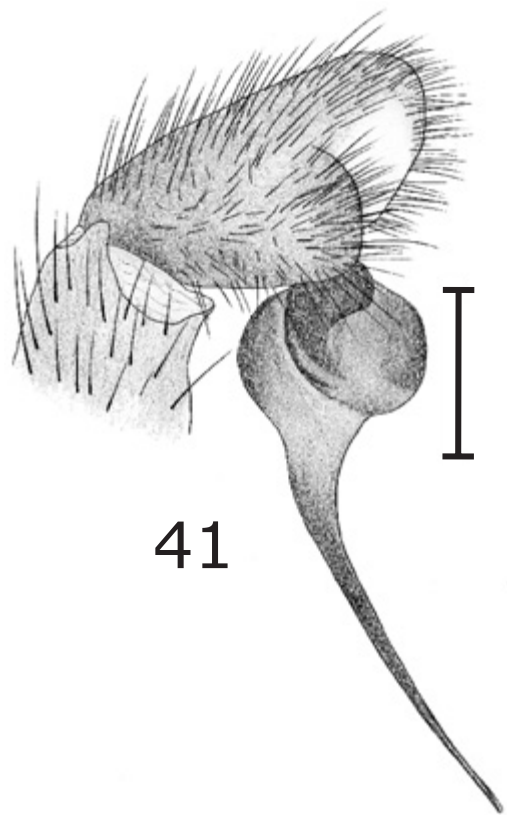
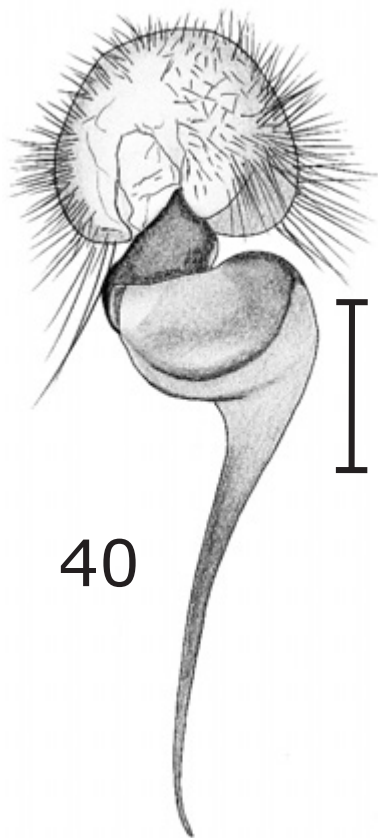
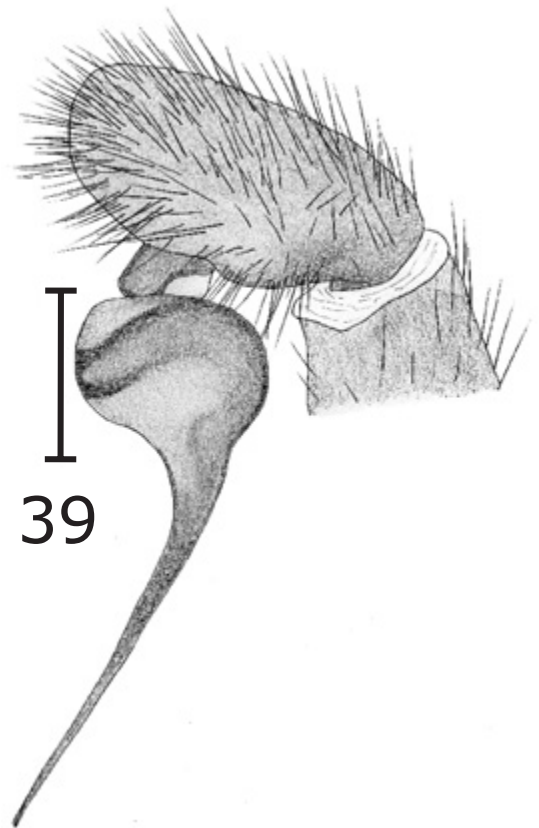
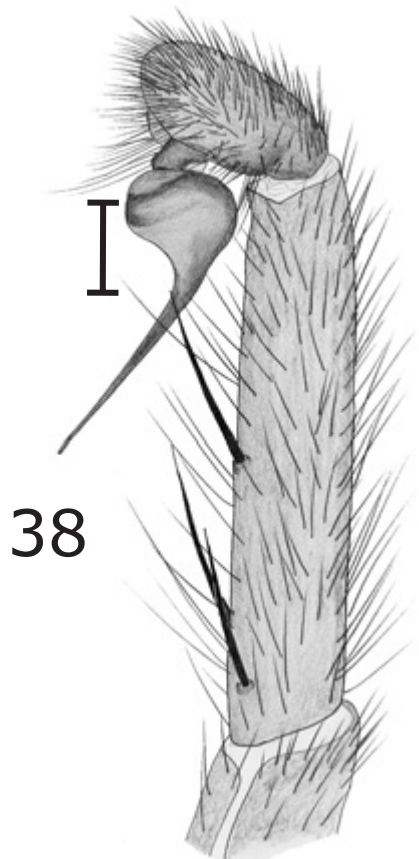


36



37

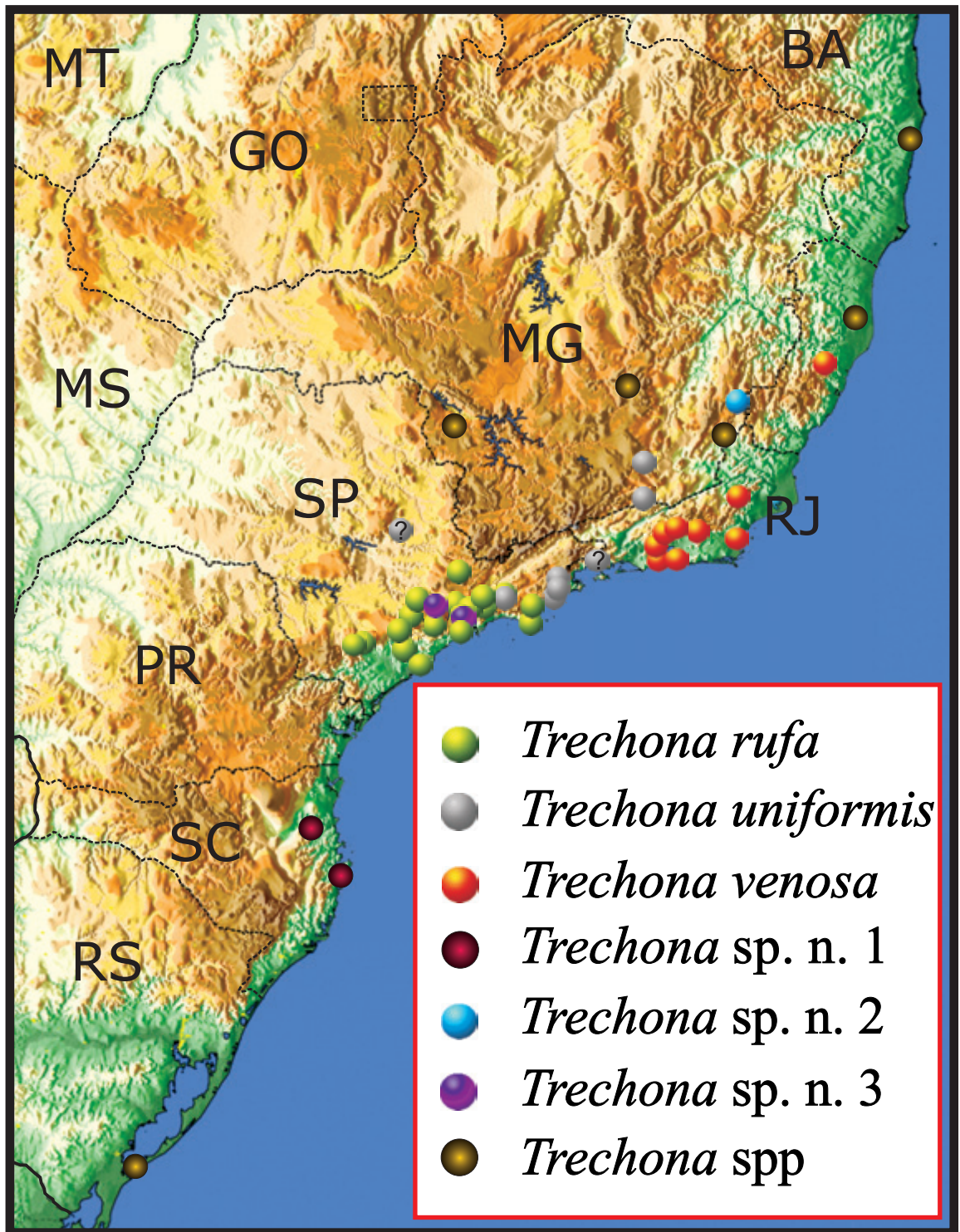
**Figs 36-37.** *Trechona* sp. nova 3 “cotia”. Macho (IBSP 11590) de Cotia, SP, junção tíbia-metatarso I. **36.** vista retrolateral; **37.** vista ventral.



**Figs 38-41.** *Trechona* sp. nova 2 "*cotia*". Macho (IBSP 11590) de Cotia, SP, pedipalpo esquerdo: **38.** Tíbia, vista retrolateral; **39.** bulbo copulatório, vista retrolateral; **40.** Idem, vista frontal; **41.** Idem, vista prolateral.



**Mapa 1.** Distribuição do gênero *Trechona* segundo a literatura.



Mapa 2. Distribuição das espécies de *Trechona* resultantes desta dissertação.



**Fig. A1 *Trechona***



**Fig. A2 *Trechona***



**Fig. A3 *Trechona rufa***



**Fig. A4 *Trechona rufa***



**Fig. A5 *Trechona venosa***



**Fig. A6 *Trechona***

Tipos de tocas encontradas no gênero *Trechona*.



**Fig. B1** J. *Trechona* sp. n. 1



**Fig. B2** Fêmea *Trechona rufa*



**Fig. B3** Fêmea *Trechona*



**Fig. B4** Macho *Trechona*

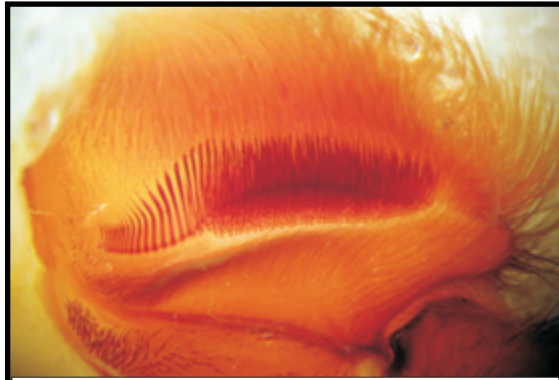


**Fig. B5** *Trechona* spp

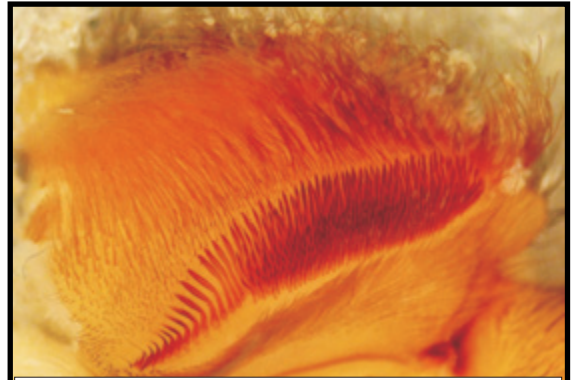


**Fig. B6** Fêmea *Trechona*

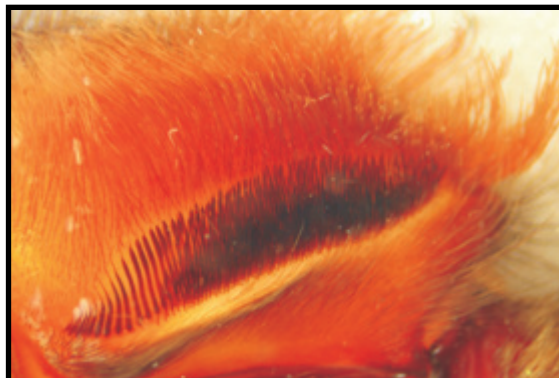
*Hábitus*: B1-Blumenau, SC; B2-Juréia, SP; B3-Ilha Anchieta, SP; B4-Jaraguá, SP; B5-Itacolomi, MG; B6-Santa Teresa, ES.



**Fig. C1 *Trechona rufa***



**Fig. C2 *Trechona***

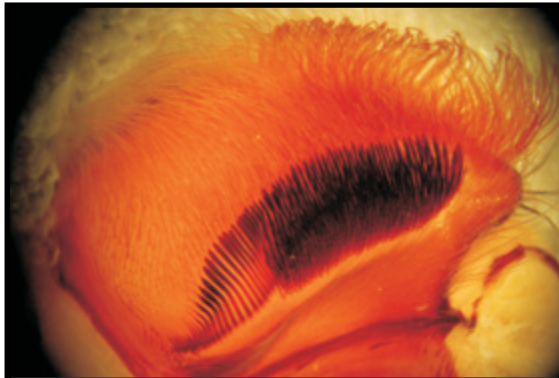


**Fig. C3 *Trechona venosa***

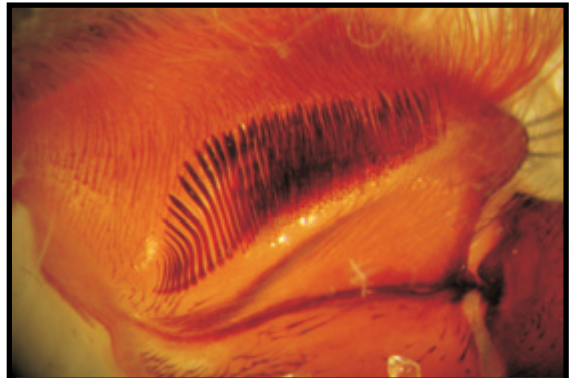


**Fig. C4 *Trechona* sp. n. 1**

Lira nas fêmeas de *Trechona*: C1-Praia Grande, SP; C2-Rio Preto, MG; C3-Santa Teresa, ES; C4-Florianópolis, SC.



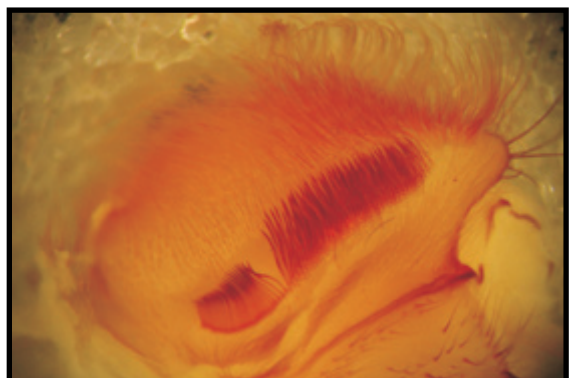
**Fig. D1 *Trechona rufa***



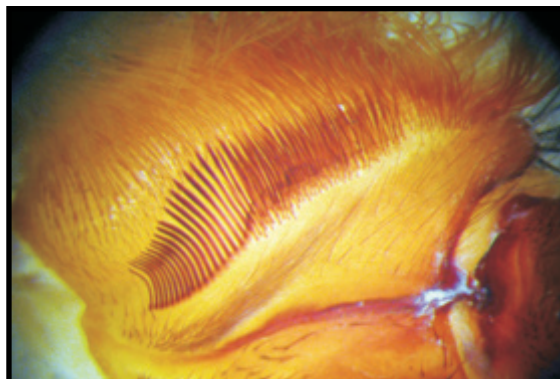
**Fig. D2 *Trechona***



**Fig. D3 *Trechona venosa***



**Fig. D4 *Trechona* sp. n. 2**



**Fig. D5 *Trechona* sp. n. 3**

Lira nos machos de *Trechona*: D1-Ribeirão Grande, SP; D2-Boracéia, SP; D3-Floresta da Tijuca, RJ; D4-Caparaó, MG; D5-Cotia, SP.



**Fig. E1 *Trechona rufa***



**Fig. E2 *Trechona venosa***



**Fig. E3 *Trechona rufa***



**Fig. E4 *Trechona venosa***



**Fig. E5 *Trechona rufa***



**Fig. E6 *Trechona venosa***

Fêmeas *Trechona* em diferentes posições: *Trechona rufa* (esquerda); *Trechona venosa* (direita).